PERMAFROST

VOLODYA

PERMAFROST

Sobre a Partida do Ignorante-Sacrossanto para Além da Terra Dominada pela Mão do Homem

Volodya

2024 E.C.

À Laura, por ter sido minha principal confidente e leitora durante este projeto, além de sempre ser uma pessoa amável, gentil e maravilhosa.

À minha família, especialmente minha Mãe, por estar sempre ao meu lado e ser minha melhor amiga para toda a vida, a pessoa que mais me entende.

A Gabriel, Guilherme Rafael e Pedro, por me ajudarem a passar por várias partes de minha vida com uma amizade incrível. Vocês me "bafulam", sério.

A todos aqueles que não pude citar, mas que estarão para sempre comigo.

Aos brasileiros e brasileiras.

SUMÁRIO

PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO

Existem milhares de outros garotos tais quais como o paulistano, olhando para o nada, vendo o horizonte, em suas botas e jaquetas de couro, se imaginando como um deus. O paulistano me controla a mente desde muito tempo, e sua voz tímida, seu rosto de tamoio transportado para a anarquia, a metrópole gótica, suas frases rebuscadas e desnecessárias, sua fala poética e árcade persistente, besta e inútil me envenenam. Ele me dá uma obrigação, um dever divino, um que não sei o meio. E, como infeliz detentor do título de escritor, é minha cruz suportar seus maneirismos. Pelo amor, nem sei seu nome! Mas ele se revelará a mim com o tempo. O garoto se imagina um estiloso membro da civilização dos céus, mas continua inseguro. Ele se imagina, às vezes, como um estereótipo de bravo cavaleiro Berserker contemporâneo, um honrado membro da raça de Deus, e às vezes, se vê só como um sombrio, introvertido, um triste, mas poético, infelizmente ser urbano. Uma dicotomia entre divindade imaterial e impotência material. Não sei se devo quebrar suas ilusões. No fim, suas fantasias são máscaras.

Ele cria um panorama meloso, ele muda o papel de parede, ele veste seu All-Star, ele julga aqueles na sua volta, ele se afunda nas entranhas de um dédalo complexo onde, para aqueles se aventuram num terrorismo fútil e juvenil contra a resistência real, não há volta. Eu espero, do fundo de meu plástico e morto coração, que seu papel como marionete da resistência surreal e tola seja o mais benéfico para ele: mas ele sabe, muito bem, que nesse ninho de vespas que é a psique enferma, a maioria das portas só dá para mais fundo na perdição.

O garoto merece dó? Talvez. Talvez mereça julgamento, ainda. Não sei merece nenhum desses vindo de mim. Eu sou aquele que deve prescrever como seu caminho infeliz se sucede. Não sou digno de ter dó de qualquer um. Para se ter dó, se precisa merecer dó antes. E meu trabalho não é nem santo, nem justo.

Acaba que, no fim, eu igualmente sou nada mais do que um indivíduo pobre de espírito, que, para aliviar meu pecado de existir, deve percorrer pros outros o caminho do inferno. Se o paulistano me foi dado por Deus para atravessar as escadarias desse mesmo inferno, eu, outra alma perdida, irei levá-lo. Pelo menos, nós

dois não estamos aqui pelas mesmas razões: eu me situo como empregado do diabo (ou de Deus?) pois decidi fazer de minha vida a trova das outras almas; eu me sujeitei a fazer o trabalho sujo, me dei a honra impura de levar os pobres coitados pelo caminho que eles decidiram fazer. Hoje, é meu dever levar o próprio pela passarela que ele decidiu traçar. Infelizmente, aqui, não dá para saber quando a passarela foi feita de forma sã ou não; em casos inúmeros, os infelizes descendem, insanos, esperando que, ao descer muito, darão meia-volta e cairão de volta no Céu. O paulistano, com um artifício muito bem montado, pôde ignorar suas reais necessidades e, assim, se permitir cair nessa passarela de cada vez maiores loucuras para lidar com as mesmas necessidades, mas de forma errada, por conta de uma súbita, mas justificável, insensatez. Acontece que, caso ele realmente fosse enfrentar o mundo sem fazer esse traçado, cairia estatelado na calçada da vida por sua ignorância. Quem sabe o que ele queria atingir ao abrir os portões de sua mente para esse caminho composto de violações, de fantasias ilógicas. Eu não sei. Mas, aqui, acho que os outros poderão então compreender suas razões, para assim ter piedade ou ódio de sua alma.

Mas eu não. Eu tenho apenas de ser Caronte para o paulistano. É minha única obrigação. O resto é resto.

CAPÍTULO 0 - PÔR DO SOL

IMóvel no assento por poucos momentos, o balanço do ônibus me deixa cansado. Um, dois, três minutos; parece que é a mesma santa avenida. Uma noite a mais. Ou a menos. Estou com calor. Os bichos de luz rodeiam as janelas sujas do ônibus e parecem me atordoar conforme eu sacolejo a cabeça para tentar, com grande fracasso, evitar suas bordoadas acidentais.

Pressenti o ponto final antes que viesse, por costume. Começo a caminhar pela calçada disforme, evitando os postes de luz, passando pela mercearia fechada, o bar de esquina, o prostíbulo disfarçado de boate, os portões e os vigias noturnos. Mas o portão meu logo está aí.

As velhas escadarias do prédio amarelado me dão tensão. Uma barata passa tonta pelos degraus de seu lar que finalmente é útil aos humanos – elevador quebrado. Meu apartamento se abre, dando inicialmente uma sensação de conforto, de "lar doce lar", mas que logo se torna desprazer conforme o cheiro de pó emana do interior das paredes velhas.

São Paulo é um verdadeiro labirinto dessas mazelas físicas, esses blocos de concreto, em seus três ou quatro andares construídos quando, sei lá, a moeda ainda era o cruzado ou alguma coisa assim, onde os mesmos porteiros definham por décadas com seus salários miúdos, onde os síndicos batem boca com os locatários e os homens e mulheres, de diplomas do Ensino Médio, saem para trabalhar às cinco da manhã para ir ao Tremembé, ao Itaim, à qualquer bairro como esses, pegando a Linha Vermelha, sendo os típicos vendedores, contadores, marceneiros, professores do Ensino Fundamental. Uma gente "boa", "católica", "empregada", "apressada".

Eu, por bem ou por mal, sou apenas filho da mesma classe, infelizmente, apesar de tudo. De aluguel a aluguel. Acho que estar preso nessa noite, com seus "belíssimos" (para mim risíveis e infelizes) 30°C,

me vê, com seu ar quente, sabendo que amanhã, e depois de amanhã, e ano que vem, e além do tempo imemorial, estarei igualmente sob seu céu apocalíptico, que anuncia a alvorada de um novo dia pra bater ponto e caminhar sob o Sol do meio-dia vindo aí. Eu e mais mil milhares, enfurnados nessa mesma situação. Devo suportar. Esse fardo interminável - conviver com este país tropical. Do calor de Capricórnio às oito da noite. Estou sendo besta demais. Muito filosófico pra só um bafo quente de janeiro.

Ah. Toca o telefone de súbito, o som me assustando. Nessas horas? Alguém deve ter morrido.

CAPÍTULO I - FORMOL

Ultimamente, eu tenho tido pouco trabalho na editora. O Seu Nunes parece estar cada vez mais ocupado com sei lá o que ele faz durante os dias úteis. Talvez, pro meu bem, isso indique que ele não queira pegar mais muito no meu pé.

Ainda, a folha do jornal na minha mesa me dá uma única sensação triste. Os mesmos santos erros. Mesmíssimas erratas a serem feitas sobre o clima ou alguma questãozinha geográfica em uma ou outra matéria. Meu trabalho é tão esporádico, mas ainda assim, parece que tenho de fazê-lo da exata mesma forma fastidiosa, chata, sempre que necessário.

A faculdade parece inútil quando eu me vejo aqui, sentado, com as costas doendo pela cadeira de madeira velha, observando palavra a palavra do texto vindo da redação sobre a virada climática seja lá em qual estado, corrigindo minúcias que aparentam ser de tal pequena importância pro leitor cotidiano, que eu apenas me sinto uma besta escrevendo o que ninguém vai ler. Mas paga. Um pouco.

Nos meios tempos frequentes entre uma redação e outra, enquanto apenas vejo o teto rachado, se passam imagens frequentes das mesmas coisas de sempre – o nada - para esquecer, por poucos momentos, da cadeira dura e do Sol passando entre as frestas da janela quebrada.

Caminhando pela rua na hora do almoço, outros dez mil assalariados andam com sua intensa e típica pressa proletária, indo para os self-services - e o mesmo se passa comigo. Enquanto ando, olhando para os rastros de grama esmiuçados nas bordas da calçada, abro o celular. Mensagem da Mãe. Não quero ler. Me mandou ontem. Ou hoje. Não sei.

Os horários, no plural mesmo, passam de forma despercebida usualmente. Me ocorre que a repetição da ida à editora, da escrita, do

almoço, do resto da escrita, da volta para casa, estes horários premeditados e cortados igualmente ao longo do ano, tem uma característica inerente de passarem tanto de forma rápida como lenta, paradoxalmente. Eu, seu Nunes, Mãe, os funcionários e suas camisas sociais, o salário de empregado esquecível, o locatário do apartamento velho, o transporte público, em um processo longo de repetição; é o preço a ser pago por algo. Estou incerto do quê.

Porra, passou das duas e nem comi. Já é hora de voltar pro escritório.

Sem querer abri as notificações do celular enquanto definhava na cadeira, então vi pela mensagem que o enterro da avó é hoje, na Quarta Parada, conforme Mãe havia me dito anteriormente no telefonema, mas acho que só esqueci. Mãe fez um escarcéu com a morte dela, então devo ir. Acho. Bem, pelo menos são três dias de folga.

Fui até e me encostei contra a mesa do Seu Nunes e lhe disse, categoricamente, minha devida situação. Ele me olhou, aparentemente com certa confusão que não sei discernir a razão, e afirmou:

"Bem, Tales, primeiramente meus pêsames. Claro, pode tomar seus três dias – apesar de que, se aconteceu ontem, meio que você só tem amanhã e depois de amanhã. Mas, bem, perder os parentes é muito difícil, né?"

Apenas concordei com a cabeça e deixei o escritório. Que outro funcionário terminasse a errata da onda de calor no Sergipe. Ou era Alagoas?

Seis da tarde. Mãe, infelizmente, veio me buscar com seu Fiat Uno. O carro parou alguns metros na minha frente, e eu, enquanto arrumava o cabelo para trás das orelhas, mal olhei para o interior dos vidros embaçados enquanto entrava já na parte de trás do carro, fazendo curto contato visual com Mãe pelo retrovisor balançando, com sua aba conectando ao teto quebrada. O olhar meloso e o cheiro de cerveja barata no carro me indicam que ela tem vontade de passar pela conversa

usual para uma situação desse tipo, com as mesmas "tréguas" e "momentos de acolhimento" comuns a momentos de morte. Não quero fazer isso. Ela que guarde seus olhares marejados.

O caminho é maçante. Às vezes creio ouvir a Mãe dar algum pequeno soluço ou tentativa de início de conversa utilizando dos mais típicos grunhidos, mas ignoro. Os recentes anos mostraram um fluxo contínuo de se haver as mesmas coisas em relação a ela: desde que me mudei, continua alternando entre melodrama e irritação quando fala comigo – coisa que só ocorre agora em situações especiais, como, pelo jeito, esta. Para mim, desde que eu possa ter uma folga, está bem.

No cemitério, vejo a pequena aglomeração de tias, de primos de segundo grau, das crianças de colo que não sabem o que estão fazendo ali. Essas multidões em situações do tipo trazem toda forma variada de desconfortos e chateações, então quem me dera apenas atravessar a situação de uma vez e ter comigo a folga – infelizmente, para algo desse porte, eu não tenho como escapar assim. Bem, irá logo começar o velório, para então acontecer o enterro. Lá vamos nós.

Minha mãe silenciosamente puxa a barra da minha camisa social azulada. Ela tenta me levar para perto do caixão, e eu sigo por ócio, mesmo me sentindo sinceramente desgostoso com isso. Em torno do cadáver já estão conjuntas as senhoras de vestido florido lamentando enquanto o resto do grupo observa com esse olhar doce, de uma tristeza (seja ela real ou falsa) quieta. Para mim, todos ali, exceto as outras ignorantes velhas, sabem muito bem que eles têm muito mais a se fazer do que ver por 20 minutos consecutivos um corpo, ensaiando em suas cabeças falsas rezas. Eu a olho em seus olhos fechados, a pose angelical como a de todos os mortos "dignos", seja lá o que isso quer dizer. Isto deve bastar. Vamos logo.

Conforme os funcionários do cemitério entram sorrateiramente na sala onde o caixão aberto, envolto das coroas entornadas de "Família Mendonça" e coisas do tipo, já vão pronunciando e logo pedindo para

tirar do lugar a massa inerte com cheiro de formol e encaminhar para o enterro.

Mãe, usualmente, tenta evitar contato duradouro comigo. Uma atitude sã de muitíssimas poucas da parte dela. Porém, agora, novamente, me olhou com seus olhos tortos, como se de presa, e me pediu com uma voz muda para mim, conforme suas próprias palavras, "ajudar a levar sua avó uma última vez". Minha percepção naquele momento foi de que, caso eu cumprisse com o que ela dizia apenas por um singelo segundo, ela não iria me importunar pelo resto de um bom tempo. É claro que estou errado, ela não se cansa de mim. Mas então eu me compeli a cumprir, com a maior agilidade possível, seu pedido sem peso nem impacto.

Enquanto os homens se juntaram para levantar e carregar o caixão, olhei de relance aos seus rostos e não me lembrei de nenhum. Erguendo o pesado caixão, levanto o canto inferior direito e vou, com a mesma camisa social do escritório da editora, carregar o corpo da mulher. Então, meus braços confusos carregam, maquinalmente, junto de outros braços e caras desconhecidos, o pesado compartimento. Deixando então, lentamente, o corpo envolto da madeira dentro do seu buraco especial, com a maior rapidez que posso só vou de volta para o meio das pessoas, tentando fugir da atenção. Agora, o objetivo é ver o tempo passar.

Admito que, depois disso, comecei a ter abstrações e dissociei com facilidade. O discurso do padre fora terrivelmente entediante, e apenas me lembro de como seu queixo era quadrado demais para o rosto redondo e fora de forma do idoso. O pequeno ruído saindo da sua garganta aparentemente estava emocionando às senhoras floridas, coisa que não entendi, já que para mim ele devia estar falando em Latim eclesiástico.

Logo após, eu tive um relance fútil de esperança de que minha mãe apenas decidiria me levar para casa por conta de meu esforço

estoico, mas pelo jeito para ela pouco importa. Eu peguei o ônibus e dormi durante grande parte da viagem. Acho que sonhei com o *Merzbow* do padre, um incessante barulho que era para significar algo, mas que, no meu sono, fora apenas estranhamente relaxante.

A rua de novo está vazia. Acho que é porque ainda se está de férias pra uma boa quantidade de gente. Eu, porém, tenho de pagar meu aluguel para a Dona Irene, então devo ir bater ponto (infelizmente). Aliás, se existe uma carcaça interessante de se comentar é ela, estou certo; sua cara é a de um camponês russo transplantado contra um corpo miúdo, os louros (porém esbranquiçando) cabelos plásticos adornando seu topo, como que cobertos de brilhantina já pelo nascimento; o vestido velho de uma leal evangélica, os dentes amarelados, a voz de um roceiro fumante com as palavras de uma donzela. Bem-casada, de cinco filhos, todos criados "muito bem sob a Igreja", como ela diz. Vive alugando pequenos apartamentos enquanto o marido - um calvo e irritadiço mecânico chamado Claudemir - sai para ganhar o pão de cada dia do sobrado deles na Rua Saigon. Eu imagino que o sexo deles deve ser terrível. Mas esse tipo de pensamento é nojento de ser suposto.

Infelizmente, tenho de semanalmente lidar com a desocupada cheia de crise de meia-idade e seus diferentes óculos maiores que a cara. Quando não é para cobrar o aluguel (idiota – ela poderia muito bem fazer isso pela Internet, mas eu não me darei o trabalho de ensinar uma quase idosa), é para vir "ver como estão indo as coisas", muito provavelmente uma desculpa para julgar como organizo a preciosa propriedade privada dela e para, então, me levar rumo uma conversa de pelo menos quarenta minutos onde ela me explica a história de como Fernando, ou Ferdinando, alguma coisa do tipo, vai viajar pra Cabo Frio com a noiva, e como a noiva dele é uma moça "do mundo", muito sem modos, e eu apenas a ouço esperando que enfim acabe - mas parece que nunca acaba. Um dia, enquanto ela descreva sobre como a padaria da Rua General tal é muito melhor que as "biroscas" da região ou como seu marido tenha tido de demitir um "querido" funcionário e isto o deixou

tristíssimo na última terça-feira, eu quero ir e quebrar em sua cara os óculos redondos, quero lhe gritar para que se jogue daqui, do segundo andar, já que isto apenas a dará uma tetraplegia pelo resto da curta vida dela, em vez de matá-la; irei então ocupar o apartamento, e o Claudemir e os seus cinco ou seis ou sete ou oito filhos, grandes representantes da magnânima Igreja Universal do "Reino de Deus", irão bater contra a porta, e eu mesmo terei de me jogar da janela, para a "felicidade geral da nação". Mas isso, eu digo, não é nada que eu realisticamente faria, considerando minha situação: a Dona Irene continuará recebendo seus aluguéis e eu continuarei escutando como ela vai passar o Carnaval em Aracaju. Graças ao bom Senhor!

Bem, retornando, janeiro tem sido um mês estranhamente ativo, considerando como ele é usualmente o mais quieto. Tenho de ir para a editora todo dia, passando pelo Sol escaldante de um verão do Século 21. Normalmente, eu faria questão de só tampar meus ouvidos e ficar olhando os traços de capim entre as rachaduras da calçada até chegar lá, então dar "bom dia, bom dia, bom dia, como vai a filha, é mesmo, dia quente hoje não é, bem, preciso ir trabalhar", e aí então fazer aquilo de novo e de novo, ajudar os estagiários saídos do Ensino Médio a escrever, ficar sentado de pernas pro alto, ler o que se passa em Paragominas ou Imperatriz ou Bagé e verificar a escrita daquele texto sem sal, sem caos, só a polícia, só a fome, só o latifúndio. Então passar as próximas 8 horas nesse longo processo, esperando que venha um vento, uma brisa, um agrado de Deus pela janela - mas não, não vem, só vem a luz solar. E a luz me queima, me deixa desiludido, e me ergue dessa fotossensibilidade e termossensibilidade uma apoteose incrível pelo Inverno de mundos distantes, onde os esquimós estão nesse momento comendo peixe cru e, talvez, pegando salmonela (mas, na verdade, eles já devem estar acostumados com isso). Não que eu realmente considere esse tipo de coisa válido ou fazível hoje, mas a tamanha distância existente dos infortúnios do dia a dia me alegra e me deixa em paz de espírito completa. Ah, mas quem me dera! Porém, eu "adoro" meus grilhões, e com eles eu sempre fico.

O apartamento é um contraste bom e grandioso com o tal do Nunavut. Ele também faz paralelos claros com a editora. Sinto que, tanto no apartamento como na editoria, existe um nobre pretensioso, de roupa justa e português adequado, governante de uma fatiazinha da terra do Sol, o Brasil. A minha vida é baseada em ir de um feudo pro outro, uma "dádiva dada pelos céus", certamente. No apartamento, já relatei sobre a condessa Irene, e na editora vemos o arquiduque Nunes. Porém, aqui, no prédio empoeirado, posso me escapar da vista da senhora feudal por alguns momentos. Agora, ela não está entre nós; posso usufruir dos pequenos prazeres de um servo camponês.

Dentre estes momentos aprazíveis, posso citar quando eu me sento na cadeira de cozinha velha e, encostando contra a folha do grande papel, me perco na luz aparente que sai do longo cavalete, vendo só as linhas emaranhadas de pinheiros de taiga, tundras pantanosas, as vilas com 100 habitantes na borda do Oceano Ártico, sim, sim, sim! Um pouco mais verde, só um pequeno toque! A linha ferroviária indo pro mar em um nuance de vermelho escuro, escureça a aurora boreal! Oh, Deus querido, como o Senhor me propõe maravilhas ao deixar flutuar este iceberg intacto desde a Baía de Hudson até a Baixada Santista, para então subir a Serra do Mar e se paralisar na frente do meu prédio bege.

Quando eu me deixo perder nisso, é uma felicidade imensa. Agora, o tempo é curto, tenho de premeditar a janta, o período no celular antes de dormir, o sono, o acordar, o café da manhã, os outros treze pequenos momentos de procrastinação entre eles; quem sabe, porém, nos parcos tempos livres entre os feitos sistemáticos da noite e do dia útil, eu possa conseguir usufruir desse prazer besta – às vezes, para me esquecer do vento quente da tarde, eu gosto de fazer, de novo e de novo e de novo e de novo, as figuras das linhas belas do litoral ártico, seja na Sibéria ou no Canadá. Acontece que, assim como todo o resto, é necessário um corporativismo das atividades. Um é um, dois é dois; para a pintura, sou uma face de muitas, e nenhuma delas interage com outra. Existe um equilíbrio muito bem-feito, e assim que entro em casa parte

de minha alma sai do corpo, para alojar na casca vazia outra pequena parte. Caso contrário, quem seria eu?

Enfim, hoje foi um dia muitíssimo estressante, todo o inferno a se passar no enterro. Agora começam meus três dias de folga (mais ou menos: o primeiro dia seria hoje, mas me esqueci e acabei indo ao trabalho). Uma grande sorte, realmente. Nem sei o que vou fazer direito. Mas acho que eu preciso, com certeza, deixar refrescar a cabeça para não permitir o verão me tomar conta em corpo e mente. Então, voltaremos na quinta, fim da semana útil, só dois diazinhos, cabeça leve, calor amainado, e tudo continuará de acordo com o plano. A vida é assim para todos. Não me é diferente. Meu caminho é reto. E preciso seguir nele, usando de todos meus recursos para isso. Alguns me olham torto. Me olham, porque querem fazer caminhos curvados, porque querem viver e sangrar, deixando a vida levar. Eu já escolhi que meu caminho é de matar e morrer. E a semana, que vem agora, tenho ela traçada; vamos, passivamente, vendo as bocas-de-lobo e o cimento quebrado na Avenida João XXIII, e ela, assim como a próxima e a depois da próxima, serão um pequeno passo na minha lenta e bela degradação em carniça, concluída daqui muitos anos. E viva! Viva a continuidade de nossos anos! Vamos dormir, e vamos acordar, vamos detestar e sermos detestados, pois não temos tempo a perder – *eia, eia, alalà!*
Ah. É verdade, né. Eu tenho que jantar. Acho que tenho macarrão instantâneo ainda guardado no armário. De fato, sem tempo a perder. Que loucura.

CAPÍTULO II - INTERLÚDIO

A mercearia hoje está um pouco mais cheia do que estava semana passada. É, muito provavelmente, parte do ciclo contínuo que agora vai ter conforme o mês de janeiro se passa, e o resto dos trabalhadores voltam, por completo, aos seus postos, e não podem mais vadiar nas ruas. Eu só tive quatro dias de folga: Véspera, Natal, Véspera, Ano Novo.

O tempo está um pouco mais leve. 24°. Acalmou de ontem. Aqui dentro da loja, bate até uma pequena brisa por algum tipo de corredor de ar que passa da rua pra cá. O adolescente atrás do balcão até tá usando uma jaqueta corta-vento. Não é muito estiloso.

Eu preciso de... eu não me lembro, eu deveria ter anotado. Ossos do ofício de ser folga. Por eu estar aqui no bairro, em vez de apenas indo ou voltando do trabalho, as pessoas já estão olhando, tolas. O tio de regata branca suja, dono do fino estabelecimento na qual me situo, me olhou meio esquisito quando entrei. Deu uma analisada em mim dos pés à cabeça, e então me deu um assovio incômodo, como se eu fosse um papagaio, baixo, mas agudo.

Em uma linguagem faltosa, ele me diz algo nas linhas de “Meu jovem... pêsames, tudo de bom, Deus abençoe, mãe”. Não sei, não me dei o trabalho. Só sei que enquanto ele me falava, percebi que sua barba estava por fazer e seus óculos escuros eram de um tamanho descomunal, fazendo parecer um estereótipo de “cara legal”, em toque com a “garotada”, mas acho que ele já é divorciado e deve ter disfunção erétil. Não sei, chutes.

Saindo da mercearia com as duas sacolas, número exagerado para as parcas coisas dignas de uma pessoa que mora sozinha e ganha mal. Peguei só uns negócios que me lembrei, ou que tive vontade. Na

minha carteira arranhada, só me tem a identidade e o cartão de crédito, sem muito dentro de si. Apenas o necessário para sobreviver cada mês.

Meu nome, ou melhor, o nome que me foi dado, é estampado com palavras garrafais no plástico, ou seja lá do que é feito o cartão. Que besteira. Deram dinheiro, cujo tal eu poderia usar para qualquer coisa, à um "inconsequente", como diriam alguns dentre o ninho de tênias. Acho que é assim que é pra funcionar mesmo - os cuspa e os denigre em seus pensamentos, retire a santidade de seus nomes, para então lhe dar identidade no mundo do empréstimo e da inflação.

Voltando agora pro apartamento, eu havia já me esquecido como são dias de folga, mesmo tendo tido alguns poucos há menos de dez dias. O tempo ameno dá uma moleza no corpo, e eu passei a manhã toda só deitado. E então, você se martela na cabeça, pensando que era pra estar "aproveitando", coisa que não entendo exatamente o que significa. Olhei pro computador, pensando em algo para se fazer, fiquei lá, uns dez, vinte, trinta, quarenta minutos, não sei quanto.

Mesmo que seja uma terça-feira, tem tido uma puta de uma festa infernal nos arredores do prédio, e eu não consigo prestar atenção a qualquer coisa que veja no meu apartamento por conta do ruídozinho do pagode no fundo do ouvido, interferindo com a aura. Mas esta não é a única das minhas chateações pra um período que era para ser razoavelmente pacífico; Mãe tem ligado no meu telefone algumas vezes, não sei qual é o assunto afinal que ela quer me dizer – a Vó morreu, eu não moro com ela faz anos já, quais os laços nos conectando? Ela quer me pedir algo? Será que o que fiz para fazê-la deixar-me em paz na verdade a fez mais relaxada, aberta para pedir coisas e se abrir comigo, coisa que nunca foi minha intenção em primeiro lugar? Nem sei. Só sei que não posso bloquear seu número de telefone como já fiz antes, caso contrário ela vai vir e começar de novo com suas proclamações de quase-gritos na minha porta depois de querer algum favor, fazendo biquinho. Deus, por quê? Porque é que não posso simplesmente fugir dela, ou, melhor, ela fugir de mim? Nem sei como, quando, onde, mas

uma hora, ela some para sempre, viva ou morta; os céus sabem e estão do meu lado nisso, certamente.

O trabalho, Mãe, a rua quente com o Sol de meio-dia; coisas que, quando consigo evitar, evito, mesmo que pra isso eu tenha de escavar trincheiras e erguer usinas nucleares. Graças a Deus, seja lá quem ele é, eu consigo alívios ocasionais, pois ele sabe de meu sofrimento.

Voltando ao meu apartamento, posso dá-lo uma boa olhada, o que normalmente não é algo muito bom (afinal, sua aparência não é digna de ser considerada qualquer forma de palácio etrusco). Enquanto a porta emperra ao tentar fechar ela com a chave, só dá pra sentir um mesmo cheiro característico – uma mistura do cheiro de pó no fundo do nariz, quase imperceptível mas ainda incômodo, com o cheiro quase que já santo do chão de azulejos brancos, sempre tão presentes principalmente nas cozinhas das famílias assalariadas pobres, sendo que mesmo que você limpe ao máximo o piso com grande asseio, ainda sim entre as bordas dos azulejos se vê alguns fios de cabelo soltos e o azulejo ainda aparenta levemente amarelado, ou ao menos bege. Isso tudo conjunto do cheiro longínquo do arroz-feijão, que de tão comum e tão único que se tornou uma espécie de massa olfativa singular sem quaisquer variações quando se está numa rua comum do Brasil. O cheiro realmente existe e persiste às vezes, pois sua onipresença é tão clara que você se esquece dele. Sua permanência no fundo em todos os horários, mesmo quando não pensas que alguém em sã consciência estaria comendo arroz com feijão essa hora, é realmente um pouco digno de ficar indignado.

O sofá nunca teve nenhuma adição. Tem uma estampa florida, mas de cores mortas amarronzadas, quase como se tais flores estivessem já realmente mortas, mas não tristes; sua presença é tão insossa e séssil que, pra maioria, é só, sei lá, uma forma de existência eterna, mundana, sem mais nem menos. É desconfortável, você não quer se deitar aqui por mais de dez minutos a não ser que deseje, de propósito, conseguir um torcicolo por algum fetiche. O sofá parece pouco importante, é verdade;

porém, ele, dentre os móveis da casa, todos tão marcantes, úteis e invisíveis, baldios ao mesmo tempo, acaba por ser um antro de perversão alheia, um espaço na qual toda e qualquer visita, ou seja, toda e qualquer invasão, se senta com grande narcisismo, me pedindo isto e aquilo entre suas linhas de frases amigáveis, mandando Deus vir comigo ao fazê-lo. O sofá me enoja. Nele, se passam as frases de mães e de avós, de Testemunhas de Jeová e de eleitores de presidentes, deputados estaduais, prefeitos. Minha casa, um sacrossanto espaço, cheio de maldições em seus cantos, tem apenas uma falha em sua estratégia: o sofá. Minha própria Stalingrado.

Quando me vejo aqui, definhando mais uma hora pela tarde longa que não sei quando começou pois não sei que horas era ou que horas são em um dia como esses, acabo apenas percebendo que se pensar nos escapismos idiotas de tundras e de arpões contra caribus não é exatamente muito útil. Mas, o que é útil? Eu estou sendo útil? Eu sou útil pra alguém além de mim mesmo? Será que sou útil a mim mesmo, mesmo? Qual é esse caminho que eu tracei? Me disseram, me disseram vez sim e vez também quando na minha cara só se crescia um capim ralo que eu preciso ir pelo propósito meu de vida, caminhar na "estrada", me levar à Deus e fazer tudo certo, "bom e moral"; ganhar dinheiro em uma ótima faculdade, construir uma casa, deixar minha mãe rica com meu esforço, transar depois de se casar com uma moça de "ótima criação" (como se ela fosse um cavalo de corrida a ser comprado) e ter três ou quatro filhos, trair minha esposa, para assim então fazer com que minha cria aprenda de meu grande valor e fazer o mesmo, pois é assim que Adão e Eva abriram o precedente às muitíssimas gerações seguintes, cinco mil anos atrás. Bem, quem sou eu para contrariar isto? Não sei nada sobre a parte do dinheiro, afinal, não creio que minha faculdade em Letras, feita numa construção qualquer com fachada universitária na esquina da avenida, me garanta infindos recursos. Também não vou me casar.

Mas, como já disse, eu não sou ninguém para contrariar Deus; ele me fez eu (e eu posso apenas ser eu), coisa que não entendo por que fez, mas fez, e é isso que sempre me foi dito para entender e aceitar. Posso me fazer de difícil quase sempre, mas se Deus estiver do meu lado (e ele está!), sei que Deus deu, finalmente, para os homens de camisa social, uma verdade; ele finalmente os deixou sair da ignorância por um mero segundo para me contar que devo me manter sempre sob Deus, para então os jogar de volta na sombra da insensatez. Muitos me parecem que caem nessa armadilha, que não sei se é ação intencional ou não por parte de Deus; eles se juntam, gritam seus louvores e suas adorações à Ele, matam, comem, sujam e esperneiam, mas, no fim, eu sei que morrem impuros, implorando para serem poupados, assim como o resto dos outros infiéis; e não digo isto na questão de religião, muito pelo contrário – eles criam suas igrejas e seus cultos, tentam fazer lógica de Deus, mas eu sei muito bem por meio de minha proteção divina que eles estão perdidos para sempre e apenas poucos como eu o tem ao seu lado. Infelizmente, fui deixado para conviver com os outros. Mas isto não é narcisismo meu; é apenas uma espécie de, com certeza, seleção natural. Devo suportar, sim, sim.

Depois de ficar andando de um lado pro outro conversando sozinho sobre isso, percebo então que já é meio tarde, e, mesmo que é folga, eu meio que não tenho nada a se fazer, então é melhor me deitar logo; pois, mesmo que ouvi muito que ao se deitar e ficar sozinho você tende a ficar muito pensativo enquanto não consegue dormir, eu pessoalmente espaço esses pensamentos muito bem ao longo de todo o dia – afinal, não é como se eu tivesse multidões atentas à mim, apenas ocasionais irritações, então minha linha de pensamento, apesar de muito divergir em assunto ao longo do dia, existe continuamente. Então, normalmente, ao me deitar, eu só decaio em um grande vazio.

Amanhã já é o último dia, então, da folga, por conta da segunda que eu passei toda no velório. Acho – eu não me lembro quantas horas passaram lá, ou quando que eu saí, só sei que depois de sem querer ir

trabalhar e então pedir ao chefe para pegar a folga eu fui lá. Mas o que importa, é que, pelo menos, ainda existe uma noite de longo sono, graças à Deus. Me deu uma ocasião súbita de descanso com essa licença.

Acordei, o cabelo desgrenhado por apenas um lado ter ficado pressionado contra o travesseiro, meus olhos embaçados mesmo que eu os lave por alguns bons segundos. Lá fora já faz um Sol quente; o pequeno espaço de tempo após o calor sufocante de pouco tempo atrás, pelo jeito, foi apenas um dia de mornidão vinda de uma chuva de verão, aquela que cai sem se sentir e deixa subir um vapor quente, cheiro de água misturado com cheiro de cimento, e agora já se acabou a pequena graça que os céus me deram. As temperaturas máximas já estão beirando os 30°C de novo, mas provavelmente vai ir acima da borda nos próximos dias. Deus, qual que é o problema com o calor? Qual que é o propósito de me jogar nesse pequeno inferno?

Bem, eu vou comer cereal no café da manhã, e não sei se tenho vontade de fazer outras coisas específicas no restante do dia. Já é 10:30 da manhã, acabei dormindo, sei lá, umas 12 ou 14 horas, não me lembro de quando fui pra cama; ela é dura, inerte, mas eu só me decaí em um profundo sono facilmente ontem, sem muita razão que eu possa perceber.

Hoje, me sinto numa fronteira; amanhã é mais um dia como todos os outros, e o metrô pegarei, o ônibus igualmente, farei o mesmo caminho de todos os outros dias, e, ainda assim, existe um tipo de imagem agridoce de que, logo, a estrada aberta de minha vida tomará um atalho curto e veloz, e nomes como Seu Nunes ou Dona Irene não passarão de relíquias do passado, presentes na grandiosa galeria de minhas lutas ao longo da vida. Mas quem estou tentando enganar, afinal? Não dá para dar grande pulos nessa espécie de trajeto sisífico, apesar de que dá pra se despencar em buracos nele.

Porra - de novo isso! Eu fico nessa mesmice, indo e vindo na minha cabeça sobre sei lá que coisa, e, no fim, já se passou meia-hora e a

tigela de cereal tá sentada no balcão da cozinha. Minhas dissociações têm aumentado desde que eu saí de casa; elas tiveram um, sei lá, salto imenso durante a época de ruptura com Mãe, já que, obviamente, os surtos dela sobre o que eu devia ou não fazer, querendo sempre interferir comigo, sempre se afundado em bebida e em choro, claramente para me fazer sentir qualquer forma de dó, coisa que pra mim não faz nenhum sentido considerando como ela sempre me destratou, ignorando minhas capacidades. Bem, dissociei de novo. Mas, é, desde que me mudei pra cá esses momentos têm sido bem mais frequentes; acaba que, calma, tenho de ir me sentar pra comer o cereal, acaba que é apenas uma forma de ficar entretendo minha cabeça. Afinal, com quem é que eu posso falar além de mim mesmo?

O cereal está meio velho, o açúcar parece ter já como se aglomerado todo no fundo depois de um tempo e eu devo ter deixado aberta a caixa. Não tenho vontade de almoçar hoje; também não quero ir continuar qualquer projeto de pintura, não quero, não quero, não quero nada. Deixe-me levar até amanhã logo, que eu acabei premeditando grandes maravilhas pra essa folga sem precedentes, mas acabei só entrando em um processo de reinicialização, pronto para então ter que retornar às mesmas coisas no dia seguinte, pois, mesmo que tome 10 ou 20 ou 30 ou 300 dias de folga, meio que o trabalho não sai das tuas mãos – é quase que memória muscular, me parece.

E hoje é dia de assembleia no prédio, vão estar todas as figuras, Dona Irene, suas camaradas-em-armas (todas ajudando na luta quase que digna de uma nova Guerrilha do Araguaia para enfim conseguir se tornar síndica), as velhas e a síndica, uma mulher de meia idade que eu não conheço, só ouço o nome vindo das maldições provenientes de Dona Irene, pois supostamente fez isso e fez aquilo; aí essa suposta generalíssima coloca papeis no elevador, esperando que os desavisados e curiosos leiam e entendam sobre suas razões pra isso, pra aquilo, e foda-se. Exatamente por esse siricutico coletivo eu prefiro ficar em casa, esperando as horas passarem.

Cristo, a televisão não tem nada além do jornal da tarde relatando as minúcias chatas, nada além de filmes ruins, nada, nada! O Sol quente que vem depois de uma curtíssima tempestade de verão passa abaixo da cortina da janela, esquenta a fronha do travesseiro no sofá; me bate uma fome, um calor, um desconforto.

Quer saber? Que se foda. Disse que ia então definhar hoje para passar o tempo mais rápido, deixando dissociações levarem as horas adiante. Em vez disso, irei rabiscar qualquer coisa no quadro. Vamos. Outro, outro; mais um! Quantos já foram? Em meu quarto, no armário pressionado contra a parede de fundo, já deve ter uns 20 a 25 quadros de coisas no extremo isolamento do mundo, mas, como sempre, tem de não ser apenas terreno, caso contrário perde a característica estranha e linda de ser uma expressão física da dissociação; tem de ser surreal, tem de misturar o Nunavut com o Lago Baikal e tem de ter Deus em todas as partes.

Vamos, então – que mais tenho a perder?

CAPÍTULO III - DESTITUIÇÃO

Acordei hoje confuso, cansado e suado. Me vi com o corpo todo torto contra o chão, uma perna no alto sobre minha cadeira, e a pintura de ontem terminada. Eu não me recordo de nada que aconteceu direito depois de um certo ponto enquanto pintava; só me parece que eu pintei através da madrugada e cai no piso frio do meu quarto depois de não aguentar mais, presumidamente ao terminar.

Todas as minhas juntas doem por conta da posição em que fiquei, ao dormir quase que todo já no chão, caído. Me levanto, e, bem, a pintura é certamente confusa; eu não me lembro bem, como disse, então não lembro igualmente o propósito dela. É uma vista de um grande lago congelado de uma perspectiva logo numa praia de pedrinhas, com bordas de tundra em torno do pouco do litoral que se dá para ver, e, com o infinito lago congelado, ao fundo, as nuvens formam uma espécie de tempestade compacta, distante, mas visível, fazendo um padrão quase que fractal. As cores são confusas, com pinceladas de tintas aparentemente aleatórias em meio ao azul do lago e do oceano, fazendo como se fosse um "impressionismo" confuso, como diriam os engravatados de um lado e *hippies* com suas amadas escolas de arte do outro. A questão é que uma quantidade considerável de minhas pinturas se acaba em situações do tipo – vou e esgoto todos os meus esforços em um frenesi súbito, liberto as dores nas mãos vindas de ficar digitando e escrevendo na editora, ponho tudo em uma violenta e curta obra, uma natureza não morta, mas viva, vibrante, e ainda sim assassina para quem ousa a ultrapassar. É lindo!

Mas, apesar de minha apreciação pelo meu próprio trabalho, coisa rara considerando minha humildade imensa, o celular está vibrando solto no chão, minha camiseta e bermuda estão encharcadas de suor e eu tenho um torcicolo terrível.

Sim, sim - primeiro o telefone. São, como posso ver, já quase dez da manhã. Duvido que eu tenha dormido mais de quatro ou cinco horas. Seguro o aparelho celular contra a orelha com uma relativamente forte pressão, para então poder ouvir o parco som que já noto vindo de longe pelo telefone.

Saindo do celular escuto uma voz, sanitizada e quase que robótica, me diz:

"Tales? Você está doente? Aconteceu alguma coisa? Não veio hoje para a editora, tenho ligado no seu celular já faz quase uma hora e meia, me explique."

Eu apenas respondi que está com um trânsito infernal na Radial Leste, coisa que obviamente não tenho como saber, pois estou no meu apartamento.

"Ok. Eu tenho algo sério para falar contigo, então, por favor, venha hoje, mesmo que você esteja já quase duas horas atrasado, para então conversarmos."

Disse para o homem que "estou a caminho". Jargão me irrita, mas eu conheço o bastante para sobreviver.

Para se descrever de forma justa, o senhor, meritíssimo, vossa senhoria de Manoel Nunes é patrão de uma digna editora entrincheirada nos confins de uma rua qualquer com firmas e pequenas empresas; ela é a grande fornecedora de um jornal local com circulação miúda entre os velhos raquíticos e senhores de meia idade, e também se enquadra como a publicadora de livros de, sei lá, 70 páginas, sobre qualquer merda desconhecida tipo a história de um bairro em Araraquara ou os escritos de algum membro do Seicho-no-ie, e eu, um tal de grande homem, responsável por revisar os textos vindos da redação para o jornal, que, por algum motivo, é físico, devo com vigor e linha dura endireitar os redatores, pois a capital de Madagascar não é Anatanarivo, ideia não tem

mais acento, não é "populaxo", não, não e não! Deixando relativamente o sarcasmo, os outros assalariados são acéfalos; por isso não podem nada governar.

Mas, bem, esse tal digno líder da editora tem, pelo jeito, uma pressa clara. Não vejo por quê; meu trabalho ultimamente tem sido apenas digno e correto, e sou exemplar. Se ele quer falar comigo, provavelmente deve ser alguma questão mesquinha, algum atraso no jornal, qualquer besteira do tipo, e ele agindo como se o atraso de dez minutos na impressão dos novos exemplares fosse algo catastrófico, digno de um épico medieval para relatar. Não irei me adequar às suas chateações – vou no meu ritmo para a editora.

Levanto, vou no banheiro, me olho no espelho: os olhos aprofundados com olheiras, a esclera avermelhada, minha boca seca e rachada, acho que já fui mais galã no passado. Meu cabelo preto, longo, está desgrenhado, com um *frizz* ruim. A barba parece por fazer. Já faz semanas desde que a fiz – agora já está quase cheia. Porém, quem que se incomoda com isso? Eu, pessoalmente, posso arrumar essas questões em outra hora. Então é melhor colocar a calça jeans, a camisa abotoada, meus tênis e lavar o rosto, que isso já o bastante.

O metrô lotado, ao passar pelas partes acima do subterrâneo, é inundado de uma luz clara, sem coloração, quente ao toque e que me deixa mais e mais adjunto de uma massa disforme de transeuntes dentro do vagão, todos amarrotados; o principal horário em que os dez milhões de trabalhadores vão pros seus empregos já passou, já é onze e meia, mas ainda está lotado. Tenho logo que descer na próxima estação; eu disse que vou ir ao meu ritmo, mas também não quero que o Seu Nunes fique me enchendo o saco por só estar lá na hora do almoço.

Desço, caminho, subo a escada rolante com a esquerda absolutamente vazia e a direita já formando uma fila interminável, pego um ônibus, coloração verde, em um ponto algumas dezenas de metros à esquerda da estação. Como eu já disse pra mim mesmo, o verão deu uma

acalmada de dois, três dias para então voltar – e aqui, sentado no microônibus com janelas sujas e sem ar-condicionado, dá pra perceber muito bem só pela temperatura do ar. Deus me livre; e ele logo irá.

Na rua da editora, caminho em frente à sua porta e abro, acho que não tem muita razão para ter decoro, pedir licença, bater à porta. Andando entre as mesas na redação, os poucos que pararam para tentar falar comigo no passado me olham confusos ou desapontados, por alguma razão. A maioria, porém, dos outros poucos que são empregados aqui, provavelmente nem me conhece, talvez só de relance.

No escritório do Seu Nunes, entro, o pegando de surpresa, que, logo, maquina para si uma peculiar cara de luto, quase que de profunda infelicidade, mas, ao mesmo tempo, de uma igualmente profunda artificialidade. Ele dá um suspiro bem audível, me encara e então diz:

"Venha, Tales. Eu tenho algo pra te falar."

Mãos nos bolsos, chego perto do patrão. Ele tem barba e cabelo ainda cheios mesmo na meia idade, mas o rosto é duro, aprofundado, com indicações de rugas e traços de expressão abaixo do pelo. Seus olhos são quase que esbugalhados, e sua face quase sempre que em um estado de "formalidade amigável" é ridícula – o faz parecer uma forma de Sísifo sem propósito, preso dentro do mundo terreno, querendo agradar a todos o tempo todo. A voz é limpa, mas grave; a personagem criada com isso é a de um chefe fadado a ser séssil, destituído de planos ou escaladas além do comum.

"Tales, tenho algo de muito importante para lhe falar. Infelizmente, eu sei que você passou, né, por uma situação muito difícil, e me é complicado te dizer isso agora. Imagino que foram ruins seus últimos dias."

Só dei um grunhido de moderada aprovação.

"Então, é que eu tenho realmente que te dizer isto. A papelada já está aqui. Você foi muito útil pra nossa família aqui na firma, mas acontece que as coisas são como são. Eu odeio, dá um aperto no coração, juro! Porém, a inflação está difícil, o mercado não tá pra peixe, como diriam, sabe?"

Não sei onde ele quer chegar com isso.

"Bem, infelizmente tenho que te dizer que você está sendo desligado da empresa. Você sabe, questões econômicas e tal. Você tem se atrasado bastante, mas não encaixa ainda como justa causa – vou te dar todos seus direitos, não precisa se preocupar."

Mas..., mas... não, não faz sentido. Eu venho, eu venho aqui e faço tudo o que ele pede todos os dias! Meu trabalho é, sim, sim, ele é insubstituível! Eu já me disse que é inútil, isso, aquilo, mas no fim é sim crucial! Tenho de impor isso!

"Olha Tales, meio que não tem o que fazer. Nós temos já faz tempo aí ferramentas pra checar a ortografia e coisas assim. Mas eu te desejo toda sorte aí na sua jornada".

Não, não, não. Pro inferno contigo, pro inferno com tudo isso que há, pro inferno, pro inferno! Quem me resta agora? Deus?

CAPÍTULO IV - ENCRUZILHADA

Voltando pra casa. Começou a garoar, o tempo está abafado, mas meu nariz está sangrando.

Eu não entendo. Me é claro algo, eu sei disso: Deus, pelo jeito, tem caminhos diferentes para mim em minha jornada. Mas para quê tanta dificuldade?

Por conta disso, me sobram só 1200 reais. Não é o bastante para pagar o aluguel, caso eu queira comer durante o resto do mês; claro que eu posso procurar emprego etc. e etc. e etc., mas, sabe, não dá para fingir que este tipo de coisa não impacta de maneira alguma.

O engravatado me liberou mais cedo. Por causa disso, já saí do trabalho e mesmo assim ainda é o começo da tarde. O clima atual é razoavelmente infeliz - o Sol está mais baixo, mas faz calor mesmo na sombra. Existe um miasma que me causa o mais próximo de uma hipertermia que alguém já acostumado com o calor tropical pode experienciar. O ônibus está lotado. É um dos de 2010 ainda, sem ar-condicionado e com um cheiro estranho, indescritível, talvez até pernicioso, que permanece em quase todo veículo do tipo.

Se Deus está em todas as coisas, estaria ele no ônibus, no Sol, no miasma de verão e na multidão também? Talvez. Isso é uma punição? Talvez também. Mas não acho que Deus esteja, individualmente, em cada um desses infortúnios temporários – incluindo meu ex-patrão. Está apenas em uma forma súbita, delinquente e digna de um *blitzkrieg* – apenas passa, dá o ar da graça, usando dos corpos desses desalmados, no sentido literal da palavra, para continuar dificultando a vida daqueles que são verdadeiros filhos de Deus. Assim, eles, ou melhor, nós, continuaremos nos esforçando a melhorar. Mas será que não é demais às vezes? Quem sabe.

A questão é que parece já se amontoarem as coisas que foram feitas por Deus para me dar uma "construção de caráter" digna de um filho seu – e a principal, de nascença, é a civilizada brasilidade, uma tristeza contínua minha. Eu não sei se Deus se vingaria caso eu fugisse de tal brasilidade ou não. Ou, talvez, seja impossível. Talvez, mesmo que não me mantenha fisicamente nos trópicos, esse parasita da civilização do lado de cá do cosmos continue comigo pelo resto da vida. Essa língua, esse Sol em ebulição constante, esse mormaço e essa cidade velha, uma ruína que tenta se passar de Dubai, tem as estruturas tão frágeis e tão idosas que, para o mais fraco, dá até dó. Para mim, são todas adversidades normais, mesmo que tenebrosas, e não merecem dó. E tudo isso é um ar constante na minha volta. Minhas liberdades são restritas por todas as adversidades, mas acho que é meu dever quebrá-las com a maior rapidez, seja lá como tenha de fazer isso. A marcha da história saberá me recompensar. Talvez. Minhas dúvidas se amontoam com rapidez demais, sendo sincero. Meus pés estão fraquejando por ficar muito tempo no ônibus e o Sol bate diretamente na minha testa, minha nuca está suada e eu não estou conseguindo ver nada à um palmo da minha frente – será que tudo isso é digno que criar dúvidas? Talvez, mas dúvidas de quê? Certamente não da existência de Deus. Para outras coisas, é possível. Não é digno da minha mortalidade pensar sobre assuntos tão acima de mim, sendo sincero. Estou preso no ônibus, e minha alma por enquanto não plana acima, não me sento ao lado de "Cristo" na mesa do Juízo Final, dois assentos ao lado do "Pai Todo-Poderoso". Por agora.

Na rua de casa, caminho em zigue-zague entre as crescentes sombras dos postes, tentando evitar ao máximo a luz solar que vem de trás das minhas costas. Agora não tem muito a ser feito, me parece. Só ir com o fluxo. No que isso vai me levar? Sei lá.

Em casa, me vejo de novo com o padrão ladrilhado, dessa vez com alguns feixes de luz passando da janela deixando ainda mais claros os fios de cabelo soltos no chão. No meu quarto, a pintura está lá ainda,

a pequena cadeira de pintar tombada no chão e o cômodo todo bagunçado. Sendo sincero, eu não lembro muito bem de nada – acho que, ao acordar, eu só tive uma visão torta e prática do que fazer (ou seja, imediatamente sair de casa), mas olhando melhor agora, a pintura que ontem fiz é até um pouco confusa (mesmo que bonita) e o quarto está cheio de camisetas, calças e outras coisas esparramadas. O que aconteceu de madrugada?

Agora, eu já me disse – seguir o fluxo, continuar, aguentar os obstáculos necessários colocados por Deus etc. Porém, na prática, o que eu faço? Deito-me na cama e espero? Fico procurando emprego no computador, no celular? Eu não acho que minha vida deve ser baseada nisso, certo? Ficar só nesse processo eterno de ter emprego, perder emprego, procurar emprego, repetir?

Acho que é melhor arrumar o quarto por agora. Não tenho muita coisa a se fazer, mas talvez muita coisa a se pensar, então é uma boa prática ficar na osmose enquanto reflito para conseguir ajustar a lógica em vez de ficar nesse vaivém de pensamentos aleatórios sem ter mais qualquer produtividade.

Começou a chover, uma garoa de verão. O quarto foi tomado por um mormaço asfixiante, mas se eu fechar a janela acabarei caindo morto aqui dentro. Arrumando as coisas, algumas já molhando com as poucas gotas errantes que atingem o quase que o meio do chão, tem camisetas minhas, pincéis, potes de tinta seca, calças, pedaços de papel rasgados, canetas, e ficar de costas arqueadas pra conseguir pegar isso me machuca.

Acontece que, realmente, quando se fica fazendo este tipo de coisa, essa atividade pra passar o tempo, você engana um tanto sua mente, mas seria tolice minha pensar que serve pra "organizar o pensamento", como eu antes disse. Acho eu. Disse? Bem, disse na minha cabeça, é claro. Acaba que é mais uma espécie de ópio pra aliviar o tempo, deixar a hora passar, e no fim você tem a sensação de que isso

te fez refletir e ser produtivo, mas continua sem meios pra atingir fins, nem sequer os tais fins.

Guardo então todas as coisas nos seus respectivos lugares. Pego a pintura. Ela está toda seca já, e o cenário multicolorido no céu é a parte mais chamativa. A baía se estende até a linha do horizonte. É bonito. Enche o ego. Coloco ele junto das outras várias pinturas, pendurado no meu quarto. Já tem talvez umas quinze que deixei aqui. As mais antigas eu deixo esquecidas no guarda-roupa, pois já não tem importância alguma. E agora, afinal? Devo sentar-me no computador e procurar emprego num desses sites onde se procura por seis meses para, no fim, só achar aquilo que lhe oferece um salário-mínimo e um aperto de mão do chefe, que provavelmente passa a maior parte do tempo de férias em Porto Seguro e não no mesmo escritório quente que você? Afinal, como o homem de camisa social e cem reais no Bilhete Único que sou, talvez seja meu dever. Não tenho muita animação pra isso, sendo sincero.

Mas ok. Me sento na cadeira dura do meu quarto. Abro o computador, um notebook antigo, 6 GB de RAM, ele trava e só funciona pra fazer, pelo menos como eu precisava até ontem, as coisinhas que me pediam no trabalho a serem feitas em casa, no Word e tal. Mas, foco: site de procurar emprego. Eu procuro emprego pra quê, na verdade? Minha Faculdade de Letras, sim, isso mesmo, então, não sei... professor não, nunca, impossível, não toleraria ser professor de "Língua Portuguesa" em alguma escola de Fundamental II qualquer. Jornal? De novo? Acho que nem procura tem. Eu faço o que, afinal? Acho que faço aquilo que dá, aquilo que presta e aquilo que me é indicado por Deus. Agora, as opções ficam meio fechadas quando se pensa nisso. Bem, vou colocar aqui, atualizar no LinkedIn né, coisa assim, currículo, ver a Catho, procurar qualquer oferta. Literalmente qualquer coisa.

Ah. O celular. Vibrando de novo. Mãe, novamente – é verdade, eu tinha me esquecido, mas ela ficou ligando acho que anteontem e eu só ignorei. Pelo amor de Deus, o que que há?

Atendo o telefone.

"Filho! O que tá acontecendo! Já faz três dias que você não me atende o telefone!"

Na verdade, são só dois.

"Eu preciso realmente que você me ajude. Seu pai não pagou nada ainda pra mim e tá acabando tudo, tudo mesmo aqui em casa! Não tem óleo, não tem açúcar, não tem farinha, juro por Deus!"

Não precisa jurar nada por ninguém, muito menos por Ele. Eu acredito na sua falta de esforço.

"Você sabe que eu te considero uma pessoa muito esforçada, você não pode por favor me emprestar qualquer coisa?"

Tola. Eu digo pra ela que é claro que não – lhe conto que perdi o emprego.

"Mas... como? Como pode ser? Você não estava sempre sendo pontual?"

Ela não precisa saber de nada. Só respondo com grunhidos neutros, indicando que não há nada mais a ser dito sobre o assunto.

"Bem... eu vou me virar, segurar as pontas então. Atenda o celular antes da próxima vez."

Desligo o celular. Sua insolência é incrível. Ela quer a todo custo desviar meu caminho da linha correta, me trazer de novo debaixo de seus braços possessivos e evitar que eu continue o plano de Deus. Mas que tolice. Ela deveria já saber que, se eu faço qualquer mínima coisa para agradá-la, jamais seria por que a amo. É apenas porque a quero evitar, como um pombo que você dá pão para parar de voar na sua volta. Infelizmente, assim como os pombos, ela volta para mais e mais e mais. Uma sede interminável de minha atenção, meus recursos, tudo que é

meu. E agora que estou atolado nas dificuldades necessárias da vida, ela me quer ainda mais ajuda? Para mim, ela deve ter ido rezar, pedir ajuda da vizinha, e eu sei muito bem que, se continuar assim, morrerá de fome em quatro meses. Bom para ela. Assim, saberei que terei batido no ferro bem quando estava quente, e não me perdi em mais uma das línguas terrestres, baseadas em terra e Sol, em valores de dólar e em calças jeans, em patriotismos e em igrejas.

Nesta história toda, aquele que pode ser chamado de "Pai" de acordo com a convenção de nomes que nós demos é mais uma figura falastrona. Diferente da baixa, esmiuçada, vingativa e alcóolica da Mãe, o Pai é arqueado, gordo, ardiloso e, nesse caso, igualmente alcóolico. Camisas com marcas de suor nas axilas, calvície e olhos profundos, cheios de rugas, não troco uma simples palavra com ele já faz pelo menos seis anos. Sendo sincero, foi inteligente – fez aquilo que minha mãe devia ter feito também. Mas sua inteligência não veio de qualquer lugar de alto conhecimento, mas sim de um oportunismo barato para se afastar daquilo que sempre viu como um moleque esquisito, que talvez fosse filho de um caso antigo. Desde que se separaram (graças à Deus!) durante minha adolescência, minha mãe fica meses gritando sua independência e "força feminina", como ela é "trabalhadeira" (que palavra mais grossa, crua, migrante) até que as contas apertem e ela saia com o rabo entre as pernas, pulando dissimuladamente enquanto faz biquinho para pedir trocados dos "machos" ao seu redor, seja o Pai, seja eu.

Agora que o emprego se foi pelo ralo, parece que, de fato, vai ter que se prostituir de corpo e mente pro meu pai, que provavelmente, num paralelo com tal prostituição, vai no puteiro todo fim de semana (talvez essa seja a resposta final para descobrir como que ele em tantas ocasiões falta no chamado "dever" de ajudar Mãe com dinheiro). Uma degeneração pessoal de ambos, incapazes de matar e morrer por si mesmos, mas muito bem capazes de se diminuir e se ajoelhar pra conseguir o mínimo do mínimo.

Existe, é claro, uma questão sobre minha validade para falar sobre isso. É bem possível que eu também esteja me prostituindo pro capital para sobreviver, mas, pessoalmente, acredito que seja apenas uma medida temporária para realizar a transição à minha máxima capacidade, ao me tornar o *Übermensch* que está fragmentado entre minhas forças, emoções, condições etc. Porém, afinal, eu não sou onisciente – talvez eu devesse me manter num caminho puro, sem me deixar engolir o fel que as comodidades dessa vida degenerada dão. Talvez, talvez. Mas, novamente, não sou ninguém para saber. Minha missão de se tornar um ser digno da herança genética de Deus é um ponto final longínquo na rua da vida de qualquer pessoa capaz e o caminho até esse ponto é tortuoso e incerto, mas, pelo menos, diferente de meus pais, sei que tal ponto existe, e sei que, caso eu confie nas minhas habilidades de matar, de lutar, de caminhar e de construir que Deus me deu, tal caminhada durará menos que um passeio no parque.

A questão aqui é que, mesmo que eu fique divagando sobre as minhas capacidades ou sobre as incapacidades dos outros, é melhor "ir à luta", como se diria. Nenhum dos meus pais vão me ajudar (muito pelo contrário, inclusive) e eu não tenho nada a perder esperando que Deus jogue bençãos no meu colo. Vou continuar procurando qualquer coisa, me aplicando pras vagas. Infelizmente, não tenho nenhuma recomendação anterior de qualquer um dos meus empregadores – que foram vários. Logo ao sair da faculdade, aluno médio (não era minha intenção passar mais tempo naquele inferno, então pra quê fazer esforços além do necessário?) consegui, sei lá, cinco, seis empregos. No meio dos adolescentes de 18 anos trabalhei em telemarketing. Fui demitido, corte de gastos. Então, publicadora. Demitido depois de oito meses. Corte de gastos de novo. Aí, uma outra editora aí, professor substituto de português (pior fase – jamais farei de novo), redator de jornal, e enfim entrei na editora do Seu Nunes. Um vaivém chato dos últimos quatro anos em que entra e sai dinheiro, entra e sai trajeto de ônibus, fui pra Zona Norte e pra Zona Sul, e sinto que a cada semana, a cada mês, piora gradativamente. Temperatura, dinheiro, relações.

A editora do Nunes era ridícula e tosca. Uma mistura anômala de uma editora de auto publicação de livros (que fazia um trabalho tosco pela dúzia de editores para ajustar a "finíssima" literatura que nos era endereçada) junto do que se assemelha a uma publicadora do jornal local, com gastos sempre no limite e com a estrutura de uma casa velha. Talvez, então, eu esteja sendo dado a sorte de sair do muquifo que era aquele lugar? É uma visão de "copo meio cheio", certamente.

Agora que, entre muitas aspas, estou livre, é possível que eu dê a sorte de encontrar algo que abra meus potenciais. Infelizmente, nada abrirá meus potenciais por completo dentro do sistema humano, mas posso escalar nele para conhecer melhor o inimigo.

Procuro emprego. Mesmo sem as recomendações, mesmo sem o currículo cheio, mesmo sem nada especial para os mansos adoradores do Excel de dentes escovados que fazem o papel de Anúbis, colocando em sua famosa balança da "profissionalidade" ou "empregabilidade", ou outras palavras do tipo, eu ainda assim busco conseguir a confiança de futuros patrões, sabendo que, uma hora, morrerão e deixarão para trás apenas de valioso apenas a casa de praia em Ilhabela. Afinal, eu, por outro lado, viverei para sempre em alma. Vagando solto, vendo gelo cair no mar enquanto os londrinos e os parisienses passam por uma onda de 37°C. Uma benção.

Infelizmente, minha alma não gera *royalties* pra mim. Mas eu, apesar de tudo, sou ainda um ser terreno, correto? Eu não devo esperar bençãos caindo aos meus pés, a torto e a direito. É uma linha incorreta de pensamento. Mas, ao mesmo tempo, eu não sou ninguém para o "mercado". Certo, eu tenho um diploma, mas quem não tem? Um papel, assinado, timbrado, sei lá o quê, que todo pai de três meninas no Tatuapé tem em casa, que todo homem de óculos retangular na Linha Verde às 8 da noite tem num armário. Pra eles, é mais um número inútil, um nada. O que eu tenho de útil pras vontades tontas deles? Quase nada! Existe um orgulho que me dá, mesmo que eu saiba que esse orgulho não é bom e eu deveria ter bom senso e ser pragmático, que vem da ideia de

que estou alheio às vontades da sociedade material. Não deve ser verdade. Ninguém é, infelizmente. São tantas as criações aparentemente ímpias da humanidade que se dá nojo. Se fala de patriarcado e de escravidão salarial, de renda básica universal e de social-liberalismo, de serviço militar obrigatório e de civismo. Para toda essa imensidão de palavras, não existe Deus nenhum. Mas o quanto mais você se afasta dessas coisas, mais você encontra Deus, certo?

É um bom ponto, na verdade. Acho que vou refletir.

CAPÍTULO V - PONTO DE FUSÃO

Já é o fim de janeiro. Faz mais ou menos duas semanas, algo assim, desde que fui demitido. Amanhã é fevereiro. Dia 01, dia de pagar as contas para a "Dona Irene". Ela está de mau humor já faz muitos dias, pois perdeu a eleição de síndica, chegando em quinto lugar de trocentos candidatos (incrivelmente, as eleições para liderar este prédio em ruínas tem mais competição do que para se tornar presidente; a diferença é que aqui os candidatos são vagabundos, traidores de esposas e senhoras desocupadas, apesar de que, sendo sincero, talvez, estes títulos também se encaixem nos presidenciáveis). Quando veio em casa uma semana atrás ficou me atolando de reclamações sobre o prédio, sobre a reeleição da síndica, sobre tudo, até que lentamente tais reclamações se direcionaram para minha pessoa e meus "afazeres" como morador de um dos três dignos apartamentos dela. Que tenho de lavar melhor a casa, que tenho de deixar mais arrumado etc.; pro inferno com as reclamações dela. Na hora não tive nervo de concordar cabisbaixo apenas para manter o status quo da indigência de ambas as partes, então neguei veementemente por alguns segundos tais acusações até perceber a guerra termonuclear na qual havia me metido ao contrariá-la. Logo busquei apaziguar a situação, mas, óbvio, ela saiu um tanto transtornada.

Agora é hora de vir me cobrar (desta vez, o aluguel - nas outras duas ou três "visitinhas" ao mês, vem cobrar minha alma ao me alugar por duas horas para apenas então dar uma "olhada" no apartamento). Acontece que, pelo jeito, como já havia adivinhado previamente, eu não sou o indivíduo mais agradável para as planilhas de Excel, e nenhuma das parcas vagas na qual me candidatei me responderam até agora. Deixei a honra cair um pouco – me candidatei à vaga em editora, também me candidatei para uma vaga de assistente de professor (estou até um pouco feliz que não me aceitaram), entre outros. Mas o problema claro é que, então, amanhã, não terei de onde tirar qualquer coisa pra dar pra ela. Talvez me sobre, sei lá, 800 reais. Mas o aluguel é de 1400.

Metade de tudo que eu tinha se foi pelo ralo em duas semanas pra não ter que morrer de fome – tive que ir ao mercado. Números, números. É tão besta. Não quero parecer um adolescente fazendo caso da sociedade e se achando profundo dizendo que "esta nota de papel controla a sua vida" ou algo do tipo. Mas, de fato, existe um ponto a ser levado em consideração em tudo isso. Afinal, é apenas inviável ir pra casa da Mãe se a Irene vir me enxotar.

Porém, realmente, eu não tenho a menor ideia do que fazer. Fiquei constantemente buscando dinheiro de alguma forma. Jamais guardei dinheiro em grandes quantidades, não é um ponto importantíssimo pra mim, então sempre sobrevivi com base apenas naquilo que era necessário para comer, viver, dormir. Não dou doações, não dou minha vida além do necessário.

É noite já, e, apesar de altos e baixos, a máxima voltou a estar acima de 30°. Estou de bermuda curta, quase que metade das coxas expostas, a camiseta larga, no sofá desconfortável – o pecaminoso antro. O ventilador no teto é bambo, vai girando e fazendo um vento torto, fico imaginando quando ele vai cair e abrir meu abdômen à força, ou algo do tipo. No fim, são fantasias surreais, e talvez me quebrasse umas vértebras, mas nada tão radical. Ainda assim, não é invejável? Juro, sem fazer cena, sem querer parecer triste, apenas é muito mais interessante pra mim poder ficar no hospital por um ano – escrivaninha, cortina, vaso esmaltado, Sol esparso.

Além do mais, este tipo de ocorrência "trágica" me traria uma boa posição por certo tempo; afinal, não teria de, pelo menos por um mísero segundo, pensar sobre ter um lugar para morar.

Ahn. Chamada da Mãe. De novo? Ela já não me ligou pra pedir dinheiro e eu lhe expliquei exatamente que estava sem dinheiro?

Sei lá. Atendo.

Ela me diz algo sobre como Pai a pagou, me pergunta do trabalho, quer dizer, da busca de trabalho? Não sei, não prestei atenção

direito. Calor, sim, sim Mãe, está calor sim. Ela me diz sobre como o fundo de emergência dela tem, não sei, 3? 4? 5 mil reais? Não entendi também.

Enfim, tá bom. Não tenho por que ouvir os comentários fúteis dela. Tchau, sim, boa noite também.

Qual é o propósito, afinal, de me ligar? Quer só perder tempo? Toda essa situação agonizante, e me vem infortunar sobre as mais estúpidas situações, pergunta sobre isso e aquilo, fala sobre aquilo e aquilo lá, pelo santo Amor de Deus (Deus ama?).

Mas, agora pensando, eu não sei, talvez eu tenha de redimir meu orgulho e, agora que recebeu e me contou do tal fundo, pedi-la algo? Meus 800 reais não bastam, obviamente, mas o que se faz? Não vou receber nenhum gordo salário caído dos céus até amanhã, puta vida! O melhor a se fazer é ir dormir, porque pelo jeito terei de bater no ferro quente amanhã com Dona Irene. Não existem meios-termos ou escapatórias.

Manhã. Onze horas. Acordei tarde, não tenho usado alarme nas últimas semanas. Alguém está tocando a campainha com força, porque o zumbido irritante não para de tocar.

Me levanto; arrumo as calças de moletom, passo a mão nos olhos pra tentar emular o mais próximo possível daquilo que seria mais correto, isso é, lavar o rosto. A visão ainda está meio embaçada. Eu sinto que cheiro a suor. Mas lá vou eu. Ando até a porta, enquanto o barulho persiste. Abro.

Não me surpreende nem um pouco a figura na minha porta. Dona Irene, de lábios finos e secos, me olha com desdém. Me dá repulsa sua ânsia de me visitar tão cedo, como um urubu faminto, um bicho à espreita de sua vítima. Por meio segundo antes de falar qualquer coisa, posso notar seus olhos ziguezagueando através do fundo do panorama dela, observando o apartamento, como que se preparando para algo.

Todo mês parece um pouco isso, mas desta vez seu olhar seco está mais direto, mais profundo.

"Ou, Tales, meu filho, acordou agora?"

Não lhe respondo. Ela dá um sorriso amarelo, longo, rachando as cascas dos lábios, desconcertada.

"Bem, meu jovem, vim falar com 'cê só um bocadinho, sabe? Prosear, né?"

Eu sei que é sobre o aluguel e ela sabe que eu sei. Mas é de preferência dela manter sua farda por agora. Portanto, dou licença e indico o sofá da sala com o braço.

Entramos. Enquanto ela, andando como um pinguim, se dirige ao sofá, eu passo e meus olhos rapidamente se deparam com minha imagem no espelho do banheiro, que tem a porta entreaberta permitindo minha vista. Meu cabelo está longo. Eu ainda não fiz a barba, e agora ela já está completamente cheia, apesar de que, por seja lá qual razão genética, cresce muito menos nos lados enquanto no bigode está muito protuberante. Meu rosto parece brilhar – não sei se estou passando por uma crise adolescente de pele oleosa ou se estou suando (talvez os dois?). Não devo parecer apresentável para ela. Mas tanto faz.

Nos sentamos. A capa de plástico do sofá faz a pele das minhas pernas grudar. Olho bem contra Irene. Seus óculos desproporcionais, sua pele mole, caída, as marcas de expressão, as unhas em vermelho brilhante, o cabelo de um loiro esbranquiçado, morno, inatural. A figura parva, insípida, me pergunta em grossos termos sobre como estou, isso aquilo. Aceno com a cabeça, murmuro, e então lhe pergunto da forma mais breve possível o quê especificamente ela quer. Eu sei, ela sabe. Mas formalidades são formalidades.

Como era de se esperar, Dona Irene me responde, contornando palavras e se permitindo usar o máximo de eufemismos e expressões possíveis, que veio, com mais especificidade, para buscar o aluguel.

Eu a vejo por um segundo, e então, francamente, apenas digo que, como perdi meu emprego (coisa que é de conhecimento popular nesse ponto), simplesmente não tenho o dinheiro e será inviável pagar de qualquer maneira.

A velha me olha de forma vaga, e começa a balbuciar frases como "eu entendo", "tá difícil pra todo mundo hoje em dia", etc., etc. Mas, afinal, ela me demonstra que, mesmo assim, ela precisa que eu pague. Já era óbvio.

Infelizmente, eu não tenho muito o que fazer, e nesse caso estou sendo o mais franco possível. Então me levanto, vou até o quarto e pego meu celular. Volto e lhe mostro minha conta do banco. R$ 972,30. Má sorte para nós dois. Ela me vê, os olhos afunilados, quase que toda a face retraída. Então diz:

"Então, né, Tales, se você não tiver como pagar eu, sabe, né, me dá uma dor no coração dizer isso, mas, é, eu terei que te enxotar já amanhã."

Típico. Eu não imaginava menos da parte dela.

"Se você de alguma forma conseguir o dinheiro pro aluguel até amanhã, aí a gente pode conversar. Só 1400! Uma pechincha, né!"

Não adianta nada. Eu já tinha previsto. Não posso dizer que não me abala em nada; também não sou um autômato, e sei que minha sobrevivência sempre está em uma corda bamba. Mas, ainda assim, eu não imaginava que a imaculada teria piedade. Isto, de fato, não só é algo raro, como também é algo fútil em muitas situações. Porém, aqui, creio que, se ela fosse piedosa, o verdadeiro Deus, aquele que me coloca em mil e uma situações para testar minha persistência, acabaria por ser não

apenas generoso, como também revelador. Talvez Ele até lhe desse a benção da vista reveladora de alguns pontos da sociedade, da mesma forma que me deu ao nascer. Mas não.

Ela tropeça nas vogais, me sorri torto, mas, no fim, a alma dentro do corpo oco dela apodrece.

Eu aceno a cabeça e peço para me dar privacidade só pelo resto de hoje para eu me organizar até amanhã. A velha então me olha desconcertada, como que se eu tivesse descumprido um dos Dez Mandamentos ao não a suportar por mais tempo que míseros cinco minutos. Assim, ela arruma o vestido amassado com as mãos e caminha tonta até a porta, me acenando, dizendo que vem depois do almoço enquanto sai.

Agora nada me resta, e terei que lidar com isso. O que fazer, afinal? Já pensei muito sobre nos últimos tempos e já busquei sair da forma convencional. Procurei por infindas horas por emprego, bico, fiquei olhando os papéis rasgados de vagas suspeitas nos postes da rua, me sujeitando a tal degradação pessoal. Então, passou-se o tempo. Já não dava mais tempo de ficar nisso. Obviamente não sou um tolo, também. Não vou sair por aí roubando ou coisa do tipo. Qualquer ser pensante sabe que isso seria um baita de um tiro saindo pela culatra. Mas, agora, provavelmente terei que decair por certo tempo. A questão é simples: existe uma dicotomia de bons tempos e maus tempos que é necessária, pela minha experiência. É uma situação em que é preciso se sujeitar e aguentar as ofensivas de Deus contra nós, para construir nossa valia. A maioria cai e se afunda nos confortos da vida humana. Mas eu tenho consciência de minha posição.

Agora, é necessário passar por mais uma fase difícil. Talvez, esta seja uma das mais difíceis pela qual já tive de passar. Não consigo realisticamente supor qual será o fim. Mas, pela minha experiência, você é forçado a se misturar na multidão da humanidade por um tempo para assim sair com mais ódio, mais direcionamento, mais fervor do que

antes. Eles lhe dão nomes. Atitude antissocial, antipatia. Mas eu conheço muito bem os outros. Sei agradar, assim como sei ser agradado. Conheço a piedade, conheço a dó, conheço a igualdade. Mas, na maioria dos casos, os que tem de ativamente se segurar nesses termos, quase sempre tão vazios, são aqueles que nunca atingirão o Reino de Deus. Ficarão na terra dos coitados, dos esfomeados, dos ignorantes. Mas eu sei mais. Agora é a hora de cair. Pois vou levar o baque de braços abertos; darei "a outra face". E assim poderei sair de baioneta em punho, mais preparado para a próxima. Não é? Só Deus sabe.

O dia de ontem se passou rápido. Basicamente passei o tempo todo dissociando enquanto arrumava minhas coisas para o dia de hoje, em que serei obrigado a me retirar do meu apartamento por uma velha que provavelmente não conseguiria me derrubar nem se tentasse. Mas as regras do jogo aqui não são paleolíticas – seres humanos "civilizados" agem conforme regras estipuladas, e eu igualmente, por estar na fase da queda, tenho de segui-las. Agora está tudo tão vazio. Dá até uma estranheza. Eu certamente não tenho aperto pelo meu apartamento (que nunca sequer foi meu), mas a sensação de ver o âmago da minha vida material nos últimos quase dois anos parecer do mesmo jeito de quando eu cheguei aqui pela primeira vez é ensurdecedor. Parece que o apartamento toma corpo e me denigre, me desvaloriza e me ataca por perdê-lo. A verdade é que isso é uma grande psicose.

As poucas coisas que me são realmente valiosas, minhas pinturas, estão organizadas de forma até que bem correta para meus padrões usuais dentro de uma grande caixa de papelão. O resto é resto. Notebook, cadernos, livros. Estão relativamente soltos em sacolas dentro de numa pesada mala de viagem. Olhando assim, é até surpreendente o quão pouco espaço eu ocupava aqui. Grande parte das coisas no apartamento eram, na verdade, apenas utilidades temporárias, como pratos, copos, entre outros. Mas aquilo que realmente me pertence, e não apenas aquilo da qual eu fiz ou faço uso, é em pequena quantidade.

Acordei cedo hoje. Dormi pouco. A cama parecia muito mais desconfortável por ser a última noite – parece que então dei de dar defeito para tudo ao perceber que poderia abandoná-los. Do que adianta fingir conforto no sofá se eu não vou ver ele pelo resto da minha vida a partir de amanhã? Além do mais, o calor persiste. Se fala de El Niño, ebulição global e camada de ozônio na televisão. A voz é distorcida, e eu não me importo muito com os detalhes do que diz. Só sei que é mais um indicativo de que, talvez, não há mais nada a ser ganho em Pindorama. Quem sabe.

Agora já é uma da tarde. A velha Irene disse que estaria aqui por volta dessa hora, depois do almoço. Então eu me sento, costas curvadas, observando a televisão velha, de roupa arrumada. Fiz a barba, também. Meu cabelo se mantém grande, mas agora eu tenho apenas longas costeletas com um bigode, pois decidi mudar. E fico aqui, arrumado como uma princesa esperando seu tão distante amor perfeito, para ser mandado embora porque, aquém das expectativas da velha locatária, eu não tive milagres que me garantiram 800 reais da noite pro dia.

Bate a porta. Lá vem.

Me vou, atendo a porta. Ela parece até assustada ao se deparar comigo, vendo que a atendi muito mais rápido do que normalmente. Porém, logo, claramente, sua feição se torna uma de desgosto, percebendo que estou já completamente pronto para ir embora. Ela não sabe para onde vou, e, sendo franco, eu também não.

Antes de qualquer coisa, lhe digo que estou pronto já para sair, e, o quão mais rápido conseguir fazer isso, melhor será para mim. Ela recua, e, então, parecendo que foi roubada de suas práticas comuns (o boa tarde, o tudo bem, a entrada e a saída triunfal), aparenta algum certo desconforto. Mas, logo, acena com a cabeça, e, utilizando de uma cartada de comunicação comum que ainda tem, demanda uma benção de Deus e me pergunta, então, se eu realmente não consegui nada, "nem um pouquinho mais", para pagá-la. Ela sabe muito bem a resposta de acordo

com o que vê, mas decidiu perguntar por osmose. Nego levemente com a cabeça e, assim, ela solta um grosso "tsc" com a língua. Logo, braços na cintura, a velha me pergunta se eu preciso de ajuda. Não que ela possa me ajudar – muito pelo contrário. Lhe digo que não e começo então a trazer as malas para fora.

Enquanto carrego minhas (até que poucas) coisas para o corredor do andar, ela, dentro do apartamento, começa a falar sobre, sei lá, como ela tinha gosto por mim e sobre como vai "sentir mais vazio". A questão é que esta é uma relação de conveniência. O que não é uma relação de conveniência nesse mundo, afinal? Existem relações fora das fronteiras da necessidade, seja ela temporária ou intermitente? Acho que não. Dona Irene, Seu Nunes, Mãe, Pai. São todos títulos, gravações em documentos que, no fim, assim que perdem sua validade, viram história. Alguns tardam a te deixar. Ficam se queixando da perda do passado, do passado em que a relação entre vocês dois era mil vezes melhor. Mas, para a maioria, são meras palavras em uma junção específica que lhe significam algum acordo.

Para Dona Irene, eu sei muito bem que, logo quando eu sair, mais um jovem pobre, universitário, laico, namorado, festeiro e padrão virá. Ele ficará uns meses, talvez uns anos, e depois sairá. E logo entrará outro. E daqui a umas duas ou três décadas morre Dona Irene, morre o marido Claudemir, morrem os irmãos e irmãs da Igreja. E quem terei sido eu para ela? Ninguém. Assim como ela não é nada para mim a longo prazo. Então, em conclusão, é apenas vazio. Como a própria matéria de tudo – são o que constroem a malha da existência, mas, no fim, eles são compostos quase inteiramente de nada. Estas frases, estas remediações, no fim serão ondas de som imemoriais na história de vida de qualquer um de nós. E é por isso que logo quero sair. Quero apressar a levar minhas coisas pra fora, porque não quero mais testemunhar esse massacre de tempo, massacre de alma, massacre de fala. Tudo por nada, tudo por validade temporária.

A minha mala principal e as outras poucas sacolas estão já fora, no corredor. Coloco as sacolas no ombro e já me preparo para levar a mala de rodinhas, quando Dona Irene me para e me diz algo envolvendo sentir muito. Não estou mais com qualquer intenção de continuar o grande jogo de xadrez das relações com ela (não é algo especial a ela – é a estratégia que tem de ser feita com uma boa parte das pessoas), então decido não prolongar, para o bem ou para o mal, qualquer conversa. Aceno levemente com a cabeça e estendo a mão, sinalizando que vou embora. Lhe dou a chave do apartamento, finalmente, e então ela me dá tchau.

Elevador. Ele é velho, range, e em 9 a cada 10 ocasiões parece mil vezes melhor usar as escadas. Mas agora seria impossível. Abre-se, me deparo com o saguão central. As paredes de um bege sujo, o chão ladrilhado em preto e branco que dá até tontura de ver por muito tempo. Vou indo. O porteiro me abre o portão para sair; deixo o prédio. O Sol morno misturado com o mormaço de uma tarde quente e úmida de verão já me bate. Olho para trás. O prédio desolado, antiquado, vadio; ainda assim, a minha atual situação me dá um desconfortável apego, algo que não me agrada e não coincide com minhas morais de sempre. Mas eu entendo o porquê de tal apego.

Agora, na rua, não tenho destino. Uma estrada de mil outras, onde existem mil outros prédios e sobrados com os mesmos ladrilhos empoeirados, os mesmos aluguéis elevados e os mesmos dias quentes – são as opções mais óbvias. Mas talvez não deveríamos olhar para as opções óbvias.

Sento-me na guia e abro minha mala. Vou passando pelas pinturas. Elas me dão certa estranha nostalgia por coisas que já vi várias vezes e que eu mesmo fiz. Um iceberg na Groenlândia. O Monte Sneffels. Entre outros.

Algumas das imagens tem atribuições específicas e são baseadas em localidades certas, exatas, mas elas são poucas – um caso é o do

Monte Sneffels, na Islândia. Mesmo ele não é uma cópia de uma imagem. Apenas passei vendo imagens por poucos minutos e baseado na memória fiz da forma na qual minha mente trabalha. Porém, a massiva maioria de minhas pinturas não se enquadra nessa descrição. Muito pelo contrário – usualmente, são retratos absolutamente soltos de localidades sem especificidade, apenas imaginações vagas da qual eu atribuo uma localização real, mesmo sem haver a necessidade. A sensação de ver a pintura e lhe dar uma coordenada e uma história que apenas está na minha solta mente me dá imenso prazer. Sinto por meio minuto como se eu estivesse lá, realmente. Como se eu pudesse sentir a neve nos meus pés, eu a toco com as mãos causando aquela queimadura do frio, caio de joelhos, morro de hipotermia. Passo por uma experiência incorpórea que, ao mesmo tempo, parece tão física; parece que observo uma realidade além-mar que, na verdade, nem sequer existe. Mas, ao mesmo tempo, não estou apenas vendo a realidade: estou a tocando, estou sentindo cada singular cheiro daquela pintura como uma enseada que minhas pinceladas criaram especialmente pra mim.

É até nauseante deixar a pintura de lado. Ai querido Deus, e agora? Não dá pra sobreviver dessas alucinações vívidas, eu tenho de acordar, caminhar, nessa rua que, agora saindo do transe, realmente está quente ao toque. Meu corpo parece uma massa disforme, sinto como se as pálpebras estivessem grudando contra a pele do rosto, estou já molhado na nuca, meu cabelo longo está quente como o inferno. Cristo!

Me levanto, guardo tudo na mala. Caminho apenas em frente na rua. Eu não quero ficar aqui. Não quero ver a mercearia, o puteiro, os sobrados. Não, não. Vou longe – não sei até onde, mas vou.

Sete da noite. Nas últimas horas eu caminhei e parei ao longo da tarde. O sol se põe só agora – proveniências do verão. Estou exausto. O mormaço, já presente antes, aumenta ainda mais conforme parece que vai garoar. Uma garoa rala, inofensiva – apenas para atrapalhar as pessoas na rua, sem nenhum efeito duradouro no tempo. Típico da estação e típico de São Paulo. Acontece que agora eu não tenho o que

fazer. Estou encostado contra a parede do cemitério, gigante, longínquo, do outro lado do bairro, e isso não é sustentável. Simplesmente não dá. Eu fiz isso hoje tentando pensar enquanto andava. Mas apenas não foi possível.

Me levanto, porque próximo à parede do cemitério existe uma fina linha de terra entre a calçada de tijolos e o muro, o que faz com que eu sinta a rasteira grama e suas formigas bem contra meu corpo. Caminho até a pequena praça que existe ao lado e me sento. Em menos de trinta segundos involuntariamente caio deitado no banco.

Meu Deus. É impossível que seja isso. Se eu fui dado mais essa adversidade, ela só deve me levar em frente, correto? Mas... eu não sei mais. Parece mais uma punição carnal. Será que é esse meu destino? Me tornar um vagabundo, um pobre coitado? Não, não, não é meu destino.

Porém, se não é meu destino, o que aconteceu? Onde estamos nós agora no grande panorama da vida? Nós, nós. Não. Estou sozinho. Mas essa é uma boa questão. Estou em uma encruzilhada.

Eu duvido, com todas as minhas forças, de que Deus teria me ludibriado por toda minha vida, de que eu estava seguindo uma falsa luz. E é apenas claro isso – afinal, eu já olhei para a vida societal e a cuspi na face, e sei que estou certo disso; apenas é impossível aguentar os milhões de pequenos infortúnios.

Ei. É um bom ponto. É impossível, correto? Deus deve saber. Deus sabe, na verdade. Se ele sabe, então ele me abandonou? Não, não.

Deus quer que eu o siga. Eu sou seu filho, não sou? Portanto, é apenas óbvio que ele agora está me dando uma prova final no reino do homem, para que eu então possa ver bem o grande portão para o reino de Deus. Se eu ficar aqui, parado, parasitando até conseguir outra posição dentro do reino do homem, eu trairei a Deus, o único que me compreende, que me vê com verdadeiros olhos. Porém, se eu me

mantiver ao seu lado, entender suas pretensões para me colocar sob tais penúrias, nada me impedirá – afinal, *si Deus pro nobis, quis contra nos?*

Calma. É isto. Ele me deu múltiplas visões, e elas apenas me foram reveladas agora.

Abro a mala e pego uma pintura atrás da outra, agora sentado, animado, ignorando a intensa dor nos meus músculos através do corpo. Cristo Rei, é isto – essas são as representações. Eu nunca entendi minha fixação tão direta, tão clara sobre essas alegorias ao extremo do mundo, no Ártico tão terrível e tão magnânimo.

Agora é óbvio. E tudo isto se encaixa tão perfeitamente – realmente, o que mais poderia ser? Deus está me mostrando o caminho de minha vida desde sempre. Ele teve de me encharcar de suor, luz solar e bichos de luz por anos para eu finalmente perceber que não sou proveniente daqui.

Aceitei o Brasil, me deixei levar pela escravidão. Às vezes, não há coragem de se tornar Espártaco. Mas Deus agracia aos seus disciplinados filhos, membros de uma guerrilha em nome de um único Reino. Não o Reino dos homens, aqueles que nem merecem um justo título; não este reino anão, parasita, de marceneiros, jogadores de futebol, estupradores, pais de família, ativistas políticos, possuidores de um Título Eleitoral, contadores, cabos do exército, entre outros mil. E sim o Reino que apenas a Ele pertence, e que poucos de nós, seres terrenos e pobres, somos realmente dignos de nos juntarmos.

Ele sabe de toda minha vida – no caso, é melhor dizer que Ele sabe de absolutamente tudo. E Ele agora está me levando para a minha redenção pessoal. Me colocou a ferro e fogo na terra do Sol, me fez caminhar nas ruas de santos, nas avenidas de governadores e nos parques de padres – não porque é mal, mas porque é bom. E porque me faz, assim, perceber minha posição. Meu sangue esguichará então abaixo dos meus pulsos, deixando assim cair minha genética humana, minha

brasilidade, meu português e minha ancestralidade imemorial de uma língua tupi que hoje nem som, nem terra mais tem.

Oh, Deus, eu vejo a Terra Prometida se desenvolver na minha frente. Eu vejo, então, a velha e imóvel terra do permafrost. Mas eu sei também ser pragmático. Afinal, agora eu devo me deitar aqui, na rocha que já está um tanto morna, e tentar ao máximo dormir, pular para amanhã. A luz forte e opaca da lâmpada alaranjada do poste me deixa mal, mas eu devo tentar meu melhor.

Acordei muito cedo, o Sol acaba de nascer. Apesar de não estar exatamente ameno, o calor ainda não chegou a raiar, pois toda a luz presente é composta apenas destes raios parcos e avermelhados que cobrem a rua. Como é verão, deve ser ainda cinco da manhã ou algo do tipo.

Eu tive um terrível, realmente péssimo sono. Acordei várias vezes, desconfortável e dolorido. Tive sorte de não ter sido expulso por seja lá qual fosse o justiceiro da vez, policial ou ladrão. A questão é que, nos momentos em que estava acordado durante a longa noite, estive pensando.
Afinal, como eu poderia concretizar então meu plano de vida? Ele com certeza, deve ter me dado uma dica, não?

Sim. Mãe.

CAPÍTULO VI - DESAMOR E AMOR

Estou no ônibus. Já que eu estou quase sem bateria e, obviamente, sem internet, tive de usar o único resquício de dinheiro físico meu – uma nota amassada de dez reais para conseguir pegar o transporte público.

Estou indo para o único lugar óbvio. A casa da minha Mãe. Eu não vou lá já faz tanto tempo que não mais sei discernir se foram meses ou anos. Talvez ela se zangue com minha presença, mas, ao mesmo tempo, eu a acho uma figura tão falastrona, tão insossa e especialmente tola que não acho que negaria meu único pedido em tantos anos. Sua irracional emoção não a permitiria.

Desço do ônibus. Caminhando pela avenida, viro a esquina e chego na rua da casa dela. Aqui eu vivi minha infância. Infelizmente, não posso deixar de ter certas memórias agridoces sobre o lugar, mesmo que eu, sendo o mais pragmático possível, rejeite por inteiro sua existência em meu presente e em meu futuro, sendo tal rua nada pertinente para o novo eu, que deixa esse passado soturno para trás.

Ainda assim, é necessário lidar com estas memórias encorpadas nas casas, nas lojas de esquina, na grama entre as bordas da calçada. Vou levando minhas sacolas em um ombro enquanto carrego a mala pelo outro braço, e é exaustivo – enquanto isso, a manhã cresce a cada momento, e o Sol vai se elevando acima de mim. Quanto mais tempo eu levar, mais eu terei de ficar com este peso imenso sob o calor. Sinto que simplesmente faz calor desde sempre. Eu nem me recordo mais quando que não fez calor. Ele flutua, aumenta, diminui. Me sinto até cansado de falar dele, de reclamar, de suar e de tomar um, dois, três banhos. Mas o que eu posso fazer? Agora, eu já entendi meu caminho, e pelo menos sei que logo irei embora daqui, para além dessa terra onde só se tem verão, só se tem maribondos, só se tem telhas avermelhadas.

Chego na casa da Mãe, vulgo minha antiga casa. Uma casa normal, classe média-baixa, um sobrado. Garagem exposta com uma longa grade, "espinhos" no topo. Suspiro, e, então, aperto a campainha.

De dentro da casa dá pra se ouvir os passos arrastados, talvez até os grunhidos da mulher de meia-idade. Eu espero pacientemente. Ela, então, abre a porta e olha confusa. Apenas então arregala os olhos e retrai a cara, dando um gordo sorriso.

Aqui começa a mais nova Conferência de Yalta.

Entrei. A casa me dá uma onda imensa de lembranças, para o bem ou para o mal. Mãe vai na frente, falando sem parar, não sei se comigo ou se consigo mesma. Ela caminha ainda levemente torta e tonta por ter acordado há pouco tempo, mas parece radiante. Passando pelo corredor de entrada, logo subo dois característicos degraus para entrar no interior de fato da moradia. Ela faz exatamente aquilo que fazia quando eu morava aqui: olha para baixo, dá um suspiro e reclama das varizes em suas pernas. Certos hábitos não morrem.

Dentro da casa de fato (e não apenas dentro de seus portões), me vejo na cozinha. Nada mudou desde que me fui embora. O ladrilho das paredes tem um padrão de flores sobre uma coloração bege, quase amarelada. Olho para ter certeza. Ah, sim. Como eu pensei. Ainda está lá – um único ladrilho com o exato mesmo padrão de flor e cor bege que, por algo motivo, foi colocado de cabeça para baixo. Existe uma aura imortal dentro desse cômodo. Ele tem suas distinções, é claro, mas, ao mesmo tempo, ele faz parte de uma grande coleção de cômodos, casas, estruturas dentro desse território de dimensões continentais que tem em suas mais claras características certos pontos em comum; assim se vê o pano de prato com a figura bucólica, o copo americano, os pratos de cor laranja (ou será marrom?), a cruz acima da porta. Eu sinto que é isto que inunda meu sangue. Estas e outras mil coisas, que citei, cito e citarei enquanto estiver aqui.

Mãe me diz para "prosearmos" na sala. Passando para lá, sinto outra, quase igual, onda de nostalgia. O sofá é coberto de um tecido com o desenho de plantas, a luz pelas janelas é alaranjada por conta das grossas cortinas com texturas e padrões em sua extremidade inferior. Deus, isto se assemelha a uma forma de fazer meu sangue correr as últimas garfadas de um Brasil sendo ingeridas em sua forma mais pura, mais forte. Assim, sentamo-nos.

Ela então me pergunta o porquê de eu ter vindo tão cedo, e, ainda, o porquê de ter vindo em geral. Lhe digo que vim porque estou em uma "enrascada", pois soube que ela poderia me ajudar. Claro que é tudo, na prática, uma manobra. Não gosto de pensar que estou a "manipulando". Talvez ela não acabe sabendo de todos os detalhes, e está tudo bem. No fim, ela me ajudará com extrema valia. Lhe darei algum perdão em minha mente caso o faça.

Curiosa, ela primeiramente ouve bem, me fitando com os profundos olhos seus. Então dá um grunhido para eu continuar. Assim, falo a ela que não quero enrolar e "me dói fazer esse pedido, pois sei que não fui muito próximo". Assim a conto aquilo que ela deve saber: que "estou com problemas com o aluguel" e "serei expulso caso não pague logo". Também digo que "estou com alguns aluguéis atrasados" e que "preciso de ajuda".

Ela me olha, respira fundo, e, então, dá um sorriso leve. Ela diz algo sobre se estou realmente "em um grande sufoco" e que ela mesma "não está muito bem", mas vai tentar ajudar. Assim, chega a temível questão: de quanto eu preciso?

Eu não imagino que ela levará tamanha quantidade pedida com muito prazer, mas é a minha única forma de deixar escorrer o sangue. Lhe peço assim: Eu preciso de quatro mil reais. 4500, especificamente. Nada mais, nada menos.

Mãe me vê quase que em choque, e, assim, me pergunta: "por que você não falou comigo antes?"; lhe dou uma resposta melosa e adocicada, uma de que "não queria trazer preocupação". Ela, então, dá um triste sorriso e me diz que "fará o que dá".

Ela se levanta, me deixando sozinho na sala. É um momento importantíssimo. Talvez eu não tenha a agradado o bastante no passado para conseguir esta salvação na hora final. Mas a única coisa que posso fazer é pedir que o destino esteja ao meu favor. Se Mãe foi, recorrentemente, tão tola, como poderia não ser agora? Não que eu esteja a enganando, é claro, mas, sendo sincero, não acho que dar 4500 reais assim, com premissas que surgiram do ar há menos de segundos, seja extremamente sensato. Mesmo que seja para mim, talvez ela devesse pensar melhor. Porém, é óbvio que eu não reclamarei nem nada do tipo – afinal, fazê-lo apenas significaria diminuir minhas já baixas chances de ter êxito.

A vejo retornar, andando cansada, mesmo que tenha acabado de acordar, e então me diz que "preciso cuidar melhor das minhas finanças" e que "da próxima vez não vai dar". Ué. Sério?

Foi tão fácil assim?

Abro o celular, vou ao aplicativo do banco. Lá está. Uma alta transferência, os redondos 4500 reais. Me surpreende sua rapidez. É isto o que chamam de amor? Impossível, afinal, ela sempre me renegou a uma posição abaixo do que eu realmente mereci, do que eu realmente tinha de ter. Fui forçado a fazer mil coisas fúteis como trabalhos de meio período e, assim, ela me colocou na minha baixa posição, aquela que levou Deus a me mostrar da forma mais bruta e imunda que eu tenho de sair daqui. Caso ela não estivesse aqui, meus planos seriam muito mais rápidos. Deus me mostraria a passarela mais cedo, e eu não demoraria a ver a liberdade, senti-la com minhas mãos da forma mais rápida, forte e essencial. Porém, talvez, Deus me repreenda se eu a julgar muito num momento como este. Afinal, apesar de todas as minhas persistentes

reclamações (que são dignas!), ela foi quem, sem saber, me ajudou a deixar o reino dos homens.

Faço então algo que me desagrada apenas para não deixar um gosto ruim na boca da Mãe – lhe abraço e, infelizmente, agradeço. Tudo curto, o mais simples possível. Espero que ela não tome isto como ódio puro. É apenas lógica. Porém, sendo sincero, se ela me detestasse a partir de então, eu não a julgaria. Se eu fosse exposto como um objeto, um produto a ser comprado, preferiria mil vezes os odiadores, os honestos e brutos, do que os falsos sensatos, os lobos em pele de cordeiro se colocando como pragmáticos, homens de um falso valor e de um falso Deus que clamariam ser assim como eu. Tolos.

Dou um dos famosos "tapas nas coxas e suspiro", assim mostrando claramente minha intenção de sair. Mãe está com um estranho sorriso que parece até um pouco sarcástico, mas sei que não é. É mais algo próximo de uma pena de si própria em conjunto de uma reprovação pacífica e fraca de minhas atitudes. Falo, para aliviar a estranha tensão no ar que isso causa, que é porque logo minha locatária virá para pedir pelo aluguel, e "só por isso eu vim te pedir tão do nada, juro!". Ela acena com a cabeça, ainda com o sorriso torto. Ugh.

Assim, vou fazendo as procedências para deixar a casa. Dou uma indicação de direção com minha cabeça, e, então, ainda de camisola, ela me segue para a porta, enquanto eu ando arrastando meus pés. Chegando ao portão externo, me viro, e, assim, lhe dou tchau enquanto aceno com a mão. Ela me olha como uma beata, dizendo "apenas me devolva quando puder".

É sofrível, mas não porque sentirei falta dela ou qualquer coisa do tipo. Toda essa cena, que parece durar por muito tempo, está lentamente ficando solidificada na memória. Causa um estranho sofrimento de pensar que, talvez, algumas coisas, mesmo as que eu mais deteste, são temporárias. Talvez seja minha ânsia por odiá-las que me faz temer perdê-las. Mas isto, afinal, não impede a marcha da história. Não

me sinto culpado de uma fraude, do roubo de uma "pobre velhinha". Para mim, é justificado. Mesmo que um outro me critique. Deus me conhece, não conhece? Ele não sabe bem quais são minhas motivações? Além do mais, ele também sabe que eu tenho uma jornada em frente. Mas, mesmo assim, ver sua cara de mujique, o sorriso fino e a camisola florida, com toda esta ambientação, este quintal meia-boca com os azulejos cheios de padrões de linhas, curvas e formas incompreensíveis cobrindo uma boa parte de seu chão, me causam, na totalidade, uma estranheza. É muito estranho pensar em não ver mais isto.

Porém, bem, deixa de pensar nisso. A questão é que faço o que faço exatamente porque desejo ver o Brasil escorrer morto além de meus pulsos, e não porque o quero abraçar e encher de beijos mil. Memórias são memórias. E os trópicos não me provém das melhores memórias. A maioria é ruim, a minoria é medíocre.

Então, não há mais nada o que se fazer aqui. Para tudo aquilo que os portugueses não destruíram, veio o Sol, fez cada inseto sair de debaixo de sua pedra, acabou com o frostbite, mandou criar o novo homem, e o novo homem destruiu o resto. Portanto, quem sou eu para me conformar à inação de décadas que eu vejo tanto por aqui? Ouço os corpos velhos falarem aqui e ali sobre o que mudou e o que não mudou, o que deveria ter mudado e o que não deveria ter mudado, mas, no fim, eles também vão passar além da fronteira da vida por aqui. Não que aqui seja o inferno na terra quando em comparação com todo o resto. Aqui não arbitro questões raciais ou coisa do tipo. É apenas natural da natureza por essas bandas do universo, certo? Nos permitir poucos espaços de divindade. Não é culpa do Brasil sozinho, não. Não é culpa de ninguém, sendo sincero. É apenas a ordem natural das coisas, correto? Então, devo achar um lugar onde não estou sozinho. Isso começa agora.

Minha mãe me observa quieta enquanto começo a sair. Sua rua é quase que totalmente desprovida de quaisquer árvores, e o Sol matinal reflete da rua em meu corpo, com a falta de sombra. Pelo menos, agora,

meu estado mental me permite em certo nível ignorar a existência sob a guarda do verão, pois sei que logo ele estará longe que só, e não temerei homem ou mulher quando ao meu lado ver Ele. Nem mesmo ao Sol darei importância.

Estou agora na avenida de novo. É hora. Vou direto para o aeroporto, eu simplesmente não tenho nada a ganhar esperando aqui. Eu não tenho tanto dinheiro assim pra simplesmente gastar com o que eu quiser, então é melhor eu pegar o metrô. Mas não é razão para se deixar levar. Eu sei que esta é a última vez de todas em que me verei aqui, como sempre, sofrendo de uma contínua insolação, tanto física como, mais importante, moral.

Aqui estou. Aeroporto de Guarulhos. Cheio como sempre, mesmo em uma manhã qualquer na semana. Já é 10 horas, e eu pesquiso com o pouco de Internet que me resta sobre o que eu não posso levar na viagem. Assim, vou para fora do aeroporto por um segundo e simplesmente deixo tudo nas grandes sacolas, ficando apenas com algumas coisas cruciais na mala principal – incluindo, apesar de sua crucialidade ser duvidosa, minha mais recente pintura. Não vou mais precisar disso tudo, e ninguém deu muita atenção a mim, então não faz mal deixar estas coisas aqui, acho eu. Tenho apenas uma única troca de roupa pesada, mas que não sei se é pesada o suficiente para o grande norte. Não importa, correto? O ponto é encontrar o caminho já traçado por Deus para mim.

Retorno, vou ao local de compra de passagens e, quando acaba a pequena fila, informo de minha intenção de comprar uma passagem para o Canadá. A atendente, uma moça jovem de cabelo preso que me passa uma imagem arquetípica de uma trabalhadora de aeroporto, me pergunta se eu tenho algum lugar em específico em mente. Portanto, passo a pensar na imagem mental que tenho dos locais no Canadá. Isto então me lembra bem de minha pintura. Sim. A Baía de Hudson. É lá que eu tenho que chegar. Mas não é como se tivesse uma grande cidade em seu litoral. Então, portanto, pergunto sobre passagens para o Winnipeg, que

eu imagino ser relativamente próximo da baía. Perco todas as esperanças então por meio segundo ao ser contado de um preço acima de R$ 6000. Teremos de chegar na baía de outra forma, então? Uma passagem à capital, Toronto, talvez? Ah, sim. 3900 reais. Muito aceitável – está relativamente baixo, pelo que entendi? Sim, sim, sorte, normalmente está milhares à mais, mas pode ocorrer... Claro, claro, claro. Cartão de crédito, tal, pronto, adeus, obrigado.

Está feito. Quase todo o dinheiro ganho em uma manhã se foi, assim. Me sobram 1572,45 reais com exatidão – virtualmente nada em uma terra em que se usa o dólar canadense, mas curiosamente o bastante para pagar meu aluguel caso ainda pudesse. Mas deve ser o bastante para ir além do bóreas.

Veremos. Meu avião sai às 14:00, e agora está perto das 11. Então, me encosto contra um dos bancos duros de espera, coloco fones nos ouvidos e apenas espero. Funcionou quase que como um *timeskip*. Diria que simplesmente estou em paz, estou calmo. Não há o que temer; se eu quiser apenas deixar de notar o tempo passar por um pouco de tempo, Deus já me deu a calmaria para poder fazê-lo.

Passou-se o tempo; o banco desconfortável, o barulho insistente dos anúncios e das conversas no aeroporto, o som das malas passando e outras mil miudezas foram inundadas com o relativo silêncio vindo dos meus bons fones de ouvido. Sinto uma certa calmaria – apesar de que todo o cenário me levou a pensar, mesmo que só por cima, sobre as consequências finais de minhas decisões. Deixar tudo para trás é um processo complexo, e mesmo eu, que busco adaptar meus dogmas às situações de acordo com suas condições, entendo que não é possível ser imediato, esperar com que eu perca nacionalidade, religião, ideologia, amizade, família, língua da noite para o dia. O processo é lento, é gradual, mas eu tenho de fazê-lo o mais rápido possível. Será possível deixar tudo facilmente?

Minha sinapse é cortada pelo anúncio, que tomou minha atenção mais eficientemente do que os outros mil que passaram, de que meu voo está já perto de ocorrer e eu tenho de embarcar.

Passo pelo portão que leva ao estranho túnel conectando o aeroporto até o avião, após mostrar meus esgarçados documentos. O avião ainda está um pouco vazio, aparentemente pois vim com mais pressa do que o resto dos passageiros. Me sento, e já sinto uma espécie de frio na barriga. A temperatura dentro do avião é regulada, e, no meu assento fofo, eu sinto uma brisa fria vinda do ar-condicionado logo acima de mim. Um calafrio. O vento sonoro vindo de cima me recorda do fato de que, então, a partir de agora, nunca mais eu terei de viver sob o Sol veranil – pois, apesar de questões científicas aqui e ali, sinto que, em espírito, aqui só há verão e lá só há inverno. Não há meio-termo neste caso. Mesmo que me alegre muito saber disso, ainda assim sinto arrepiar o fundo da memória, sabendo que uma onipresença através da minha inteira vida se vai com tanta facilidade – foi questão de uma epifania da noite, e pronto, lá se vai, junto da história inteira de minha vida até agora, o velho e forte Sol.

Olhando pela janela do avião ainda parado, eu observo o concreto da pista clareado pela luz do Sol, que eu não mais sinto aqui dentro do ambiente controlado. Apesar de não fazer frio ainda, já coloco uma jaqueta porque sei que estarei mal caso saia de camiseta na América do Norte, onde agora deve fazer, sei lá, cinco abaixo de zero. No fim, toda e qualquer preparação não será o suficiente para eu estar pronto. Apenas poderei estar realmente pronto quando eu O vir, em pé acima do horizonte da tundra.

Deixo aqui a Babilônia, pois enfim vou-me ao Sião. Deus me guarde.

CAPÍTULO VII - MEIA-NOITE

O avião parece enfrentar alguma turbulência. Estamos pertos já do fim da viagem; olhando pelo mapa na pequena tela implantada contra as costas da cadeira da frente, o avião agora passa próximo ao litoral dos Estados Unidos. Olho para fora, então. Já é noite – quase meia-noite, inclusive – mas dá para distinguir levemente o que está lá embaixo. Ainda parecemos estar em alto-mar, mas creio que já seja oficialmente território estadunidense – "Deus abençoe a América". O mar só é visível entre pequenos e esparsos cortes, buracos contra a planície de nuvens abaixo de nós, deixando transparecer um fundo de azul forte, imóvel, como que um grande papel de parede completamente azulado. Meus ouvidos completamente fecharam no começo da viagem com a mudança de pressão da decolagem, e eles não mudaram nada até agora. Por conta disso, o ambiente de todo o interior do avião deixa passar certos sons em meio ao silêncio de uma viagem de 8000 quilômetros que meus ouvidos quase surdos conseguem captar, mas não completamente absorver. O casal de meia-idade conversando três fileiras atrás, com uma voz em volume normal, mas como se estivessem tentando sussurrar; o idoso na fileira ao lado se mexendo enquanto tenta dormir; e, múltiplas fileiras em frente, uma criança falando alto, pedindo alguma coisa para sua mãe. O oco e morto som constante das miudezas mal passa pelos meus ouvidos, mas o som do ronco do "*businessman*", de terno amassado e cabelos oleosos, encobre o resto dos barulhos.

Agora, já passei por minha adaptação de uma forma contrária de "fases do luto", e estou em uma aceitação do absurdo. Eu não verguei minha visão ao longo dos últimos dias desde que decidi cometer o que pode ser descrito como uma profunda insensatez, mas eu tomei tempo a aceitar, enfim, que não importa argumentar contra ou a favor daquilo que, faz tempo já, eu aceitei como sendo apenas uma ocorrência natural da história de minha vida – a partida em direção ao meu destino, seja lá qual ele no final seja. Apenas espero (e considero ser verdade) que será

meu encontro, material ou imaterial, com Deus. O único que sabe como afinal irá se suceder o processo até lá é, afinal, Ele.

Estamos já passando por Nova Jersey agora. Decido encostar e entrar num estado de quase-sono.

Acordo com um susto. O homem de terno ao meu lado acabou de fechar seu fichário com tudo, e eu olho pela janela, ainda com a visão e audição um pouco confusas, e vejo que estamos claramente descendo, já cruzando agora as nuvens e nos permitindo ver a cidade de Toronto. Eu consigo ainda ver um pouco do Lago Ontário antes de completamente ficarmos acima de terra. Estamos já próximos do aeroporto, pelo jeito. As pessoas ao redor do avião estão crescentemente falando mais alto, deixando assim audível mesmo com meus fones de ouvido os sussurros e soltos barulhos que antes permeavam apenas o subterrâneo da minha audição.

Pouco tempo depois, o avião se aproxima ainda mais do solo e dá um leve impacto contra o chão após sua roda bater na pista. Estamos em território canadense. Que Deus abençoe meu inglês meia-boca.

Saímos. O empresário ao meu lado se levanta, tosse, e já entra na fila se formando para sair do avião. Eu, então, vagarosamente saio da cadeira enquanto as pessoas já vão rapidamente se afunilando para deixar o avião. Pego minha única mala e a carrego nos braços, desconfortável. Saímos assim por outro túnel para dentro do Aeroporto Internacional Pearson de Toronto. Apesar de eu dar apenas alguns poucos passos adentro do local, existe uma sensação diferente. Primeiro, que faz um puta frio mesmo aqui dentro. Olho pro meu celular para ver a temperatura, apenas para me lembrar que, obviamente, aqui eu não tenho sinal. Mas, o mais importante, é que, mesmo com a multidão de brasileiros conversando aos meus lados que vieram junto na viagem, já me é peculiar observar nos meus entornos aquela mesma voz de fundo,

aquele burburinho, barulho, só que agora em inglês. Andando um pouco mais, ouvia uma língua ou outra aqui e ali além do inglês, mas, apesar de tudo, isto não é nenhuma benção. Além do mais, por conta do horário tardio, é ainda mais raro encontrar alguém aqui além do grupo que veio no mesmo avião comigo. Mas, quando se trata destas novidades que estou presenciando agora, Deus não me entende mal – ele sabe que não estou aqui pela língua, etnia, cultura ou algo do tipo dessas pessoas. Tanto faz para mim – Toronto, Vancouver, Ottawa, Nova York, Chicago, são todas apenas versões mais frias, mais brancas e mais ricas de São Paulo. Ou seja, grandes réplicas da Faria Lima.

O que me interessa afinal não está aqui na cidade grande. Está bem mais longe. Apesar de que só de sentir esta brisa de frio onipresente, mesmo no selado interior do aeroporto eu já me senti aliviado, até mesmo um pouco gélido demais, de qualquer forma. Mas agora, então, não gastarei mais nenhum tempo esperando, enrolando aqui, onde nada há de ser ganho.

Ziguezagueando entre os empresários pegando viagens rotineiras a trabalho e os turistas que ficaram com horários ruins de viagem (apesar de que estamos na semana e não é especialmente alta temporada, então mesmo entre esses grupos nichados o número de indivíduos é pequeno), chego assim no Terminal 3. Eu estive pensando durante a viagem e minha conclusão foi de que preciso chegar às águas frias que descem desde a Groenlândia até os rios que desembocam na Baía de Hudson. Então eu preciso, no mínimo, de um carro, e, obviamente, dinheiro para esse carro. No Terminal 3, vou trocar meus restantes 1500 reais (meu Deus, isto não é nada) por dólares canadenses e alugar um carro por um dia. Faz sentido, não? Me dói tanto ter que ficar calculando questões como dinheiro. Mas parece que eu não tenho nada a fazer senão aceitar que simplesmente é impossível ser um imediatista. Que pena.

Um problema é que eu sinto que o tempo aqui, mesmo que eu acabe de chegar, passa dez mil vezes mais rápido. Não que ele realmente

mude, mas, sabe, existe aquela sensação imaterial de que eu tinha de aguentar o quanto fosse possível quando eu estava na América do Sul e que, mesmo que ainda esteja no meio do mundo humano civilizado-selvagem contemporâneo (apenas milhares de quilômetros acima de São Paulo), agora, aqui, onde eu estou já passando frio pelo Inverno rigoroso do hemisfério norte passando entre as frestas dos portões do aeroporto, eu sinto que estou mais próximo de meu objetivo, e os infortúnios irritantes ainda a serem ultrapassados que permeiam minha vida mesmo tão longe do Brasil continuam a ser derrubados pela caminhada constante da história de minha pessoa.

No Terminal 3, vou caminhando lentamente até uma bancada de troca de dinheiro. Claramente cansada e próxima de terminar seu turno, a garota canadense do outro lado do balcão me olha com o rosto exausto, suas feições todas posicionadas para baixo, mas ainda deixando transparecer uma espécie de esperança juvenil de uma moça em idade universitária que parece estar com este emprego tão aleatório e laborioso apenas porque não está bem ingressada no "mercado de trabalho". Certas coisas não mudam, mesmo que os continentes sim.

Como a atendente sabe que está cercada de turistas mal-informados, empresários cansados e refugiados, ela fala o mínimo inglês possível, apenas balbuciando para mim sobre qual a troca que eu desejava fazer. Rapidamente, também eu poupando palavras, realizamos assim a troca monetária e agora em minhas mãos estavam meros 421,70 dólares canadenses. Cristo.

Durante a viagem, eu fiquei vendo os sites do aeroporto e coisas do tipo no meu celular. Pelo que vi, um dos lugares de aluguel de carro só fecha por volta da 1 da manhã, então eu posso ir lá agora. Depois disso, só Deus sabe.

Eu então ando por esta parte relativamente vazia do aeroporto – indo pelas escadas para o primeiro andar do estacionamento do Terminal 3. A sensação é quase que fantasmagórica – um espaço tão monumental,

suas proporções para comportar as inúmeras multidões que vem e vão ao longo das décadas de famílias, grupos de turistas, casais em lua de mel, empresários a trabalho, que agora parece completamente inútil, desproporcional, oco. Ouço as vozes distantes falando em seu inglês abafado dos guardas do aeroporto, os passos duros e rítmicos dos outros parcos passageiros, suas malas de rodinha fazendo barulho através dos azulejos do piso. Um barulho mecânico leve das escadas rolantes em algum ponto do aeroporto perturbando em conjunto dos outros o silêncio de meu aparente isolamento.

Passo pelo estacionamento, observando as placas dos carros aqui estacionados – afinal, não são mais as mesmas placas do Mercosul, e acabo dissociando um pouco enquanto as observo. Faz frio, então estou completamente encolhido contra mim mesmo, as mãos nos bolsos da jaqueta leve e as pernas presas uma contra a outra. Ao sair, tenho certeza de que estará ainda mais frio. Mas eu estou mentalmente preparado, é só colocar mais uma, duas, três blusas dentre aquelas em minha bagagem. Porque, afinal, isto é dez mil vezes melhor do que o calor.

Vejo o lugar no canto do andar onde está a empresa de aluguel de carros. Claro que eu não tenho a mínima possibilidade de devolver esse carro no tempo certo, mas pelo menos não estarei o destruindo ou coisa do tipo. Estou apenas indo para o norte, não tem problema nenhum com isso, certo? Eu chegarei, estarei em contato com a baía congelada, e assim decidirei bem, conforme eu sentir a presença Dele, o que fazer em seguida. O homem de camisa e crachá, de olhos cansados, no fim de seu turno, mal olha para mim quando eu me aproximo – ele está organizando algo em sua mochila no chão. Espero, tentando ao máximo não parecer irritado pela demora. Assim, ele se coloca com a postura ereta e me observa de cabo a rabo como se tentando ser ameaçador, mas sua clara feição de desconforto e cansaço não deixam transparecer qualquer possível ameaça real.

Falo ao homem e seu cabelo com gel, igualmente com curtas frases, assim como fiz à atendente da conversão monetária, que preciso

de um carro assim que der. Ele me olha e inicialmente parece fazer uma careta clara, apenas para então disfarçá-la. Parece que ele se lembrou que seria demitido se eu denunciasse isso pro seu chefe no meio da ação. Mas, obviamente, isso não é problema meu.

Ele, então, dá um suspiro e abre o armário no nível de suas pernas que ele já havia fechado enquanto eu chegava (claramente pensando que poderia ir embora imediatamente), assim pegando uma o que parece com uma tabela em papel de foto ou algum material do tipo. Eu vejo o papel. Apesar de minha excitação em finalmente ter deixado tudo para trás, tal animação não consegue impedir meus olhos de ficarem embaçados depois de ter dormido durante grande parte da viagem e agora ter que subir e descer escadas no aeroporto, e, assim, mal consigo distinguir exatamente o que está descrito neste "cardápio", se pode se dizer assim, de carros. Eu tirei a carteira de motorista milênios atrás e nunca usei ela, mas de qualquer forma, se eu preciso dela agora, então vamos usá-la. Eu olho melhor para o papel, tento ver, e digo apenas que quero um carro "econômico" para dois dias. O homem me aponta para a lista de carros e dá um grunhido, tentando demonstrar quais são os econômicos. Eu vejo um deles – 31 dólares por dia, vermelho. Aponto pra ele. O atendente então se vira, audivelmente estala as mãos, pega as chaves e então me pede por minha carteira de motorista. Eu imagino que aqui ela não serve de nada, mas eu então dou para ele minha carteira, brasileira mesmo, toda em português. Ele olha um pouco confuso e me dá um olhar de desaprovação, para mim então lhe mostrar meu passaporte. Agora ele trocou seu olhar para um de incerteza. Eu coloco os 62 dólares na mesa e ele então revira os olhos, mostra os dentes em uma simulacra de sorriso e assim apenas aceita, pegando o dinheiro enquanto eu pego de suas mãos. Solto um desajeitado "*thank you*" e ele apenas me aponta uma direção no estacionamento enquanto eu me viro para ir embora.

Andando entre os retângulos brancos no chão, vou observando os números dos pilares. Eu me lembro de quando meus pais ainda eram

casados – eu, na ingenuidade perfeita da inocência pré-púbere, de face bronzeada e família patriarcal. Ainda abençoado pelo desconhecimento puro, e não pelo desconhecimento adulto, infeccioso e letal. Passava no estacionamento do supermercado e ficava contando os números de cada pilar e cada linha, para ficar assim lembrando qual a "casa" onde o carro de meu pai estava. Assim, no fim da compra do mês, eu iria alegremente contar para meus pais que nosso carro estava, "se eles se esqueceram". Tempos simples.

Eu não entendo absolutamente nada de carros – nunca tive um e não terei nenhum – mas pelo que entendi este é um Hyundai. Me aproximo do carro de coloração vermelho-escuro e abro sua porta. Antes de entrar, retomo minha vista aos meus arredores. Um som constante, um zumbido das luzes fluorescentes elevadas e grandes; sua luz forte iluminando toda a superfície do estacionamento, mas que toma contraste contra, no longo horizonte, a saída do local, onde um breu da mais profunda madrugada deixa trespassar e abre campo de batalha contra a forte luz. Parece até o oposto de "luz no fim do túnel". Do outro lado, apenas ouço os mais baixos e quase imperceptíveis sons vindos da bancada onde está o atendente da locadora de carros – mas, ao mesmo tempo, consigo visivelmente alucinar a situação em minha cabeça com todos seus sons e detalhes; o homem suspirando, sua testa franzida, se agachando para arrumar os armários na parte de baixo da bancada, pegando então sua mochila, para assim trancar o pequeno portão que dá entrada no lugar e assim dar pesados passos através do estacionamento, finalmente deixando seu local de trabalho para ir dormir em seja lá qual seja sua casa. É apenas dedução, claro; apenas vejo a situação inteira como uma pletora de borrões coloridos no fundo da vista.

Entro no tal do Hyundai. Um cheiro de carro novo, higienizado, entra minhas vias respiratórias. Pego a espécie de cartão com um número e instruções atrás pendurado no carro, dizendo coisa ou outra que não me importo sobre como lidar com o veículo e como tem algo

sobre localização. Passo a mão sobre a plastificação em cima do cartão. Tem aquele cheiro característico do mais intenso processo de industrialização, o plástico emanando seu cheiro clássico. É reconfortante, apesar de tudo, sentir um cheiro tradicional, comum, mesmo estando tão longe de minha terra originária. Existem certas coisas supérfluas que trazem certa familiaridade boa – aquelas que existem em todo lugar, mas que não levantam outras particularidades ruins à tona. A textura do musgo molhado, o cheiro da chuva, do plástico, do carro e do livro novo, os passos ao longe de pessoas que não sei a cara nem o nome; é incontável, mas, ao mesmo tempo, tão valioso, poder às vezes ver estas futilidades e perceber que, no fim, Deus as nos dá. A questão é que elas em nada influenciam. Não causam dor, calor, conversação, tédio, raiva, enfermidade, nada. Apenas estão lá. E estão lá em todo lugar. É bonito. O cheiro do plástico me traz isso. Me lembra de encostar meus brinquedos perto de minha cara quando era criança. Mas é um cheiro diferente de plástico. Ainda assim, familiar e eterno.

Eu, então, ansioso para sair, levanto, coloco minha mala no banco de trás, entro novamente, e, enfim, dou partida no carro. Desacostumado, eu assusto levemente com o barulho do carro ligando; então, apenas para garantir, olho pros pedais, observando a posição dos meus pés em relação ao acelerador. Respiro fundo. Sairei do aeroporto, e, então, vou imediatamente dirigir para fora de Toronto. Só de sair do aeroporto eu já sinto que estarei então experienciando este novo mundo, anteriormente tão isolado, tão desconexo. Não está nevando agora. Mas parece que vai amanhã, pelo que eu vi na previsão do tempo enquanto no avião. Deus me abençoou – desta vez visivelmente. Mas eu simplesmente não tenho tempo a perder.

Olho para o fundo do estacionamento, onde a rampa leva rumo ao grande breu da, vejamos, meia noite e meia. Então piso no acelerador e tomo um leve susto com o súbito tranco, para então me adequar.

Vou devagar através do estacionamento; com calma, porque não sou um bom motorista, não importando quaisquer outras habilidades

minhas. O carro então passa pela rampa e eu seguro com força o volante, com um, admito, claro medo. Faço uma leve curva saindo da rampa e, então, deságuo na rodovia... 409? Não sei exatamente como funciona o design da malha rodoviária no Canadá. A grande avenida não está exatamente vazia, afinal, Toronto ainda é uma cidade de grande porte, mas o número de carros é um tanto parco; apenas posso ver uma dúzia ou coisa do tipo no meu campo de visão. Começo então a acelerar na rodovia. Dá um pavor incomensurável abrir o GPS na tela do carro enquanto tento olhar, tanto pelo vidro da frente como pelo retrovisor, se eu não vou ser amassado por algum ônibus articulado ou coisa do tipo. Não sou usualmente muito cuidadoso, pelo menos eu acho; mas, pelo santo Amor de Deus, que agonia. Os botões do *touch* da tela me confundem, aperto no lugar errado toda hora. Mas agora está certo. Ok. Coloquei pra ir até o Winnipeg, província do Manitoba. Vou ir passando logo por cima dos Grandes Lagos.

Abro a janela. Vem um vento congelante, que eu nunca nem senti antes. No canto da tela do carro mostra como estando em -3°. Meu Deus. A pista da rodovia claramente está úmida. Uma camada fina de gelo se forma, a umidade acumulada do ar. O céu, nublado. Estou absolutamente morrendo de frio. É lindo. A jaqueta que em Guarulhos estava me fazendo quase suar aqui é absolutamente incapaz de me proteger do frio, em qualquer instância. As pontas dos dedos segurando o volante estão já ficando sem toque. Acabo dando um sorriso natural.

Eu não estou com sono algum. Dormi até que, surpreendentemente, bem durante minha viagem de avião. Agora, tenho que ir o mais longe possível de Toronto, principalmente porque pelo que eu saiba eu não realmente posso ir tão longe assim de acordo com o aluguel do carro. Mas o que eles poderão fazer assim que eu chegar no Manitoba e, portanto, deixar o carro? Portanto, a possibilidade mais viável que eu vejo é simplesmente cortar através da madrugada, aproveitando ao máximo o relativo silêncio que este horário me dá. Eu sempre preferi a noite, sendo sincero.

Coloco mais peso no pedal. Vamos em frente. A fresta da janela aberta permite vir um forte e denso vento, jogando meu cabelo pros lados, por um momento colocando então uma franja que me tapa a visão, e, em outro, erguendo as mechas acima. É levemente desconfortável, mas essa sensação completamente some ao ver o esbranquiçado rastro de fumo, a respiração ofegante e quente saindo da minha boca neste ar congelado me causa uma, Deus, não é nem possível descrever. Uma ebriedade. Um sinal físico de que não estou em uma alucinação psicótica. Ha, ha. É tão intenso, né?

Ei! Desvio do carro mais lento na frente, quase que bato nele. Admito, talvez eu esteja um pouco inconsequente. Sinto como se eu estivesse com astigmatismo ou coisa do tipo. As luzes dos "faróis de trás" dos carros à minha frente estão formando longas linhas. Que maravilha! Eu sempre detestei o trânsito e toda a cultura de dirigir, mas eu entendo um tanto agora qual que é o frenesi proveniente de estar numa situação dessas. Apesar de que, é claro, o frenesi é mais uma espécie de combinação da adrenalina de dirigir o carro a sei lá quantas dezenas de quilômetros por hora com o fator mais importante, o fator pelo qual eu realmente estou aqui, não é? Estar finalmente apto a se render à essa espécie de louca dipsomania, sentir que meus anteriores objetivos de vida foram, finalmente, deixados para trás! Sentir que agora não é mais uma maquinação da psique para me aliviar do calor do janeiro paulistano, que, realmente, eu estou cercado da terra dura, pronta para nascer com a geada na manhã seguinte e, logo, com a nevasca. Estou morrendo de ansiedade! Quem senão Deus, afinal? Ele me dera todas as ferramentas para estar aqui e agora! Me mostrou com todas as lacunas o sangue quente e a víscera mutilada do corpo fatiado do velho Brasil, exposto à uma lenta deterioração - assim como todas outras nações do Reino do Homem, as outras sociedades e seus Estados. Apenas Ele fora capaz de me mostrar como escapar e com que escapar! E é então meu dever de vida cumprir esse destino divino!

CAPÍTULO VIII - MARAVILHAS ATÍPICAS

Duas da manhã. Eu não tenho, ou ao menos não tinha até agora, noção de quão exaustivo é dirigir longamente. Já saí de Toronto faz um razoável tempo, meu carro agora está passando por uma ponte em uma, sei lá, vila, cidadezinha, não sei. Pelo que eu vi nas placas, acho que o nome da rodovia é Trans-Canada. Já devo estar nela.

Olho pela janela ao lado do carro. A ponte não é muito grande, e eu consigo ver, ou acho que vi, uma placa, apenas fracamente iluminada pela luz dos faróis do carro, dizendo que estou em um lugar chamado Port Severn. Severn, que nome estranho. Me lembra algo eslavo, russo. Sei lá. Os postes distantes uns dos outros através da rodovia vão marcando a luz sobre a estrada. Dá para ver até que bem, entre os grupos de árvores demarcando a divisória quase que natural da vila com a rodovia, uma ou outra casa de luzes acesas. Abaixo do predominante som do carro passando rapidamente pela rodovia, eu consigo escutar por míseros segundos os sons da cidadela – um cão

latindo em uma das casas, alguém tossindo. Como eu já refleti antes, certas coisas são iguais em todo o tal do Reino do Homem.

Com igual velocidade àquela que aqui entrei, logo estou já saindo da cidadezinha, de volta à imensidão do nada rural. Eu estou me sentindo fisicamente confuso. Acho que acaba sendo uma avalanche de diferentes sensações, tanto no corpo como na mente, e eu então estou só, sei lá, esquisito? Estou com muita fome, mas eu não tenho nada para comer. Ainda estou com frio, mesmo que tenha posto uma outra blusa que considero mais pesada, além de estar com uma paulatina dor de cabeça. As luzes se acalmaram na minha visão, não mais estão riscadas, divergindo entre extrema força e extrema debilidade. Sinto que ainda estou em o que pode ser entendido como um processo de adaptação mental, que leva ao corpo também ter de se adaptar.

Eu não planejo dirigir mais que uma hora, uma hora e meia além disso. Mesmo que eu não esteja realmente com sono, dirigir é radicalmente maçante, além de cansativo (apesar de que, talvez, seja apenas porque eu esteja completamente desacostumado com dirigir, principalmente dirigir longas distâncias, por um longo tempo, em uma terra que eu nunca vi antes). Depois é melhor eu encostar o carro e me deitar no banco de trás, sei lá, coisa do tipo. Claramente não é o melhor cenário. Por isso mesmo amanhã de manhã eu só vou tentar ao máximo gastar meu tempo da melhor forma, chegar logo no Manitoba. É o (que talvez possa ser um) paradoxo – quanto mais eu dirijo, mais perto de ter que parar de dirigir eu estou.

Já passou das três e pouco da manhã agora. A luz do GPS está já me cegando – não estou completamente apto para dirigir direito. Acho que vou encostar logo quando ver qualquer sinal de civilização humana que não seja a estrada e seus postes. Nas últimas três horas, o frio confortável tem lentamente se degradado em uma dor na espinha, talvez porque minhas juntas estão já doendo da junção dos fatos de ficar parado na mesma posição por muito tempo e de ainda estar se adaptando ao clima.

Uma placa. Tem um tipo de curva para fazer em frente que me deixaria num tal de "Britt". Certo. Agora é 03:17. O caminho passa abaixo da Trans-Canada, me deixando nesse ponto um pouco mais baixo do relevo. Parece ser uma vila miúda, sem mais do que uma sequer rua cercada de esparsas casinhas e trailers, algumas com suas luzes alaranjadas ligadas. Aqui já é a grande imensidão do Canadá onde nada nem ninguém permanece senão bestas selvagens, tanto inconscientes como humanas. Apesar de que, claro, os humanos deste calibre apenas são bestas selvagens de um tipo diferente daquela das grandes cidades - os metropolitanos também são assim, apenas tem uma espécie de discriminação infra bestial contra seus próprios irmãos.

A ruazinha passa logo ao lado de um ribeirão que vai indo em frente pelo fim-de-mundo, passando na beirada das casinhas. Mesmo com a luz do Hyundai não sendo muito forte, eu consigo ver que no fundo o rio deságua contra o que se parece com um lago, bacia, sei lá. Do meu lado, uma pequena lâmpada atrás de um baixo muro ilumina com seu brilho claro a placa ao lado – "*Holy Family Church*". Do outro lado da estrada, vou passando devagar e consigo ver uma cruz celta. Curioso. Superstições e falsos deuses são presentes em todo o continente, mas ainda assim é possível ver algumas mudanças em estética ao longo dele. Não que eles não percam seus destinos de heresia no fim, "protestantes", "católicos", seja lá a denominação, o nome, a igreja.

Chego numa curva da estrada – é onde o riacho deságua. Tem um grande lago na qual a cidade se curva, mas dá para ver no distante horizonte uma ou outra luz de alguma espécie de comunidade do outro lado do corpo d'água. Aqui na vilinha eu não estou ouvindo nem vendo absolutamente ninguém. É até um pouco amedrontador quando eu não paro para lembrar de Deus; faz parecer que estou ainda mais suscetível à algum ataque, inquisição ou expulsão por parte dos habitantes desse lugar. Mas aqui, na virada com o lago, só consigo ver mais e mais casas abandonadas, construções incompreensíveis e ainda menos luzes. Encosto então o carro em um espaço de terreno baldio ao lado da

estrada. Vou tentar meu máximo para me aconchegar no banco de trás e assim poder dormir pelo menos algumas poucas horas até a manhã.

Ahn. Um som me acorda. Acho que é uma gralha ou um pássaro do tipo (nem sei se existem gralhas no Canadá). Já está meio claro. Levanto, e, Cristo, que dor na coluna. Parece até que eu a travei, deu um torcicolo junto, sei lá. Olho pela janela. Meu Deus. Está nevando.

Saio do carro. Nossa, mas, eu... é indescritível. Tiro as luvas das mãos e as exponho. Deus, que benção incrível. Eu consigo sentir os flocos sozinhos na palma da minha mão molhados e extremamente frios. uma sensação de cunho extraordinário; não pelo sentimento físico, mas sim pela profunda aura feérica e divina que penetra como adaga meu psicológico. A umidade constante vai descendo além da mão, escorre em suas gotículas, e sinto que, com isto, neste instante, apenas sou. Sou e continuo sendo; a neve me prova de minha tão crucial existência - sem ela, minha mente, incorpórea e autônoma, não teria corpo para habitar. Um instante se passa. Outro instante. Mais um. E o tempo se torna não-linear; ele parece ziguezaguear na minha perspectiva, deixando tocar de novo as mesmas cenas de meros segundos atrás, repetindo então a queda da neve que já vi, jorrando dos céus em seu rítmico, gradual passo. Sinto-me ébrio; mesmo que minha memória material se recorde do início dessa cena, eu a sinto como uma intransigente eternidade. Deus caindo em esparsos flocos; um encontro tão esperado por mim. E com isso, sou; não sou Tales de Mendonça Taiguara, não sou homem, não sou brasileiro, não sou proletário, não sou nada nem ninguém - apenas sou. É uma linda hipotermia que diretamente toca no âmago da minha psiquê, construindo assim os andaimes do meu mais verdadeiro ser, livre das amarras do Reino do Homem e seus vassalos maneirismos, livre para enfim me tornar um com Deus, presente em parcas, mas ricas coisas, como o floco de neve que vem e vai pelo ar. Aqui, agora, com a infinidade de momentos sucessivos, iguais e distintos ao mesmo tempo, vai escorrendo meu poluído sangue humano, e nada posso sentir senão a

santa glória da natureza vencendo a cruzada de quase 30 anos contra o homem, no moldável, porém ferrenho campo de batalha que é o Eu; Eu, que não sou nada além de mim, não faço parte nem colaboro com o externo mundo humano, muito menos com suas falsas crenças.

Assim, acabo ficando por incontáveis espaços de tempo sem dar qualquer atenção para o mundo na minha volta, deixando a hora passar, em vez disso apenas observando o que penso, o que acho, o que digo. Se for parar pra ser um pouco mais filosófico, isso indica que tudo está sempre da minha perspectiva pessoal e eu aceitei tal perspectiva como a verdade universal, pois tudo do mundo físico está sempre sujeito à minha análise em vez de aceitação direta, como, talvez, algumas pessoas façam. Como já me foi dada a certeza de que estou em um caminho correto por Ele (a neve é um dos indicativos de tal certeza), não me preocupa estar dentro desta situação – talvez egocêntrica para alguns ignorantes – de perspectiva de mundo. Mas pensar exatamente sobre o pensamento também é dissociar do mundo "real"; é o que estou fazendo agora. O tempo que eu acabo de dizer que passou rápido e despercebido por minha falta de atenção deve já ter duplicado. Melhor sair do "transe"; me levanto, limpo as calças molhadas com neve (apenas para então causar uma sensação muito fria nas palmas das mãos fazendo esta limpeza) e vou pegar mais uma blusa para colocar por cima da jaqueta.

Toda e qualquer ação minha é interrompida por uma súbita observação das matérias dessa manhã tão pouco usual, ainda assim tão deificada para mim. Me percebo apenas sem voz, sem pensamento, sem movimento, apenas uma massa única de tato, olfato, audição e visão que se foca inteiramente em observar com todo o máximo zelo este cenário que se aparenta tão raro. É verdade que ele é o primeiro de muitos, se Deus quiser; mas do que vale não aproveitar a glória incomensurável da primeira vez? Fazendo o que uns considerariam possivelmente uma analogia mórbida, aqui, eu sou aquele que comete o *harakiri* e Deus é o *kaishakunin* – ele está me dando aquilo necessário para eu finalmente cometer o meu sonho e dever de vida, a cartada final no grande

panorama do meu eu. Ou talvez seja uma analogia falha que aproprie de conceitos culturais muito mais complexos do que eu conheça. Quem sabe?

Olho pela longa rua ao longo do lago. Ela está já coberta de uma fina, mas clara camada de rasteira neve ao longo do cimento. Pelo fundo, eu vejo as docas do vilarejo, com uma quantidade desproporcional de pequenos barcos; uma bandeira do Canadá voando com parcimônia pelo vento moderado deste nublado dia, suas características mais claras pelo vermelho de suas feições. A água ainda não congelou por completo, mas parecem já haver certas finas linhas de gelo na mais alta superfície do corpo aquático. Não sei o que eles fazem com barcos quando a água na sua volta solidifica. Ao longo da estrada, por agora não vejo uma sequer alma viva, mas, a não ser que eu esteja louco, parece haver o tintilar de um sino, possivelmente da mesma igreja na qual me reparei na noite de ontem (ou melhor, hoje). Olho meu celular (que está com alarmante baixa bateria) – são dez e meia da manhã. Não dormi exatamente pouco ou muito.

Apesar de minha intenção de sair logo para chegar em Winnipeg o mais rápido possível, decido dar uma caminhada ao longo da estrada. Mãos nos bolsos, se encolhendo ao máximo, a sensação de leve aconchego e calor em meio ao escaldante frio é impronunciável. Vou subindo a rua, passando por sua curva e deixando a beira do lago para trás. Vejo em uma casa uma mulher, nos seus 40, 50 anos em uma pesada parka, arrumando coisas na varanda de sua casa; ela rapidamente se vira na minha direção, me observa por alguns segundos de olhos cerrados enquanto deixa transparecer esta estranheza ao desconhecido em sua pacata vila. Ignoro; não é intento meu permanecer aqui, e eu, mesmo com todos meus desgostos pela civilização, devo dar créditos aos pobres coitados que, de todos os locais do reino humano, decidiram habitar uma cidade aparentemente tão aleatória do mais profundo interior, sofrendo com o pior de ambos os mundos – o pior da civilização e o pior do isolamento. No Brasil, cidadelas como esta seriam

provavelmente aquelas de 500, 600, no máximo 1000 habitantes, com nome de santo misturado com nome em tupi, em que toda a existência da vilinha permanece em torno da capela ao meio – será que então ela pode ser descrita como uma teocracia? Talvez. Aqui no Canadá, imagino que a diferença seja apenas que eles têm pastores em vez de padres e que são mais "civilizados", dignos da legalização do aborto e da maconha, diferente de nós, meros pobres ignorantes latino-americanos. Ah, e neva.

Subindo mais a rua, passo novamente em frente da igreja. Vejo além do baixo muro onde está seu nome na rua o até que pequeno saguão da igreja, exposto para os transeuntes pela estrada – apesar de que, pelo aparente baixo número de moradores, não deve haver muitas vivas almas que passem por esta estrada para observar a paisagem humana. O padre (é uma igreja católica pelo jeito, para minha estranheza) usa uma grande capa verde decorada nas costas, e, então, proclama com a alta voz de um locutor espiritual, que fará a homilia. Sinto alguma visão solta e curta de um dos membros da pequena igreja ali presentes (cuja totalidade não deve exceder uma dúzia), talvez de curiosidade, talvez de repreensão. Não me importa; são falhos apedeutas que vagam sem sentido por aí, buscando então se apegar com falsas imagens e falsos ídolos. Mas, no fim, apenas são estúpidos e humanos tolos que caíram nas trapaças de um ilusionista: tema, tema que seu falso "Deus" posa lhe julgar, mas, no fim, os pecados dele são imensamente maiores que os teus.

Vou andando de volta pro meu carro. Nos intermeios do caminho eu tendo a ficar neste processo contínuo de atenção e desatenção; meus pensamentos e minha constante observação da neve acabam por completo se misturarem, dando espaço à uma fragmentada linha de raciocínio que se deturpa em uma grande confusão. Acabo pegando a maravilha da neve e a interpelando com toda e qualquer outra coisa. Estaria eu deteriorando a beleza incomensurável desse inverno ou o amplificando para todas as outras coisas que vejo? Só Deus sabe.

Chego na clareira extensa na qual meu carro está. Limpo um pouco da fina neve em cima de seu capô e caminho para dentro da pequena extensão de taiga além da clareira. Passando a mão entre as folhas cobertas de geada, me sinto tão longe e tão perto da civilização ao mesmo tempo. Não importa porém quão grande minha distância do Brasil seja, eu ainda espelho o que vi lá com o que vejo aqui; uma palinopsia eterna do corpo e imagem de uma figura incorpórea, mas ainda assim gigantesca, que é a brasilidade, não importa onde eu esteja. Sentir meu nariz guarani frio, meu ar tupinambá congelado sair da boca como vapor, minhas pontas kayapós dos dedos com intensa dormência por conta da temperatura; tudo isto me traz de novo sensações do que vi e presenciei poucos dias atrás. Não é fonte de patriotismo; é apenas fonte de insossa maternidade. Uma maternidade fria, fraca, nada mais ou menos. Não é amor ou desamor; meu desejo de ver o Brasil sair do corpo é apenas para, então, finalmente abandonar ao passado meus grandes inimigos: o calor equatorial e o reino da humanidade, e não os maneirismos internos de uma sociedade ou outra, o Brasil ou qualquer outro. A questão é que isto é tudo um grande debate interno sobre coisas que não importam a ninguém mais senão eu. Mas eu não tenho ninguém além de mim – então não é fútil, correto?

Me encosto numa das coníferas. Olhando para o longo e distante céu nublado, vão caindo os flocos de neve devagar, em seu passo rítmico e contínuo. É muito interessante; sinto como se, mesmo em um estado material e de espírito tão diferente, eu esteja no meio-termo exato de minha progressão de vida – daqui eu ouço o bóreas assoviando entre os pinheiros, a neve afundando sob minhas botas molhadas, mas, ao mesmo tempo, ouço em tons abafados e em decaimento o ritmo velho do paranauê-paraná, dos facões dos boias-frias em meio ao canavial, da avó cozinhando ao som do sertanejo. Tão estranho! Tantas coisas que eu experienciei tão lateralmente, vendo-as apenas como estas situações folclóricas, caboclas, que não mais interviam no mundo moderno, assalariado, industrial e democrático-burguês de São Paulo, mas que, ao mesmo tempo, ressoam como

minhas memórias boas de um passado que não vivi (mesmo sendo composto das mais puras idealizações).

Acaba que o tempo se desenrola mais rápido que a gente percebe. São já onze e meia. Quase sentado contra o caule do pinheiro, deixei o minuto e a hora passarem e agora minhas pernas estão não apenas frias como intensamente dormentes. Desperto como se de um profundo sono, observando sem um sequer pensamento concreto as moscas volantes passando pela minha retina. Preciso finalmente sair desta espécie de transe no purgatório: é urgente que eu acorde, me levante, veja o Sol de atrás das densas nuvens da qual cai agora uma leve e tardia neve, e, enfim, vá-me. Então faço isso: vou caminhando, as juntas doendo, entro novamente na longa clareira iluminada pela luz branca e sem calor dessa manhã invernal, limpo a neve de cima do meu carro e entro de novo. Já me dá uma espécie de memória muscular ruim da noite passada; não me é agradável ter que dirigir tanto, uma coisa que nunca fiz direito nem nunca estive interessado em fazer, mesmo que o propósito final seja, para mim, de extremo valor.

Ligo o para-brisas e tiro a neve do vidro, deixando então entrar esta mesma luz opaca do janeiro de Ontário. Ligo o carro. Ele demora para dar partida. Vou de novo. Ele enfim liga. O calor amainado que existe dentro do carro me aconchega. Não importa quanto eu deteste ter que ficar aqui, mofando eternamente, afinal, pelo menos eu tenho algum modo de me locomover além das pernas. Mas tudo isto me causa uma imensa ansiedade como eu nunca tive antes; é incomensurável, me deixando até lânguido. Sinto como se estivesse aí Deus, dando um sorriso de canto, enfim dado como satisfeito por minhas recorrentes falhas em atender aos seus chamados terem sido vingadas pela minha vinda ao Grande Norte; mas, ao mesmo tempo, ele não quer me dar frutos ricos e fáceis, mesmo depois que eu tenha entendido seu plano e me esforçado, mesmo com as mais obtusas adversidades, para, assim, cumprir este dever que só é dado à poucos merecedores, dos quais não conheci nenhum além de mim até hoje. É uma gigantesca provação? E

quando eu chegar, afinal, ao Reino de Deus na Terra? Terei eu de novamente decifrar as mais profundas psicoses da mente de Deus, ou enfim terei minha mais profunda e confortável liberdade, com Ele me dando tudo que mereço de meus quase trinta anos de luta? Nada a se dizer, nada a se pensar, senão que estou aqui para persistir. Só Deus sabe.

Coloco o carro na estrada de novo. Vou indo devagar, deixando os pensamentos lentamente se degradarem em ruído de fundo. As docas estão vazias. Nenhuma sequer alma nos arredores. Vejo três, quatro, cinco portadores da "santíssima cruz" no peito descendo a curva da igrejinha.

O carro logo chega na mesma curva na qual eu entrei em "Britt". Faço o entorno e estamos de novo na Trans-Canada. Agora são 11:41. Temos um longuíssimo caminho pela frente; pelo menos, agora estou descansado.

Enquanto o tempo lentamente passa, vai-se tornando costume já para mim essas novidades, pelo menos em algum baixo nível. A estrada está coberta desta neve recente, e, apesar de haver ainda a necessidade de se deixar ligado o para-brisas, por então só caem algumas miudezas de uma aguada, rasteira e solvente neve. O Hyundai tropeça e desliza aos poucos pela longa estrada molhada.

Passo fome. Não trouxe nada além de restos do pouco que tinha. Pelo menos é um colírio imenso o panorama; tenho essa persistente fome desde ontem, tenho ingerido nada senão água desde a madrugada de ontem, tenho dor na coluna e uma intensa ansiedade. Ainda assim, a aqui divina natureza resplandece minha vista. Sinto como se todo e qualquer medo ou fatiga que já tive é avassalado por uma grande paixão, saltando além do peito e inundando todos meus mais lógicos pensamentos. O que mais senão os primeiros indícios do Reino de Deus, desacanhando entre os vinhedos longos e sangrentos do Reino do Homem, pode ser considerado como intensamente belo? Mesmo

nesta superfície onde já devem ter passados os mesmos milhões de outros apedeutas vagando pela infraestrutura humana, eu ainda sinto com todos meus sentidos a vida prenhe de divindade nos meus entornos. Esta sensação cresce de pouco em pouco. Mas, mesmo com toda a intensa maravilha que nos é provida pela existência dessa endeusada vista, ainda somos, infelizmente, presos, em certo nível, às nossas condições. Vou precisar comer urgentemente quando parar na próxima vez. Mesmo que, caso fosse possível, eu simplesmente iria o mais rápido possível, sem dar qualquer atenção à tais questões intrinsicamente materiais, humanas, vazias.

Nove e meia da noite. Neste dia eu não fiz quase nada senão dirigir. Durante o percurso até aqui, eu fiz duas paradas e comi uns negócios quaisquer que eu ainda tinha guardado – o que não é praticamente nada.

Está novamente um breu. Pelo que parece, estou agora perto de um lugar chamado Nipigon. Agora não neva, mas nas últimas horas ocorreu esta situação de ficar com uma alternância contínua entre nevar e não nevar, mas nada comparado ao que presenciei de manhã. Senti que ia deslizar e morrer eviscerado contra um pinheiro algumas vezes já. Pelo menos agora já cheguei mais um tipo de "*checkpoint*" no meu caminho.

Vou adentrando com o carro na cidadezinha. Esta é um tanto maior que a tal de Britt, mas, ainda assim, é bem miúda. Me estranha muito: completamente diferente daquilo ao lado sul dos Grandes Lagos, aqui, na costa norte, parece não ter qualquer grande aspecto da civilização humana além de cidadelas e vilarejos costeiros, repletos de religiosos, pescadores, pobres e outros da mesma categoria. Entre Toronto e o Winnipeg só reina essa vastidão de taiga fria, pouco habitada, sem importância e camponesa.

Vou logo passar a noite nas proximidades aqui da cidade. Admito que não sei se é melhor isto ou dormir no absoluto meio da mata; talvez, passar no meio dos remanescentes de cidades na verdade

seja uma terrível ideia minha que pareça convidar enxeridos, incomodados e extrovertidos para interferir no meu cotidiano aqui. Mas, também, prefiro isto a me prender no quinto dos infernos da profunda floresta, possivelmente suscetível a algum urso ou bicho do tipo. Nem sei qual a real possibilidade disso, mas é preferível não arriscar.

Entrando na cidade, vou passando por uma estrada colada ao lado de uma ferrovia. Deve ser a que vem diretamente de Toronto? Quem sabe. Olho de um lado pro outro. Ali ou lá tem uma solta alma, passando frio enquanto anda pelas calçadas – afinal, fazem -9°C agora. Até eu estou morrendo de frio e tive de colocar mais uma jaqueta em cima de minha anterior. Agora, estou com certo calor dentro de toda essa massa de tecido, mas é melhor isto do que morrer de hipotermia.

Procuro na rua por alguma loja de conveniência, mercado, coisa do tipo. Iluminada por uma pequena sequência de lâmpadas fortes, vejo ao meu lado direito um mercado. Aqui se vê um cenário tão característico da mescla da civilização com a selvageria – um recorte específico e único do Reino do Homem, o tão chamado "interior" que ainda é "civilizado" o suficiente para ter alguns dos benfazejos do *welfare state;* tal cenário é este grande estacionamento, o mercado velho, o espaço abandonado, ao fundo um pedaço da mata, todos repletos de uma vida dormente e parasítica construída por pessoas sem propósito, sem ideal e sem guia.

Vou posicionando o carro em uma das múltiplas vagas desocupadas do espaço. Saio do carro, vendo a luzinha laranja do carro desligar. Está um frio do caralho, falando com todas as letras: já começo a sentir alguma leve e incômoda dor nas extremidades do corpo, coisa que antes conseguia evitar com a pesada cobertura de roupas. Claro que isso vai aumentar quão mais ao norte eu me for, mas, pelo menos, sei que vou me acostumar e que estas preocupações serão deixadas para trás assim que com Deus eu me ver.

Entro no mercado com nome terminado em *'s,* apenas para ser ainda mais digno de ume estereótipo da América do Norte, pelo jeito. Em cima de minha cabeça passando pelas portas de vidro a caixa de som toca uma música pop distorcida por um dano na peça de som. Aqui, só se sente o exato cheiro de todo e qualquer supermercado, no Brasil ou no Canadá. Dá para ver em corredores distantes uma ou outra alma saída no frio nevado da noite para compras.

Não posso gastar quase nada, sendo sincero. Apenas vou aos setores e me pego uma coisa ou outra – sopa em lata, água, pão de forma, coisa do tipo. No fim, me vejo com menos de 15 dólares gastos, então não foi tão problemático.

Retorno às proximidades da porta do mercado, para, então, ir ao caixa. O atendente aparenta entediado, um pouco sonolento. Toca na caixa de som, em uma voz robotizada, talvez de inteligência artificial, que o mercado fecha logo, que estão se adaptando à novos horários, ainda sob a influência do terrível áudio proveniente de sei lá qual falha se tem no sistema de som. Coloco minhas parcas compras na mesa, e o atendente jovem, de boné vermelho e macacão da loja, me saúda com um *Good evening* surdo, quase imperceptível.

Ele é o mais típico menino na borda entre a adolescência e a fase jovem adulta, de barba falha e voz oscilante. Claramente preso nesta cidadezinha qualquer da borda entre as grandes planícies do oeste canadense e o urbano mundo do Rio São Lourenço e da Península de Ontário, onde estão quase todos os canadenses em meia dúzia de cidades uma ao lado da outra. Parece ter sido forçado a arranjar um emprego local ao acabar o ensino médio pelos pais.

O menino coloca então as coisas nas sacolas de plástico. Diferente do Brasil, aqui elas não têm aquelas inscrições sobre reciclagem ou uma coisa do tipo (este é um tipo de informação que você talvez tenha observado uma vez ou outra quando ainda era uma criança curiosa, e, talvez, enxerida, mas que agora se tornou tão cotidiana que

pouco lhe importa ter atenção a quaisquer detalhes). Dou-lhe o dinheiro físico (que século 20, não?) e vou-me embora com minhas poucas coisas.

Entro no carro novamente. Decido que é melhor ir à algum lugar quase saindo da cidade, mas não o bastante para por completo a deixar.

Ultimamente, tenho sentido uma espécie de sensação agridoce sobre tudo isto. Inicialmente, observo o que tenho feito desde ontem e acho que tudo está imensamente tedioso, e que parece mais ser um enchimento qualquer de Deus para me fazer perder tempo. Claro que ele poderia me ajudar me dando, de alguma forma, dinheiro para uma passagem de avião, ou até mesmo de trem ou coisa do tipo, mas, no fim, também não está sendo ao todo desnecessário e/ou inútil esse "rito de passagem" que é a longa caminhada até o alto norte, terra desolada e letal o bastante para se tornar uma fronteira do Reino de Deus. Mesmo com a constante chateação proveniente dessa jornada, ainda assim tenho experienciado coisas magnânimas: primeiramente, vejo aqui os contrastes e semelhanças entre minha terra natal e o Canadá, assim notando com todos os meus sentidos algumas das maravilhas que Deus nos dá em meio à opressão humana – cheiros, toques, barulhos. Não são idênticos, mas os sons que presencio ao caminhar sobre a neve me recordaram muito de outro som tão mais natural e diário para mim – o som das pegadas pelo chão de brita. Ou, ainda, como eu já notei, o estranho "cheiro" da água gélida quando se encosta as narinas contra ela, o cheiro do plástico e do tecido, o tato na madeira das árvores, entre outras mil experiências. Me surpreende, mesmo que eu tanto já conheça os maneirismos dos outros humanos, que tantos dos santos sentidos nossos são esmagados pela ida e vinda de coisas na vida metropolitana. Como podem se atrever à sequer tentar acabar com essa experiência universal? É ridículo.

Os sentidos são importantes; eles são proezas dadas por Deus para sentirmos tudo que é natural, tudo que é vindo de sua abençoada criação do universo. Fazer comparações dos contrastes e semelhanças

entre uma parte e outra do mundo é um ato bom para se sentir aliviado com a ansiedade vinda do fato de, realmente, estar através do globo terrestre de seu lar originário, mesmo que eu odeie tal lar com grande força. Assim, os sentidos são a grande conexão entre tudo. Eles me fazem perceber, enquanto ainda estou nesse meio-termo, levemente humano e levemente divino, que não estou perdido e meu longo caminho está repleto de coisas íntimas minhas – coisas que sinto.

Sentir é uma arte, não é? Sentir e ter um senso crítico; afinal, sou imensamente crítico dos meus entornos, creio eu. Sinto tudo e analiso tudo. Exatamente por isso, por entender bem o que está na minha volta, aprendi que não é válido perder meu valioso tempo na Terra com futilidades civilizadas; por isso entendi o verdadeiro e único Deus, um Deus pessoal, que criou tudo, mas que sabe que nem tudo é digno do conhecimento da natureza real das coisas.

Talvez agora eu esteja apenas me desvirtuando e entrando em uma análise da minha própria psiquê. Mas ela é divertida! Tento não ser egocêntrico, mas acho minha mente muito ativa. Ainda, eu me perco tanto em pensamentos que acabo tendo de me questionar o que penso e por que penso assim. Sei lá. É possível que eu só esteja tentando estimular minha cabeça num momento tão ocioso como esse.

De qualquer forma, estacionei o carro na borda entre uma área de campo aberto com o começo da taiga, ao longo de uma pequena linha de arbustos – apenas uns 30 ou 40 metros da casa mais próxima, mas já saindo do núcleo da cidadezinha.

Retraio as costas no assento do carro. Estou dolorido, mas é uma dor até que valiosa; vou-me preparando pra comer uma das coisas que comprei há pouco tempo enquanto olho para o longo abismo horizontal da taiga. Uma espécie de brilho profundo se deixa transparecer além do breu aparente no panorama da floresta, pequenos, quase imperceptíveis pirilampos saltitando na vista. Talvez sejam luzes da cidade, talvez sejam estrelas caídas. Quem sabe?

Observo a janela enquanto como. O cheiro do pão Pullman misturado com o cheiro sanitizado do interior do carro novo. De súbito, começa a nevar lá fora. Dá para perceber a textura fina, rasteira e molhada da neve recém-nascida apenas de ver já.

Abro a janela. Coloco a mão para fora. Sinto um frio imenso. O mais longe que eu vou, mais absurdamente frio fica. Nunca experienciei nada do tipo. É lindo, mas, é claro, não estou por completo acostumado – então me causa certa dor. Mas, para casos como este, existe um certo masoquismo meu.

Ai, ai. É maravilhoso, não? A noite escura. Os fios de telefone balançam no vento. Nada além do som abafado dos zéfiros batendo contra a janela, agora caindo a neve, aumentando uma então pequena, porém crescente camada branca acima do solo.

Eu adoraria que esse momento durasse para sempre. Infelizmente, se esse fosse o caso ele não seria mais um momento. E sua maravilha se perderia.

CAPÍTULO IX - LENTA PINTURA

O Sol alaranjado lentamente se vai, iluminando com seu fosco brilho o cenário crescentemente urbano. 17:39. Ontem dormi incrivelmente bem apesar das infelicidades e desconfortos vindos do fato de dormir na parte de trás do carro. Acho que o cenário fora apenas, como se pode dizer, digno de sonho, sabe? Então nada me preocupou. No fim, acordei e estava já menos estressado com, sei lá, tudo?

Agora estou, infelizmente, adentrando novamente as zonas densamente povoadas das grandes cidades. Passei mais cedo por um lugar chamado *Thunder Bay*, "Baía do Trovão", um nome bem épico para uma cidade qualquer nos Grandes Lagos, e agora já entrei na província do Manitoba. As últimas horas foram tediosas, mas minha acelerada ocasional chegada em Winnipeg me animava. Finalmente agora, estou nos arredores da cidade, e vejo no horizonte pintado em multicolor a *skyline*. O entrechoque do mais colorido, repleto das cores quentes em lenta substituição pelo azul noturno, com as imóveis, grises e imponentes torres do centro da cidade causa certo calafrio. Uma demonstração clara, material e amedrontadora do conflito tão distinto entre o Reino de Deus e o Reino do Homem, representados aqui por suas criações na Terra.

Tarde está. O tempo nevado parou de manhã, depois de uma longa e fria madrugada repleta da nevasca e ventania que se distinguiam em meio à aparentemente calma noite na floresta do Ontário. Agora, planejo apenas ir à estação de trem e me comprar um bilhete pra amanhã. Rumo ao norte. Olha, eu nem sei se esse é o plano mais concreto, mais lógico. Talvez até houvesse outros métodos, talvez eu poderia apenas ter improvisado e ido de barco ou coisa do tipo, talvez eu poderia ter andado, quaisquer loucuras que eu pudesse pensar no momento, mas, por que, por que articular sobre essas questões tão

chatas e sem importância? Não é imensamente melhor apenas ir-me, apenas descobrir um caminho e segui-lo? Pois foi o que fiz.

O carro vai adentrando o núcleo por si só da cidade. Passo por grandes prédios, as calçadas com restos de neve nas suas bordas e os homens e mulheres apressados indo conforme o relógio bate o 10, o 11, o 12. Voltamos para o mesmo do mesmo, não é? Pelo menos é apenas uma necessidade temporária estar por aqui.

Passando pela rodovia de entrada na cidade, atravesso seja lá qual rio que passa por Winnipeg por meio de uma grande ponte. Há um leve trânsito crescente neste horário do *rush*, principalmente agora que pareço rapidamente me aproximar da tão conhecida *downtown*. Aos meus lados, só observo o extremamente metropolitano, porém, digno de uma capital provincial de uma antiga colônia inglesa, igualmente repleto de velhas construções vitorianas centro da cidade. Desacelero o passo do carro e me vou à direita – assim encaminhando-me na direção da estação de trem, chamada *Union Station*. Observo sua estrutura. Um velho palacete de estrutura imperial, do, sei lá, século 19 ou começo do 20, alguma coisa do tipo. Sendo sincero, mesmo que aqui seja o Canadá, terra de "IDH alto" e "bom PIB per capita", como inúmeros bancários se achando intelectuais citando as linhas mais básicas de teoria econômica burguesa diriam, eu ainda assim consigo concretizar paralelos com o centro velho de São Paulo. O que é o palácio da estação ferroviária de Winnipeg? Apenas uma réplica anglófona e monárquica da estação ferroviária da Luz.

Passo com o Hyundai em frente ao pequeno palácio – com "UNION STATION" em letras garrafais, gravadas na rocha da estrutura da estação, enquanto, acima, demonstrando sarcasticamente esta espécie de capitalismo corporativo agressivo, há a moderna, quase gritante quando comparado com o tédio vitoriano da arquitetura da estação, logo da VIA Rail, empresa que controla a estação. Ainda acima, a bandeira do Canadá e uma que eu assumo ser a do Manitoba voando em meio ao céu laranja parcialmente nublado com os fortes ventos os agitando. A

bandeira do Manitoba é completa por uma bandeira britânica. É engraçado esse colonialismo persistente.

Levo o carro ao estacionamento da estação. Deixando-o, sou atacado pelos meus sentidos – o barulho anteriormente abafado da crescentemente cheia rodovia se sobressai, enquanto sinto o cheiro distante dos mendigos sentados, em um marasmo infeliz, se esquentando contra o muro da estação. Vou andando, tomando cuidado para não deslizar neste intensamente molhado piso em decorrência da corriqueira queda de neve hoje. Entrando então na estação, grupos variados de canadenses se vão aqui e acolá. Procuro o local de compra de bilhetes, onde tristemente pego minha carteira, preparando-me para a triste e custosa compra, que, ao menos, é um grande investimento para o futuro.

Quantas vezes desde que cheguei no Canadá já tive de me encontrar com essa mesma figura do atendente? Sei lá, cinco? Nem me recordo mais. É desgastante. Não só é desgastante, como também é peculiar quando se para pra pensar em como parece tanto que as coisas se repetem, e, igualmente, as pessoas também, em qualquer lugar, em qualquer hora e qualquer situação dentro do ecossistema humano.

Nesse caso, apenas abstraio enquanto balbucio sem pensar muito ao atendente, deixando escapar palavras em português no meio de meu simples e curto pedido anglófono por um bilhete à cidade de Churchill. Apenas percebo enquanto saio, exposto sob a convergência da meia luz do luar junto das fortes e artificiais luzes das grandes lâmpadas externas, que a atendente me disse que o próximo trem sairá amanhã por volta do meio-dia.

No estacionamento, passo rumo ao carro e o observo. O conceito de quão certos objetos extremamente singelos e pouco característicos acabam por ter uma significância, mesmo que lateral, nos nossos pontos cruciais de vida. Não que eu tenha quaisquer afetos por um fodendo carro, mas é só meio interessante que agora eu vou só deixar ele aqui depois dele ser um ponto importante nos últimos dias.

Mas, afinal, é da mesma forma que pessoas e coisas também no Brasil me foram úteis em seus próprios jeitos (coincidentemente, é claro; não que os interesses de quaisquer das outras pessoas sejam iguais aos meus). Argh. Estou só com uma sensação esquisita de perceber que estou próximo de atingir meus objetivos. Talvez eu tenha tido um contínuo costume de me situar longe, desolado e infeliz, tão preso num emaranhado social que eu nunca tive interesse de participar. Ainda assim, mesmo com a mais pura e sóbria tristeza proveniente disso, eu me acostumei. Agora, sinto uma ansiedade, um temor deste grandioso mundo novo, mas, ao mesmo tempo, crescentemente fico inebriado de emoção por estar mais próximo dele, com conhecimento de que nele logo chegarei. Já pensei tanto sobre isso que a própria ideia formou um gosto, particularmente agridoce, na minha boca.

Abrindo a porta do carro, vou pegando algumas das minhas bagagens. Não tudo, porque, afinal, estou lentamente deixando mais e mais minhas futilidades materiais para trás. Pego apenas uma mala onde estão minhas roupas, a comida, carteira, celular. Observo a única pintura que trouxe uma única vez. Para uma representação tão falha, humana, tão simplista, eu mesmo assim acabo por entrar em um transe, acabo por cair-me em um estado enamorado. Deixo assim o Sol mate desta manhã fictícia, mas, ainda, possivelmente existente em algum momento distante do passado ou futuro, passar pela fronteira da tinta e me controlar as vontades. É isto que me levou até aqui. Não é um amor pelo que fiz, mas sim pelo que Deus me deixou ver ao me dar um súbito dom da representação de sua terra. Me deixou testemunhar, quando ainda afogado em um forte queimor lusotropical, a infinitesimal especificidade da extremamente única beleza polar que acabava por transparecer vinda do Sol morno, amigável, escondido atrás da muralha de neblina e neve, deixando assim mostrar apenas uma tez trigueiro-clara, até fria. Um Sol que não o mata nem o sufoca; apenas um dos muitos objetos que realizam um secular entrechoque amigável da natureza, criando assim o panorama harmônico dos territórios de Deus na Terra – aqueles deixados para trás pela falsa civilização com seus falsos deuses, falsas

crenças, falsas vontades, falsos costumes e falsas falas; aqueles que, enfim, com a benção de terem uma natureza mais forte que o mais capaz dos homens, puderam então deixar viva a Canaã. Churchill não é exatamente Canaã. Ainda, é um passo muito próximo. Logo à fronteira da eterna tundra.

Terminei por morder meus lábios até eles sangrarem. O gosto do sangue ferroso contamina minha boca.

Acabo por pegar todos os tais objetos depois dessa espécie de dissociação justa sobre, sei lá, a realidade. Olho pela última vez pro carro. Entro, deixo minhas coisas que ainda ficarão comigo no banco da frente, e, ansioso, até desconfortável, busco me ajeitar para passar a noite – por favor, que seja o mais rápido possível. Não importa muito.

O tempo passa em um ritmo tão rápido como lento, tudo ao mesmo tempo. A ânsia do logo e o temor de seus desdobramentos confundem o caminhar do relógio; mas, logo, toca, assim interrompendo com grande vulgaridade minha contínua dissociação em meio à espera.

Um grande fluxo passa por minha cabeça quando se trata de, sei lá, tudo isso, sabe? Um fluxo de sentimentos negativos e positivos, passando um sobre o outro em um conflito, um entrechoque contínuo; expulso de mim o Brasil civilizado, o empresariado, o eleitorado e a burocracia – então retorna a mim os restantes de uma humanidade ainda então divina, tais quais aqueles que sobreviveram com Deus como eu, repletos desta ingenuidade pura e deste conhecimento sacrossanto, a conexão incorpórea com a mais corpórea realidade natural e vinda de Deus. Sinto em mim a indiada pobre e devota daquele único Deus, o Deus incivilizado, puro, real, todo-poderoso, assim como sinto minha individualidade, fora de etnias e fora de religiões, fora de raças e fora de ideologias, apenas repleto dele e do novo sangue que começa a correr em minhas veias igual ao daqueles meros poucos homens sãos do longínquo passado que souberam, enquanto ainda não afetados pela praga civilizatória, aproveitar a natureza como devia tudo ser, como fora tudo

premeditado por Ele. Meu desprezo pela persistente brasilidade, a cultura da civilidade herege e hierárquica, replicando em suas terras as civilidades de outras nações igualmente destinadas a arderem na brasa do julgamento de Deus, é proveniente, afinal, do conhecimento que tenho de minha própria ingenuidade. Assim, aqui estou eu, pronto para enfim chegar na Baía de Hudson, nomeada pelos homens assim, mas, para mim, apenas uma corpórea materialização do Reino de Deus, sem nome nem cara, apenas sensações; e sinto uma ânsia incrível, mesmo que ao mesmo tempo tema (pelos resquícios da civilização em mim) quais serão as consequências de minhas ações. Espero que logo passe assim as horas, que a madrugada se esvaia rapidamente; para, então, eu observar o dia novo que virá, de um mundo renascido.

Hoje e agora, nada mais é sério no mundo material. A crucialidade de minha vida atinge um ápice – meu mundo se completa com a tintura divina da antemanhã, que anuncia Seu amanhecer.

CAPÍTULO X - MARASMO

O trem chacoalha. Passou-se pouco tempo desde sua partida; ele agora já deixa por completo as periferias metropolitanas de Winnipeg e adentra o abismo horizontal e longuíssimo das campinas interioranas desse estado plano, agrícola e esquecível do Canadá. É tipo ser jogado no meio de Rondônia, ou, sei lá, Tocantins. O Brasil sempre retorna pros nossos pensamentos, não?

O comboio não, pelo menos a meu ver, aparenta estar cheio. As fileiras em minha frente e minhas costas estão vazias, e apenas ouço a longínqua fala baixa de um ou outro dos poucos canadenses que, por sei lá qual razão, tiveram de pegar um trem para uma cidade interiorana, friíssima, em processo gradual de civilização em meio à fronteira com o intocado Reino de Deus, repleto apenas de um ou outro pobre índio solto nas estepes alagadas do Nunavut.

Através da janela parcialmente coberta pela cortina, passa a paradoxalmente taciturna luz cinza e nublada da insurgente tarde vindoura, assim cobrindo o interior do trem de sua iluminação fosca, fraca. Faz um frio absoluto, gélido, me parece até um eviterno inverno condensado em um único momento; sinto uma leve dor, mas é uma dor recompensante. Lá fora, com o clima irregular, sem aquecedor nem ar-condicionado, onde parece cair certa neve, imagino que esteja digno de um dia comum na Antártida.

Há um longo caminho daqui até a Baía. Por lá, estarei finalmente encostando nas águas congelantes que descendem desde a Groenlândia até a praia canadiana, experienciando então o Oceano Ártico, encostando na mais pura fronteira da linha das árvores. As últimas bordas de um setor incógnito da Terra, um remanescente do Éden pré-civilizado.

Até me chegar lá, terão múltiplas paradas ao longo do Manitoba. Pelo que ouvi, passaremos até ocasionalmente pela província, estado, sei lá, ao lado. Qual era? Alberta? Saskatchewan (puta nome ruim)? Não sei e não me importo o bastante pra saber. Mas sei que a gente vai ir lentamente ao longo das... se eu não estiver equivocado, quase 50 horas, algo assim, até chegarmos na costa norte. Pelo menos posso olhar o horizonte longínquo e eterno, abismal, infindo. Aqui vejo, além da cobertura de neve grossa, das coníferas, da frieza sobre-humana, os chapadões do Cerrado. Posso aqui, brevemente, me recordar do Sol que açoita, pune, dilacera, eviscera; a imaginação da pura estepe já me faz ter uma espécie de curta memória física, na epiderme, do calor proeminente desse Sol do verão eterno de dezenas de milhares de quilômetros abaixo de onde agora estou. Acontece que, tal dor duradoura e forte vinda do Anhangá em forma de estrela veranil acaba por se dissipar quando eu termino realizando paralelos com a situação física e visível à minha frente, aquela do Manitoba. Seu isolamento, digno de um intermúndio, um ermo, acaba por me pensar em uma imagem, talvez pela primeira vez, até que idealista do Brasil. Ou, melhor, de um "Brasil" intocado pela civilização, como aquele desses chapadões e longos eremitérios naturais nos quintos dos infernos – uma Pindorama, ainda alheia aos movimentos do "Novo Mundo". Mas, afinal, não me engano pelas mentiras de uma perspectiva idealista e romântica de uma terra que eu já conheço bem agora que longe dela estou. Apenas é interessante realizar paralelos.

Estamos logo passando perto de uma outra cidade "importante" (mesmo para o Brasil que é um país de Terceiro Mundo, me parece que toda cidade "importante" no Canadá que não seja capital seria, no Brasil, uma mera cidadela interiorana caipira, camponesa). Tem algum nome em francês longo, sei lá. Não tendo a me interessar quase em nada pelos aspectos da civilização, mas ouvi de canto da existência de colônias de imigrantes islandeses perto do lago aqui, e, hei de admitir, até achei curioso, interessante. A Islândia, pelo menos fora de sua capital (assim como é pra qualquer estado-nação 'civilizado'), tem infindas terras ainda

do pertencimento de Deus. Há sempre certa magnitude pré-humana, pré-urbana, pré-colonial nos habitantes destes locais (quando não foram já afetados pela civilidade). Quem me dera observar o ainda divino, intocado e altíssimo cume do Sneffels, não?

Mas basta de dissociar sobre tão toscas ideias. Mas, também, nada tenho a fazer senão isso, né? Dois dias no trem, é de enlouquecer. Se eu já estou ficando louco (e se estiver, não vejo problema: talvez, loucura seja iluminação), pelo menos sei que chegarei aonde tenho de chegar. São ou não.

Vou tentar dormir. A tarde já bate à porta.

Um baixo mas notável som abafado pelo incessante ruído do trem em movimento constante se propaga vindo das caixas de som. Já devem ter tocado outros anteriormente, mas meu sono me impediu de ouvi-los. A voz primeiro anuncia algo em inglês e, depois, aparentemente a mesma coisa em francês – não entendo absolutamente nada. Acordei, por fim; então toca de novo o mesmo áudio – estamos logo passando por um lugar chamado "Gilbert Plains". O som me lembra o anúncio do Metrô. "Saída à direita"... "com acesso à CPTM"? Não me lembro tão bem mais, esses tipos de futilidades diárias se mesclam umas com as outras em uma massa confusa de memórias, memórias daqueles tempos tão próximos de nós, mas tão "normais" que se tornam parte de uma era imemorial; a era imemorial do cotidiano, em que não se faz nada senão o mesmo, de novo e de novo, em que tudo na sua volta você sabe e conhece bem, mas, ao mesmo tempo, não dá qualquer pedaço de atenção real.

Olho o relógio no meu celular, carregando em uma tomada na parede do trem (é admirável a tecnologia). São 17:21 da tarde. O Sol logo irá se pôr e, aqui, já em longas planícies nevadas, a vista do forte Sol trespassando suas cores através da muralha enevoada, repleta do mais puro gris, é infinitamente melhor do que na cidade.

Os minutos se vão com uma calma serena. 17:42. Escancaro a cortina por completo. Deus, quem não daria tudo de físico para presenciar isso? Apenas... é. O Sol quase se põe inteiramente. As nuvens em parte se dissiparam, mas ainda cobrem partes do grande céu que vai descendendo de incolor no topo para um rosado, um avermelhado, e, enfim, o forte laranja da borda do horizonte ao distante fundo.

De Sol a Sol. É surpreendente o quanto eu caminhei. Não sou extremamente orgulhoso de mim, mas hei de admitir algum nível de honra que parece ser digno de quando você se vê aí, num trem, a, sei lá, trocentas centenas de quilômetros da sua casa, observando o Sol morrer mais um dia, em um clima que você nunca viu antes, nunca sentiu antes, nunca, nunca, nunca, nunca nada.

Enfim. Tenho fome. Me levanto e vou silencioso entre as fileiras meio vazias de pequenos compartimentos da Classe Econômica, como a minha. Isto me lembra de viagens de ônibus no Brasil. Exceto que, aqui, em vez de se ter aquelas aberturas de ar-condicionado em cima de sua cabeça (coisa que era incrível, mas, ao mesmo tempo, lhe causava um intenso choque térmico ao ter de sair do ônibus e experienciar o calor vigente do lado de fora), aqui se tem, sei lá se são exatamente isso, aquecedores. Ou talvez ar-condicionados de ar quente? Não sei – no Brasil isso nunca foi necessidade. Talvez os gaúchos saibam mais sobre.

O trem se move muito rápido, apesar de não parecer quando se está sentado. Mas, ao mesmo tempo, a sensação de estar de pé em seu chão não é que nem a de se equilibrar no Metrô de São Paulo sem lugar pra segurar – estranhamente, é mais estável. Deus, como eu faço paralelos sucessivos com o Brasil. É difícil largar velhos hábitos. Mas, de qualquer forma, vou atravessando o vagão, passo pela transição de um vagão pro outro (com uma luz forte e branca cobrindo meu rosto) e dou uma volta pelo comboio. Não tem vagão-restaurante no trem, mas eles vendem... comida congelada. Bem, não é como se fosse urgente. Eu tenho comida no meu absolutamente minúsculo cubículo da classe econômica.

À distância no trem se tem o local com grandes janelas expostas para observar a paisagem. Caríssimo, pelo jeito. Passo por ele e observo o agora quase escuro panorama que passa pelos múltiplos espaços de vidro, quase cobrindo as paredes da parte do vagão. Pequenos brilhos parecem vir de debaixo do horizonte escuro, últimos raios de Sol anunciando a partida de seu grão-mestre para mais uma longa noite invernal canadense.

Desço e vou retornando para meu vagão – após ler a placa onde se diz sobre a situação da comida, percebi que, no trem, pareço não ter nada a fazer por estas quase 50 horas senão parasitar em meu espacinho, onde, diferente da classe *sleeper* ou sei lá como é chamada, só se tem meu assento e serviço de bagagem. Por dois dias. Lindíssimo.

Vê? Às vezes, as infelicidades que vem da existência e manipulação humana que surgem nas mais simples coisas, como um trânsito entre dois pontos próximos quando em comparação com o gigantesco tamanho do mundo, acabam por nos avassalar e nos forçar a situações infernais. Não é para "pagar de gatinho", mas me sinto como um boia-fria paraibano indo de camionete por uma semana até São Paulo – exceto que o clima, pela graça do Senhor, é o oposto.

Ando de volta para a minha cadeira. Que imenso marasmo. E pensar que tenho de aguentar isso por mais sei lá quantas horas – 30, 40, algo do tipo.

Olho pro celular, carregando na tomada. 12%. O Climatempo (ou sei lá como é o nome do sistema de clima do meu telefone) diz que faz -9°. Incrível – tanto no sentido comum, de maravilhoso e bom, como no sentido literal, de inacreditável. Mas agora apenas balbucio repetidamente sobre esse tipo de coisa.

Sinto que minha cabeça lentamente derrete. Deus sabe que não aguento mais a ansiedade sanguinolenta da sede de possuir algo tão próximo, mas, ao mesmo tempo, tão vago, tão desconhecido. E ainda,

passar por esses períodos intensos de inimaginável tédio misturado com a tensão, me deixando fraco, como um bicho esguio.

Não dá para dormir ou para passar o tempo. Apenas observá-lo. Observá-lo e observá-lo, em infinitas tantas minúcias de hora, minuto e segundo, que passam mais devagar conforme avançam. Deus...

CAPÍTULO XI - ANTIPARÚSIA

Nojo. Sinto vontade de vomitar. Um sangue seco e cheirando ao puro latão cobre minhas mãos, meus braços e antebraços. Um Sol; Sol onisciente. Ele me observa. Queima, mata.

A chapada longa. Ondulações num longuíssimo Monte Roraima; ao seu fundo, o calor deixa confusa minha vista, deixa o céu cheio de marolas de luz como em filmes de faroestes. Onde me vejo? Tocantins, Mato Grosso?

Fervura veranil eviterna. Se embrulha meu tronco todo. Sinto o diabo estelar me vendo. Ele me cobre de luz e de calor quando estou atolado nesse sangue seco e velho. Sangue que não é meu. Deus! Deus, onde está você! Quem me joga aqui! O que ocorre, o que?

Caio duro. Meus olhos escancarados em vista ao Sol. Lentamente me cego. Uma espécie de dor indolor.

De súbito levanto e caminho. Como na fábula de Cristo. O suor na epiderme abaixo da camada de sangue gruda. Beiços molhados e rachados ao mesmo tempo. Os pés tortos, doendo. Nada vejo. Sinto só ele acima de mim, aparentemente por nada penando minha vida sob sua existência.

Bodes expiatórios ou fatos claros? Nada sei, nada sei. O ponto de ebulição se atinge. Começo a cair no ar, a decair como matéria no espaço material sertanejo do chapadão. Que engraçado, mas sangrento!

Minha mãe, meu pai, meus filhos que nunca tive, meus amigos que não lembro, meus amores da qual jamais sorvi o néctar proveniente de uma vida simples. Gritam, gritam: Não entendo mais nada do que falam senão que é raivoso, grosseiro.

Acordo na Avenida Paulista. Os transeuntes falando tudo senão português. Caras vagas. Me dói ver seus ternos pretos sob um Sol jagunço, Sol mateiro, diabo ou empregado do diabo. Uma dor alheia aos meus próprios sofrimentos, dor de pensar em ser igual a eles.

Ando correndo, os carros passam e não me atropelam, vão além do meu corpo incorpóreo (conveniente, mas incoerente). O asfalto é quente como Arraial do Cabo num dia de dezembro. De supetão, os carros pararam de passar – hoje é feriado na Paulista.

Rua vazia. Vem um posseiro sertanejo. Me fala com um forte sotaque que tenho de deixá-lo sozinho e me agracia com a benção do Senhor. Fomos parar numa BR em meio ao Agreste.

Do fundo abismo longínquo de cavernas e morros cobertos de mata decídua, ouço de novo as vozes retumbantes, confusas e alheias, mas que ainda consigo identificar como sendo próximas de mim em familiaridade.

Nada entendo. Nada vejo. Olho aos céus e espero cair neve. Nunca cai. Observo o horizonte rapidamente anoitecendo e busco ver Deus. Nada, absolutamente nada. Susto. Meus pés doem. Me volta a vontade de vomitar.

Ando de um lado pro outro. A paisagem é incompreensível. Mas é triste, triste! Me sinto cercado d'uma aura bizarra, amedrontadora, incógnita.

Toca o som da lobotomia de dentro da minha cabeça. Minha visão, absolutamente branca, só vê em distinção no meio da tez clara e enorme escrito, com um tamanho cabal incompreensível de gigante, *campo Tupi de experimentos.*

Deus sussurra no meu ouvido. Ele corta meus pulsos e deixa cair no chão um sangue fervente, preto.

Eu não o entendo.

T
A
L
E
S

Lá estou Eu

Lá o Eu

contigo?

Lá Pa
está sár

Eu Deus ga

e o da

Renascer

sem San

Paz gue

Só

nova vida:
tu ainda
acreditas?

O
U
Ç
A
-
M
E

pois esqueça

CAPÍTULO XII - FRONTEIRA

Bato a cabeça com tudo na janela. Santo Deus. Uma dor retumbante. Lobotômica.

Que alucinógeno. Não tenho dormido bem. Mais e mais sinto uma vontade de vomitar meu torso todo pra fora. Tenho dor de cabeça constante. Como mal e durmo mal.

Temo pelo meu bem-estar até encontrar Deus. Maquinações da minha cabeça tem constantemente buscado me enganar, me esvair por completo. Mas encontrarei a vida eterna. Não é? Certo?

Olho pra fora. Me sinto crescentemente preocupado. Falta pouco pra chegar. A manhã se alastra. Já estamos em uma longa linha reta pro Oceano Ártico na Baía. Aqui, nada. A taiga longa e densa começa a decair em tundra vasta, morta, solta quão mais avançamos. Largas clareiras, paralelas às pantaneiras, se enumeram entre os espaços arbóreos. Tudo coberto de neve. A temperatura cai e cai e cai e cai.

Não sinto nada em nenhuma extremidade. Minhas orelhas doem de frio, a cartilagem branco-azulada. Meus dedos estão ficando pretos já, mesmo com a luva. Frostbite? Só Deus sabe.

Me encolho na poltrona. Já saímos da imensidão de vilas esparsas e cidades esquecidas. Agora, só marcadores de latitude (ou longitude?) na ferrovia. O locutor anuncia, com uma voz cansada, algo sobre estarmos já chegando. Passando pela última estância antes da cidade final.

Mesmo que ainda demore alguns minutos até chegarmos na estação de Churchill, já me levanto. Dá teto preto. Balanço e quase caio. Deus. Estico os braços, paro, me seguro na poltrona, ergo a face. Calma. Abro o compartimento em cima da minha poltrona. Pego a mala, vejo seu interior; passei por isso já mil vezes. Sem Internet, sem comida, sem

nada, eu normalmente apenas olhei as exatas, mesmíssimas, coisas na mochila. Pego papel, olho por meia hora pensando o que fazer nele, se desenho, se escrevo – não sai nada, paro, lembro de algo, vejo o horizonte. Me distancio. Volto; sinto vontade de dormir, revejo a mala, pego a comida, olho a embalagem, a data de validade, a escrita em francês do lado da parte anglófona, guardo, penso em comer pra passar o tempo, nego, encosto, tento dormir, e, enfim, se vai assim o dia.

O trem passa pelo meio de uma estrada de terra congelada, coberta de neve fina, marcada de uma ou duas marcas de roda apenas. Ao seu lado começa logo uma linha elétrica ao longo dos postes. Deixo o fone sem som nem ruído ao longe de meus ouvidos e, assim, me ponho pronto para descer. Depois de trocentas horas, inúmeras, em sensação triplas do real, estou completamente tonto, incapaz de me sustentar direito.

Ouço ao longe os outros passageiros começando, já, a se animarem. Uma voz lá. Sussurro aqui. O som de uma mochila caindo do porta-malas ao chão e um canadense subitamente assustado por tal inesperado, para ele, som. Observo o céu longínquo através da janela enquanto o mundo recomeça a progressivamente acordar e suspirar para mim, conforme a marcha do tempo se aproxima de novos ares. Brilha uma intempérie vindoura, enquanto em suas antessalas ainda há o noturno parcialmente nublado, suas nuvens frágeis e incapazes de forte neve. O Sol é leve, esquecido, deslaiado, siberiano. Sol Nganasan, Sol Samoiedo. Sua luz clara, mas onipresente pelo meu espaço no comboio é erma, mas, apesar de tudo, linda. Sua fragilidade esbranquiçada me livra de um outro Sol, um que já existiu, mas que, hoje, comigo aqui, para mim não há mais.

O trem entra enfim na cidadela final. Passamos pela linha ferroviária ao longo da encosta fronteiriça da cidade, numa passagem dela para uma longuíssima, imensa, lentamente se isolando faixa de terra de taiga entre a ferrovia e o rio logo ao lado de Churchill. A voz, se

repetindo ao longo de cada vagão em uníssono, nos diz, brusca e cansada, empregada e anglo-saxã, que, enfim, aqui estamos.

Para-se na estação. Como sempre, se forma uma longa fila dos passageiros ansiosos, falantes, mas, ao mesmo tempo, cansados. Me ponho em seu meio. Caminha devagar a longa linha. E, então, após dar passos de pássaro por um infindo tempo, chego na porta de saída e pulo do trem. Que enjoo.

Cegueira. A estrondosa e clara luminosidade da branca manhã que aspira logo se tornar meio-dia ataca com punho em riste minha vista. Cambaleio; esbarro na multidão, me perco. Esfrego as córneas, seguro o rosto, me vejo. Olho vermelho. A cidadezinha é completamente branca. Caminho em frente. Frio, frio. A linha do horizonte, obstruída pelo número incontável de casebres dos protestantes e suas éticas misturados com os conhecimentos cruciais de *crees* e esquimós que acabam por ser feias devido à mistura inatural e colonial, me dá um intenso frio na barriga. Não literal, porque com frio já estou.

Ando. A vila não tem nem 1000 pessoas. Aqui, porém, diferente de um vilarejo de 1000 pessoas no Brasil, o cenário é mais taciturno, mais gélido, mais próximo da selvageria climática e natural, a de Deus. Mesmo assim, aqui é tão lazarone como qualquer outra súcia interiorana, empobrecida e esquecível ao redor do mundo – povo qualquer, história qualquer, sem divindade. Mas, ao menos, aqui estamos logo ao lado da fronteira da civilização. Os traços da inumanidade existem com clareza. É belíssimo. Mas agora já estou cansado, cansado de muitíssimo, e nem sei descrever os componentes deste tal "muitíssimo". Estou dependente por completo da vindoura áurea graça dada, enfim, após meu secular esforço, pela natureza, por Deus, pela existência.

Estou eu decaindo em incompreensões maiores? Talvez, talvez. O que isso sequer quer dizer? Argh. Não sei de nada. Às vezes penso que estou são e às vezes que estou absolutamente perdido, louco. Não sei o que fazer, não entendo mais nada. Agora só me vejo jogado pra

cumprir um dever que Deus me deu. Acho eu. É um dever? Ou é uma oportunidade? Poderia eu ter escolhido um caminho humano? Não, não. Claro que não. O sendeiro dado por Ele é o único possível, afinal, se não fosse, ele não teria me dado. Cristo! Não estou raciocinando certo. Começa tudo e nada termina.

Caminhando. Não percebo muito meus arredores construídos. Passam-se pessoas aqui e ali. É inglês ou uma língua índia? Não assimilei.

Saio correndo. Sem calma. E agora? Agora estou aqui, né? Finalmente. Mas, como eu já sei faz infindo tempo, aqui não é minha meta final. Não vim pra isso, não, não, não vim morar aqui, não vim fazer família, não vim estudar nem vim mostrar documento. A estação fica pra trás. A rua é curta, passo ao lado. Confuso, confuso. Placa de boas-vindas. Na esquina, na rua à direita. Que lindo. Uma rara maravilha humana. A longa estrada vai rumo ao horizonte, os postes baixando. Vamos.

Me dói o corpo. Sinto que meus tendões ao todo já se prenderam numa posição de abraço, tentando esquentar com fútil lentidão toda minha massa corpórea, que, agora, com o frio glacial, eu não sinto direito. Presos assim por necessidade, não vontade. Uma necessidade inumana, irracional, da evolução biológica, do reino natural. Sentir dores e incapacidades do tipo me matam. Mas é bom. Me aproxima d'Ele.

Viro pra outra rua. Olho aos lados; quase nenhuma árvores nas beiradas das árvores. Vejo meus pés se arrastando devagar pela rua. De concreto? Não sei. Sem marcação, sem calçada. Coberta de neve e geada. As casas dessa adaptação de Londres ou Cardiff pro cenário do Ártico é triste, soturno. Me lembra que às vezes os vadios e os colonos, os egoístas e os descrentes vão até os mais longínquos pontos para atingir objetivos falsos por ideologias e religiões falsas.

A rua acaba; estou ao norte da cidade já. À direita, uma igreja. Em frente, o que parece um shopping. Centro comunitário, espaço. Coisa assim, sabe. Ainda mais infeliz que o mesmo nos trópicos – sem decoração, sem arbusto, sem árvore, sem paisagem. Os tracinhos de tundra deixam o cenário humano bruto, desgarrado, nu. Não pode ser salvo de sua pura feiura utilizando de artefatos decorativos. Mas isto é bom; nos indica, então, finalmente, que aqui nada salvaguarda a existência civilizada. Está no meio-fio. Vai logo cair na autoestrada e morrer atropelado, as vísceras de fora.

Atravesso. Do lado do shopping center. Passo além dele, ando na estradinha ao lado, no encalço da rocha e da terra que serve de calçada, chego. Praia? Sem areia, claro. E se com, invisível – a neve tudo cobre aqui. Incrível que as ruas sequer sejam visíveis no meio das pilhas e pilhas brancas.

Ando. Ponho a mão na testa. Está fria, mas a diferença de temperatura entre minhas congeladas pontas dos dedos e a minha testa é pífia. Que loucura. É sinceramente inacreditável que isso exista. O universo, tão grande, tão diverso, não? Uma incrível descrença é a única sensação possível. Como, como? O mundo da Serra do Mar e do MPB, do migrante nordestino e da política partidária, do verão tropical e do Guaraná Antártica é o mesmo que esse aqui. Esse, em que ninguém fala igual a mim, nada é igual ao que vivi ou vi. Ainda assim, como eu já percebi antes, certas pequenas experiências se tornam universais. É muito bonito esse formato existencial. Que Deus nos deu, apesar de nosso infinito pecado, a glória de poder ter, em nossos naturais sentidos, a experiência de uma ou outra parte de natureza. Na vista, no cheiro, no gosto, no tato. Mas a despeito disso tudo eu ainda continuo sentindo certa intensa dor, de corpo e espírito. Venho a aceitá-la como um processo natural da minha vida. Porém, dói.

Além das óbvias dores físicas, me sinto só. Não sei por quê; se aqui estou tão próximo de Deus e sinto em minha mente que estou, de fato, cercado da natureza intocada, filha da Criação em todas suas partes,

por qual razão, ao mesmo tempo, sinto que ainda não estou conectado com Deus? Qual é o próximo passo?

Vou então devagar pela pequena praia. Olho pra Baía. Gigante. Suprema, me lembra das minhas fictícias suposições e imaginações quando ainda no longínquo sul. Me dá mais força de continuar. Sua superfície congelada por uma aparentemente profunda camada de gelo. Me sento perto da borda do litoral. Mas, aqui, não há maré; a grande massa congelada não vai se mover e subir. Olho minha mala, largada na areia e neve. Adeus?

A mão no gelo dói, queima. Mesmo com meu tato tão falho, tão desgastado pelo congelamento, levanto e caminho ao longo da orla. Me vou; não sei pra onde, não sei como. Vou andando até encontrar algo, até encontrar seja lá qual seja a indicação final de que, enfim, estarei onde tenho de estar.

Uma hora, eu simplesmente preciso chegar. Chegar, só, sem qualquer continuação. Nada mais.

CAPÍTULO XIII - ANTEMANHÃ

Profunda noite. Andei por incontáveis horas ao longo da costa desde minha chegada. O silêncio é de imenso tamanho e presença. A temperatura gélida, o terreno baldio da borda da praia nas minhas costas sujas de neve e grama morta, a luz de Selene por trás da camada grossa de nuvens fosca e entristecida, além e além. Sinto dor da posição retraída contra a pavuna na encosta da praia, a superfície congelada me dando um ardor da água glacial encharcando todo o tecido da minha blusa. Meus lábios completamente secos. Coriza.

Ainda assim, é lindo, não? Preciso ficar me assegurando disso. Não que não seja. Só que eu preciso ressaltar. Preciso lembrar do porquê aqui estou, de quão maravilhosamente excelso tudo aqui é. Uma natureza hiperfísica, paradoxalmente.

Me vejo aqui, num canto qualquer ao oriente da cidadezinha. Não sei que horas são. Deixei tudo meu na mala. Tenho fome. Mas, pelo menos, esta é a última noite da minha vida por estes lados do mundo. Que orgulho.

Todo e qualquer sofrimento de hoje não será nada senão a gloriosa e áurea vinda de Deus do amanhã. Eu acho. Eu espero, na verdade. Nada haverá senão minha pura libertação, certo? Para o inferno, para o inferno com as dúvidas, com os humanismos, com as memórias, com, com... com, sabe, com tudo isso que está aí. Que viva o que não ainda se há? É, sim.

Uma animação de última hora? A água gelada no meu corpo todo e a leve geada que cai de pouco em pouco, umedecendo com essa friúra minha face, elas em nada afetam essa minha... bem, agora inabalável tenacidade em frente ao que vi.

Tive múltiplas dúvidas, e, de certa forma, não as vi morrer; mas as vejo agora adormecidas, as vejo como fúteis, inúteis, tolas; ou, pelo menos, as ignoro. Temo que não sinto Deus comigo agora, assim como antes tinha; mas, ao mesmo tempo, apesar disso, busco manter minha mais pura confiança nas minhas crenças.

As dores físicas, o marasmo, o temor, tudo isto não é nada senão maquinações do mundo humano para me prender aqui, correto? Sempre foi nisso que eu acreditei, não deve mudar de uma hora pra outra. Portanto, o que mais fazer senão continuar, senão manter-me na linha que eu acreditei (e acredito) por tanto tempo de ter me sido dada por Ele próprio?

Levanto. Sinto uma brisa forte e glacial do longínquo norte. Ei. Finalmente, né? Eu tenho esses súbitos, aleatórios momentos de percepção de onde estou. Hiperbórea. Seu sopro de vida deificada me amaina os nervos. Mesmo que cansem as constantes irritações e contaminações da psiquê. Mesmo que eu sinta ainda o sangue escorrer do nariz e, agora, até dos meus ouvidos, mesmo que meus dedos estejam semimortos, mesmo que me sejam jogadas mil e uma pragas e maldições, o que mais, o que mais faço eu senão continuar?

Caminho, tropico. Sinto alguém me vendo. De um dos distantes casebres na cidadela. Meus olhos marejados tentando se limpar dessa constante geada e neve contra o rosto. Desde o Arquipélago Ártico, atravessando o Polo, vindo das profundezas da Sibéria, do Extremo Leste. A cor desbotada de uma taiga além do horizonte marítimo que eu não vejo, que se vai distante atrás da morta tundra. Tão longínquo, ainda tão próximo. Me sinto já como se no topo do mundo; na mais elevada altitude, aqui para enfim... enfim... enfim. Enfim, né? Finalmente. O quê? Acho que, nesse ponto, nem sei mais. Encontrar Deus. Encontrar a vida eterna e confortável. Encontrar a utopia? Não, no máximo a minha própria utopia pessoal, nada de sociedade. Sei lá.

Caminho devagar. Ponho os pés na superfície de gelo, tão profunda que pesa como concreto. Deslizo, vou sem me mover levemente em frente. Sensação interessante. Meus lábios sangram.

Finalmente, não? Finalmente Deus. Ali. Bem ali. No fundo do horizonte. Vai além da linha visível, atravessa o mundo, se apresenta pelo cosmos, se obscura num pique-esconde em que nós jamais conseguiremos achá-lo. Mas eu irei, não?

De qualquer forma. Pelo menos, Deus está comigo. Eu acho.

CAPÍTULO XIV - NASCER DO SOL

Toca um telefone. Mãe morreu? Quem sabe. Distante, tão distante - não dá tempo de atender.

Incrível gosto insano e carnal de sangue alagado na boca. Sorrio. Alegre. A noite vai morrendo, vai se esvaindo. Com gosto de gelo e do sangue dos meus lábios. Passo a passo surge abaixo do horizonte o Sol. Vem trazendo Deus de pouquinho em pouquinho.

Grandiosa bacia. Olho pra trás; nada vejo. Um infinito plano. Sem som, sem luz, sem cor, sem, sem, sem. Profunda a neblina, inibe finalmente toda e qualquer vista de tudo. Tudo!

Deus! Lá se vai a civilização! Como a brisa súbita no dia de verão quente que te agracia e vai-se embora como se jamais tivesse existido em primeiro lugar. Quem me dera, quem me dera saber que eu poderia um dia estar tão próximo da vida eterna.

Falham as pernas, tremem os joelhos. Até na final transição para os céus o mundo terreno busca nos açoitar. Caio. O joelho ralado no gelo duro e escorregadio. Continuo; agora, a civilização só nos tenta matar, nada mais. Só busca por meio disso tirar-nos de nosso caminho.

Quem somos nós? Eu e Deus, talvez. Ou, ainda, eu e algo; algo que sinto, incorpóreo, como meu guia rumo à libertação. Não tem como saber. É infinitesimal o número daqueles dentre os seres vivos que atingem isto. Esta sensação que por completo independe de quaisquer coisas aqui no mundo físico – pois, afinal, não está entre nós.

Brilha no escuro da madrugada uma luz multicolor que só eu posso ver, mesmo sabendo de sua física escuridão. Vai como arco-íris, como psilocibina. É Ele?

Sinto uma onda de frio cada vez mais forte, mesmo enquanto a madrugada vai decaindo. Vem um vento apoteótico. Digno.

É intravenoso. Deus, sabe. Ele consegue penetrar nossa psiquê. Vai ao fundo. Joga, modifica. Nesses momentos você o sente maior do que qualquer coisa. Maior do que preocupações, maior do que dúvidas, maior que o passado e maior que o futuro. É o tudo, é o agora; você o sente. Vê, diz: lá vem o Velho. Vem sem quaisquer obstáculos. Teu corpo não passa de massa visceral, não passa de sangue e tripas inúteis. Oco, aberto.

Aqui eu enfim sinto com Deus em sua totalidade o sangue esguichando de minhas veias abertas, deixando sair finalmente cada último respingo de um passado e de um possível presente e futuro que já se vai para os anais da ficção. Sai a civilização humana, sai o Brasil, sai São Paulo. Não mais português, não mais binarismo de gênero, não mais heterossexualidade, não mais liberalismo, não mais lusotropicália, não mais acumulação de capital, não mais agrado por agradar. Não, jamais.

Admito aqui que jamais me esforcei para compreender os males da humanidade. Talvez uma falha minha? Quem sabe. Essa incompreensão é, porém, suprida por minha inabalável certeza na maldição eterna da humanidade. Minhas dúvidas estão gradualmente sendo sanadas enquanto aqui caminho em frente, buscando as verdades universais de Deus que estão já logo aí.

Ei. Mas, sabe. Talvez tenha tudo valido a pena, mesmo, não? Se eu acredito tão fielmente nisso, então nada pode ser perdido. Mas... bem, eu estou certamente correto, não? Este tipo de dúvida não é válido. Que flutuação! É indigno de mim tanto duvidar de minhas próprias crenças. Há tamanha variação entre crença e descrença ao ponto de que eu tenho de me flagelar para me manter num caminho só. Hei de me arrepender? Não, não, não, não! Aqui estou! Já disse! Aqui senti Deus, aqui sinto Deus! Vejo ainda a coloração psicoativa do cosmos se transparecendo ao longo do grande céu. Caleidoscopia, caleidoscopia! Brilha, enfim!

Enfim. Minhas dores se inibem. Sinto paz de espírito através das parcas dúvidas que surgem e decidem irromper meu caminho longo que hoje termina. Me lembro, ocasionalmente, de coisas do distantíssimo passado. Um de talvez semanas atrás, quando estava eu, em alma, a milhões de quilômetros de distância do meu atual espaço como alma, como espírito. Mãe, Pai, patrão, locatária. Poucos nomes, não? Nunca tive muita gente nos meus entornos, nunca precisei nem quis. Sempre buscaram falsamente ajudar, buscar assaltar e impedir. Fazem, sabendo ou não de tudo para acabar com quaisquer esforços provenientes de mim, há décadas sem fim, para eu enfim atingir a mais pura e divina liberdade sob o eterno Reino de Deus na Terra. São falsamente ensinados, e, da mesma forma, falsamente ensinam. Mas, ei. Se o sangue deles estiver em mim, no fim, não importa. Eu nada mereço senão a luz de Deus, e estes impedimentos terrestres apenas atrapalharam meu caminho desde sua concepção.

Caminho devagar. Aqui começam dez mil séculos de solidão, não? Solidão? Nem mais sei. Nem tenho como saber se estou só, se não. Me sinto certamente extremamente isolado de toda e qualquer existência além da de Deus e da grandiosa natureza. Me esqueço das questões físicas, me deixo levar. E tudo bem, sabe?

Nesse longo caminho, aquele que é o único capaz de seguir meus passos – sou eu mesmo. Aquele eu na praça quente no ápice da madrugada, enfim tendo o cataclisma da epifania final; aquele eu observando os céus enevoados e enormes acima da América do Norte, esperançoso e, ao mesmo tempo, sobrecarregado pela emoção de finalmente ter saído do mesmo local onde vivi a vida toda; aquele eu na primeira nevasca de todas, observando enfim sonhos de décadas tornando-se materiais em frente aos meus olhos enquanto eu via um símbolo categórico da eliminação completa da existência de um mundo anterior na qual vivia por meio da congregação de múltiplas coisas da natureza que demonstravam que eu, enfim, não mais estava onde sempre estive; aquele eu observando, há minutos atrás, o longínquo horizonte de

uma bacia congelada levando rumo ao grandioso Oceano Ártico, símbolo da inumanidade e da incivilização, símbolo do fim de um ciclo de vida que apenas me levou rumo ao completo distanciamento meu de tudo aquilo que antes vivi. "Será que fiz certo, será que fiz errado" – nada importa. Acaba que meus pensamentos de concordância e discordância se diluíram finalmente na aceitação final. Nada há de ser feito – eu sou eu, sou o que sou, estou onde estou, no momento em que estou, fazendo o que faço, e nada mais pode existir além disso.

Olho para o grande e eterno horizonte. A linha bela vai dando espaço ao Sol vindouro. Um alaranjado claro passa através do profundo nevoeiro. Lá está Deus. Quem mais poderia ser? É apoteótico, é confuso, é amedrontador, mas é maravilhosamente lindo. Ele surge como uma figura gigantesca para mim, vai aos poucos se aparecendo. Ah, Deus! Estou aqui, enfim! Veja, sim, sim! Pronto afinal para adentrar Vosso Reino! Quem senão eu, quando senão agora!

Sim. Ele me sabe. Eu O sei. Graças à... graças à Deus. Nada mais pode ser dito senão isso.

Toda e qualquer dor lentamente se esvai do meu corpo. Vai-se embora Tales de Mendonça Taiguara, assim deixando o Eu, sem quaisquer adjetivos ou denominações, livre e solto. Enfim o encontro final, não? Sinto tudo. Sinto o corpo sumindo e enfim encontrando seu destino final, seu destino vindo diretamente Dele. Sinto o frio intenso. Sinto a pele em necrose e sinto o sangue escorrendo da boca.

O gelo queima a pele do meu rosto.